



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

ELISABETE BAÚ

**RELATIVAS LIVRES E INTERROGATIVAS ENCAIXADAS NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

CHAPECÓ

2016

ELISABETE BAÚ

**RELATIVAS LIVRES E INTERROGATIVAS ENCAIXADAS NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação da Prof^a Dr^a Ani Carla Marchesan.

CHAPECÓ

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D
CEP: 89802-210
Caixa Postal 181
Bairro Jardim Itália
Chapecó - SC
Brasil

Baú, Elisabete

As Relativas Livres e as Interrogativas Encaixadas no
Português Brasileiro/ Elisabete Baú. -- 2016.
112 f.

Orientadora: Dra. Ani Carla Marchesan.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos (PPGEL), Chapecó, SC, 2016.

1. Gramática Gerativa. 2. Relativas Livres. 3.
Interrogativas Encaixadas. 4. Ambiguidade. I. Marchesan,
Dra. Ani Carla, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

ELISABETE BAÚ

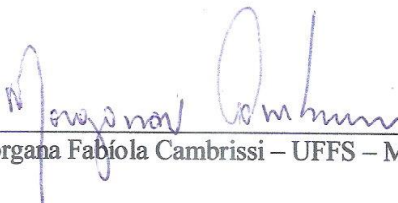
**RELATIVAS LIVRES E INTERROGATIVAS ENCAIXADAS NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da
Universidade Federal da Fronteira Sul para obtenção do título de Mestre em Linguística,
defendido em banca examinadora em 07/07/2016.


Orientadora: Profª. Dra. Ani Carla Marchesan

Aprovado em: 7/7/2016

BANCA EXAMINADORA:


Profª. Dra. Morgana Fabíola Cambrissi – UFFS – Membro interno


Prof. Dr. Paulo Medeiros Júnior – UNB – Membro externo

Profª. Dra. Cláudia Finger-Kratochvil – UFFS – Membro suplente

Chapecó/SC, julho de 2016.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos:

A Deus, por me permitir trilhar esse caminho e ser a força precisa nas horas mais imprecisas;

Ao meu esposo Cristiano, por ser meu porto seguro e apoio incondicional;

Aos meus pais que sempre incentivaram e acreditaram que eu seria capaz, sou muito grata por todos os ensinamentos, por serem exemplos de vida e me mostrarem o caminho certo a seguir;

À minha família, pelo apoio e amor sempre constantes e revigorantes;

À minha orientadora prof^a Dr^a. Ani Carla Marchesan, por aceitar esse desafio proposto a ser realizado em tão pouco tempo, por seu carinho, paciência e dedicação à pesquisa, não existem palavras que sejam capazes de expressar minha admiração, gratidão e carinho;

Ao meu segundo lar, lugar de amor e apoio ilimitado encontrado nas pessoas de Ana Priscila de Góis e Marcelo Costuchenko;

À prof^a Dr^a. Aline Peixoto Gravina, por não me deixar desamparada quando tudo parecia perdido e auxiliar na pesquisa com tantas contribuições;

À prof^a Dr^a. Núbia Saraiva Ferreira, pela dedicação, carinho e ensinamentos transmitidos;

Ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFFS e, em especial, à Capes pelo suporte financeiro durante a minha pesquisa;

Aos professores Paulo Medeiros Júnior e Morgana Fabíola Cambrussi por aceitarem o convite para participar da banca examinadora e pelas preciosas contribuições;

Aos amigos que aqui encontrei e que serão para sempre lembrados, e os demais que não nomearei, mas que representam muito em minha vida. Obrigada pelas palavras de incentivo, amizade e discussões sintáticas.

À Rejane Camila Nickel, por sua amizade, discussões sintáticas e auxílio na língua estrangeira.

RESUMO

Este trabalho se dedica ao estudo das sentenças encaixadas do português brasileiro (PB): relativas livres e interrogativas indiretas, sob o escopo de estudos gerativistas como os de Ross (1967), Chomsky (1977), Bresnan e Grimshaw (1978), entre outros. A motivação para essa pesquisa é, além de interesse pessoal, a constatação de que essas sentenças podem apresentar uma linearidade igual, como em *João comeu [RL o que Maria cozinhou]* e *João perguntou [IE o que Maria cozinhou]*. Ademais, conforme destacado em Caponigro (2003), Mória (1992) e Prestes (2012), não há consenso sobre o estatuto de sentenças encaixadas introduzidas pelos verbos *ver*, *ignorar*, *esquecer-se*, *lembrar-se*, *saber*, *revelar*, *descobrir*, *perceber*, *notar* e *ouvir*. Segundo os autores citados, esses verbos são ambíguos, pois selecionam tanto relativas livres quanto interrogativas indiretas, como na encaixada contida em *João sabe/viu/revelou [RL/IE o que Maria cozinhou]*, o que se constitui como um problema para a teoria gerativa. Assim, por meio deste estudo objetivamos: a) estabelecer as propriedades das relativas livres e das interrogativas indiretas; b) comparar sintaticamente e semanticamente os dois tipos de encaixadas, além de aplicar testes disponíveis na literatura para identificar relativas livres e/ou interrogativas indiretas; c) observar o comportamento das sentenças encaixadas selecionada pelos verbos considerados ambíguos (citados acima) ao aplicá-los nos mesmos testes que identificam o tipo da encaixada; d) identificar uma possível solução para o problema na diferenciação das relativas livres e das interrogativas indiretas. Com esse estudo, constatamos, entre outros aspectos, que os verbos considerados ambíguos passam na grande maioria dos testes (que identificam relativas livres e que identificam interrogativas indiretas). Assim, como solução provisória, não livre de problemas, seguiremos os estudos de Suñer (1991, 1993), Matos e Brito (2013) e Nye (2013) e afirmaremos que essas encaixadas são, na realidade, *sentenças resolutivas* (nos termos de NYE, 2013) ou *sentenças interrogativas indiretas impróprias* (nos termos de MATOS; BRITO, 2013). Essas sentenças não apresentam traço [+interrogativo] (como uma interrogativa verdadeira); têm natureza declarativa e são selecionadas pelos verbos “ambíguos” aqui analisados.

Palavras-chave: Gramática Gerativa. Relativas Livres. Resolutivas. Interrogativas Indiretas (Próprias). Ambiguidade.

ABSTRACT

This work is dedicated to the study of Brazilian Portuguese (PB) embedded sentences: free relatives and indirect questions, through the scope of generative studies, like Ross (1967), Chomsky (1977), Bresnan and Grimshaw (1978) among others. The motivation for this research is, beside personal interest, the finding that these sentences may have the same linearity, as in *João comeu* [_{RL} *o que Maria cozinhou*] e *João perguntou* [_{IE} *o que Maria cozinhou*]. In addition, as highlighted in Caponigro (2003), Mória (1992) and Prestes (2012), there is no consensus on the status of embedded sentences introduced by verbs: *ver* (to see), *ignorer* (to ignore), *esquecer-se* (to forget), *lembrar-se* (to remind), *saber* (to know), *reveler* (to reveal), *descobrir* (to discover), *perceber* (to seem), *notar* (to note) and *ouvir* (to hear). According to these authors, these verbs are ambiguous because both select free relative and indirect interrogative, as in the embedded sentence: *João sabe/viu/revelou* [_{RL/IE} *o que Maria cozinhou*], which constitutes a problem for generative theory. In this way, through this study we aim to: a) establish the proprieties of free relatives and indirect questions; b) compare syntactically and semantically the two types of embedded sentences, besides to apply available tests in literature to identify free relatives and/or indirect questions; c) observe the behavior of embedded sentences selected by verbs considered ambiguous (cited above) and apply them in the same tests which identify the type of embedded; d) identify a possible solution to the problem in the differentiation of free relatives and indirect questions. With this study, we encounter, among other aspects that the verbs which are considered ambiguous pass in the biggest part of the tests (which identify free relatives and indirect questions). So, like a temporary solution, not free of problems, we will follow the studies of Suñer (1991 and 1993), Matos and Brito (2013) and Nye (2013) and we affirm that the embedded sentences are, in fact, *resolutive sentences*, in the term of NYE, 2013) or improper indirect question sentences (in terms of MATOS;BRITO, 2013). These sentences do not present feature [+interrogative] (like a real interrogative); have declarative nature and are selected by ambiguous verbs here analyzed.

Keywords: Generative Grammar. Free Relatives. Resolutives. (Proper) Indirect Questions. Ambiguity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AP	Adjective phrase/ sintagma adjetivo
CP	Complementizer phrase / sintagma complementizador
DP	Determiner phrase / sintagma determinante
EC	Empty category/ categoria vazia
FOC	Foco
FR	Relativa Livre / Free Relative
IP	Inflectional phrase/sintagma flexional
NP	Nominal phrase / sintagma nominal
ON	Operador Nulo
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PP	Prepositional phrase/ sintagma presposicional
RN	Head relatives / relativa com núcleo
Spec	Specifier / especificador
SN	Sintagma nominal
s/n-INT / y/n-INT	Interrogativa sim/não / yes/no question
wh-INT	Interrogativa-wh
t	Trace / vestígio
VP	Verbal phrase/ sintagma verbal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 PROPRIEDADES DAS RELATIVAS LIVRES E DAS INTERROGATIVAS INDIRETA.....	13
1.1 AS RELATIVAS LIVRES.....	13
1.1.1 Definição.....	13
1.1.2 Propriedades sintáticas.....	21
1.1.2.1 Funções sintáticas.....	22
1.1.2.2 Requerimentos de Compatibilidade.....	25
1.1.2.3 Ilhas Wh.....	29
1.1.3 Resumo das propriedades das relativas livres.....	31
1.2 AS INTERROGATIVAS.....	32
1.2.1 Interrogativas diretas.....	32
1.2.2 Interrogativas indiretas (encaixadas).....	34
1.2.3 Resumo das propriedades das interrogativas indiretas.....	37
1.3 RESUMO DO CAPÍTULO.....	38
2 RELATIVAS LIVRES <i>versus</i> INTERROGATIVAS INDIRETAS.....	40
2.1 DIFERENÇAS SINTÁTICAS.....	40
2.2 DIFERENÇAS SEMÂNTICAS.....	45
2.3 TESTES PARA DIFERENCIAR RELATIVAS LIVRES de INTERROGATIVAS INDIRETAS.....	47
2.3.1 Testes que identificam interrogativas indiretas.....	47
2.3.1.1 Testes de substituição.....	47
2.3.1.2 Testes de inserção.....	49
2.3.1.3 Teste de transformação.....	52
2.3.2 Testes que identificam relativas livres.....	53
2.3.2.1 Deslocamento por movimento da passiva.....	54
2.3.2.2 Topicalização com cliticização.....	55

2.3.2.3 Inserção do <i>quer que</i> logo após o pronome-Wh.....	56
2.4 RESUMO DO CAPÍTULO	57
3 UMA ANÁLISE QUANTO À AMBIGUIDADE VERBAL.....	59
3.1 VERBOS CONSIDERADOS AMBÍGUOS (CAPONIGRO, 2003; MÓIA, 1992; PRESTES, 2012;).....	59
3.2 SONDANDO OS TESTES APRESENTADOS NO CAPÍTULO II.....	61
3.2.1 Testes de substituição.....	62
3.2.2 Outros testes com encaixadas introduzidas pelo pronome <i>quem</i>	64
3.2.3 Outros testes com encaixadas introduzidas pelo pronome <i>o que</i>	68
3.2.4 Outros testes com encaixadas introduzidas pelo pronome <i>quanto</i>	72
3.2.5 Outros testes com encaixadas introduzidas pelo pronome <i>quando</i>	75
3.2.6 Outros testes com encaixadas introduzidas pelo pronome <i>onde</i>	79
3.2.7 Outros testes com encaixadas introduzidas pelo pronome <i>como</i>	82
3.3 RESUMO DO CAPÍTULO	85
4 RELATIVAS LIVRES <i>versus</i> INTERROGATIVAS INDIRETAS: EM BUSCA DE UMA DISTINÇÃO.....	88
4.1 PROPOSTAS DE SOLUÇÃO APRESENTADAS NA LITERATURA.....	88
4.1.1 Bresnan & Grimshan (1978).....	88
4.1.2 Mória (1992).....	89
4.1.3 Caponigro (2003).....	90
4.1.4 Marchesan (2012).....	91
4.1.5 Prestes (2012).....	92
4.2 À GUISA DE UMA SOLUÇÃO.....	93
4.2.1 Resolutivas <i>versus</i> Interrogativas indiretas (próprias).....	93
4.2.2 Resolutivas <i>versus</i> Relativas livres.....	101
4.3 RESUMO DO CAPÍTULO.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS.....	109

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, sob a luz dos estudos gerativistas de Ross (1967), Chomsky (1977), Bresnan e Grimshaw (1978), entre outros, objetiva distinguir dois tipos de sentenças: as relativas livres e as interrogativas indiretas.

As relativas livres são sentenças encaixadas, que têm um pronome relativo que apresenta, implicitamente, aquilo que seria o núcleo de uma relativa com núcleo:

(1) Maria ajudou [quem passou na prova].

Em (1), podemos observar que o pronome *quem* tem traços semânticos do núcleo nominal (incorporado ao pronome relativo) na estrutura subjacente. Assim, o pronome *quem* substitui aquilo que seria o núcleo nominal da sentença (como por exemplo, *a pessoa que passou na prova*).

As interrogativas indiretas, por sua vez, são sentenças encaixadas que contêm uma pergunta indireta (sem o ponto de interrogação). Nessas sentenças, o verbo da matriz deve selecionar semanticamente (s-seleção) uma sentença encaixada que tenha traço [+interrogativo]:

(2) Maria perguntou [quem passou na prova].

Mesmo não sendo uma interrogação explícita (com o ponto de interrogação), em (2), verificamos a necessidade de uma resposta, ou seja, existe um questionamento sobre que pessoa(s) passou(aram) na prova.

Assim, por serem sentenças encaixadas aparentemente análogas (*quem passou na prova*), por longa data, acreditou-se não haver distinção entre elas. A fim de auxiliar nesta diferenciação, diversos autores (MEDEIROS JUNIOR, 2005; MÓIA, 1992; CAPONIGRO, 2003; MARCHESAN, 2008, 2012; entre outros) propuseram teste que identificavam o tipo da sentença encaixada: se se tratava de uma relativa livre ou de uma interrogativa indireta.

Além disso, foram apontados por Caponigro (2003), Mória (1992) e Prestes (2012) os verbos *ver*, *ignorar*, *esquecer-se*, *lembrar-se*, *saber*, *revelar*, *descobrir*, *perceber*, *notar* e *ouvir* como ambíguos, pois eram capazes de selecionar tanto relativas livres quanto interrogativas indiretas, como nas sentenças em (3) abaixo:

- (3) a. Maria viu [quem passou na prova].
b. Maria sabe [quem passou na prova].

Assim, os objetivos desta dissertação são responder aos seguintes questionamentos: (i) Quais são as propriedades (sintáticas e semânticas) das relativas livres e das interrogativas indiretas? ; (ii) Quais são os testes disponíveis na literatura capazes de identificar os dois tipos de encaixadas estudadas? (iii) Qual é o comportamento dos verbos considerados ambíguos ao serem submetidos a testes capazes de identificar o tipo da encaixada? Assim, ao respondermos esses questionamentos, desejamos, então, apresentar uma possível solução para o problema na diferenciação das relativas livres e das interrogativas indiretas.

Desta forma, objetivando uma solução, recorreremos a Matos e Brito (2013), Suñer (1991, 1993) e Nye (2013), cujos estudos desenvolvidos afirmam que há uma divisão nas interrogativas indiretas, apresentando uma nova classificação verbal: as *sentenças resolutivas* (NYE, 2013).

O presente trabalho se estrutura em quatro capítulos. No capítulo I, apresentamos as propriedades sintáticas das relativas livres, diferenciando-as de uma relativa com núcleo. Além disso, apresentamos as características sintáticas das interrogativas indiretas.

No capítulo II, cientes das propriedades das duas sentenças encaixadas em estudo, estabelecemos um comparativo, tanto sintático quanto semântico. Em seguida, analisamos os testes disponíveis na literatura capazes de diferenciar relativas livres e interrogativas indiretas.

O capítulo III destina-se a observação e análise dos verbos considerados ambíguos por Caponigro (2003), Mória (1992) e Prestes (2012). Utilizamos os mesmos testes do capítulo anterior para verificar a ambiguidade dos verbos.

No último capítulo (IV), inicialmente verificamos como outros autores tratam essa distinção entre relativas livres e interrogativas indiretas e, em seguida, norteados pelos trabalhos de Matos e Brito (2013), Suñer (1991 e 1993) e Nye (2013), estabelecemos um comparativo entre interrogativas indiretas próprias e resolutivas. Além disso, é realizada, na última seção deste trabalho, uma análise objetivando distinguir as relativas livres e as chamadas resolutivas.

CAPÍTULO I

1 PROPRIEDADES DAS RELATIVAS LIVRES E DAS INTERROGATIVAS INDIRETAS

Neste capítulo, apresentaremos os aspectos sintáticos das relativas livres e das interrogativas indiretas, para que assim, possamos estabelecer características que possibilitem suas distinções.

1.1 AS RELATIVAS LIVRES

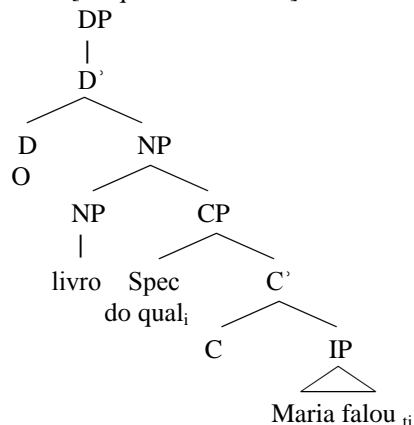
Iniciaremos este capítulo pela abordagem dos aspectos sintáticos das relativas livres a fim de caracterizarmos esse tipo de sentença encaixada.

1.1.1 Definição

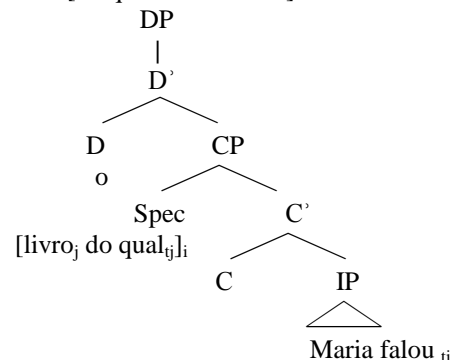
Para estabelecer as propriedades das relativas livres com segurança, primeiro, é interessante definirmos o que são relativas com núcleo. Pensando apenas nas relativas com núcleo do tipo restritivas do PB, pode-se definir, seguindo Marchesan (2008), que são sentenças encaixadas como adjunto de um nome, de acordo com o modelo proposto por Ross (1967) e consolidado em Chomsky (1977)¹, e introduzidas por um pronome relativo²:

¹ Na literatura sobre relativas restritivas, destacam-se duas análises: a primeira proposta por Ross (1967) e consolidada em Chomsky (1977), chamada de Modelo Tradicional ou *Standard* (representada em i.a), em que a relativa é vista como adjunto do nome; e a segunda, inicialmente proposta por Brame (1968) e retomada por Kayne (1994), denominada Modelo *Raising* ou Alçamento (representada em i.b), em que a relativa é tida como complemento do determinante:

(i) a. O livro [do qual Maria falou].



b. O livro [do qual Maria falou].



- (4) a. João escreveu o texto [que Maria apresentou *ec*].
 b. João escreveu o texto [sobre o qual nós discutimos *ec*].
 c. João escreveu o texto [que nós discutimos sobre *ec*].
- (5) a. João escreveu o texto [que nós discutimos sobre ele].
 b. João escreveu o texto [que nós discutimos ~~sobre~~ *ec*].

As sentenças encaixadas de (4) e (5), entre colchetes, são adjunto do nome *texto*. A elas dá-se o nome de *relativas com núcleo*. *Relativas*, porque contêm um núcleo nominal que é relativizado (compartilhado) com a sentença matriz – em (4a), por exemplo, *texto* funciona como objeto direto do verbo *escrever* (na sentença matriz) e do verbo *apresentar* (na encaixada). Essa relativização ocorre através do Spec do CP que contém o pronome relativo (ou o ON, conforme nota 2) que foi movido (por movimento-wh) para a periferia esquerda da relativa. Com núcleo, porque elas contêm um núcleo, que é o núcleo nominal relativizado.

De acordo com Tarallo (1983), as relativas com núcleo são divididas em dois grupos. O primeiro é chamado de relativa padrão por corresponder às sentenças aceitas pela tradição gramatical. São as sentenças encaixadas de (4). Essas relativas se subdividem em *relativas padrão DP*, *relativas pied piping* e *relativas com preposição órfã*. Um exemplo de *relativa padrão DP* é a encaixada de (4a), que, segundo Valer (2008, p.37), caracteriza-se por ter um pronome relativo encabeçando a sentença (*que*³) e uma categoria vazia (*ec*) correferente ao pronome relativo na posição de onde o pronome foi movido.

De acordo com Kenedy (2002), na década de 80, o Modelo Tradicional (i.a) destacou-se, tornando-se referência para os estudos sobre as sentenças relativas. Esse modelo caracteriza-se pelo fato de o alvo da relativização ser um NP e por haver movimento do pronome relativo para o Spec do CP (*wh-movement*). Este NP não faz parte da estrutura de CP, ou seja, CP e NP se relacionam através de uma adjunção. Devido à influência do trabalho de Kayne, nos anos 90, o Modelo *Raising*, iniciado por Brame (1968), voltou a ser utilizado para descrever os estudos das relativas. Nesse modelo, a ordem dos constituintes teria ligação direta com a estrutura hierárquica dos elementos. Assim, o que ocorre é um alçamento do NP alvo da relativização dentro da relativa. Ou seja, o NP é alçado a Spec de CP. Por essa análise, a relativa passa a ser vista como um complemento do determinante. Podemos observar que existem diferenças nos dois modelos. Uma quanto à estrutura sintática das relativas e outra relacionada ao alvo da relativização. Neste trabalho, não objetivamos verificar qual dos dois Modelos é mais adequado ou que responda a mais questionamentos. Desta forma, optamos por analisar as sentenças deste trabalho através do Modelo Tradicional, sob a perspectiva de Ross (1967).

² No Modelo Tradicional (ROSS, 1967; CHOMSKY, 1977 e outros), o *que* é tido como complementizador e há um Operador Nulo (ON) estipulado para ficar no lugar do pronome relativo, impedindo a saída dos constituintes de dentro da relativa e fazendo a concordância com o núcleo. O ON foi muito criticado por alguns autores, por ser arbitrário. Por isso, apesar de seguirmos esse Modelo, trataremos o *que* como um pronome relativo (para não precisar usar o ON).

³ Conforme abordado anteriormente, sabemos que a definição do *que* como pronome relativo não é consensual, mas não iremos entrar nessa discussão, porque esse não é o objetivo deste trabalho.

As *relativas pied piping*, como a encaixada de (4b), contêm uma preposição (*sobre*) antecedendo o pronome relativo (*o qual*), além de uma categoria vazia correferente ao PP *sobre o qual*. E, por fim, as *relativas com preposição órfã* (*preposition stranding relatives*), como a encaixada contida em (4c), em que o movimento para a periferia esquerda da sentença é só do pronome relativo, deixando a preposição *in situ* (preposição órfã)⁴.

O segundo grupo é composto pelas relativas não padrão, ou seja, aquelas que não atendem aos padrões da gramática tradicional. São as sentenças encaixadas de (5). Essas relativas se subdividem, seguindo a nomenclatura proposta por Tarallo (1983), em *relativas resumptivas*, também chamadas de *relativas com pronome lembrete* ou *relativas copiadoras* (5a) e *relativas cortadoras* (5b). No primeiro caso, no lugar da categoria vazia (*ec*) há um pronome que retoma o núcleo nominal. Esse pronome deve concordar em gênero, número e pessoa com o núcleo nominal, como ocorre em (5a) com o pronome *ele*. No outro tipo de relativa não padrão, a *cortadora* (5b), há um apagamento da preposição regida pelo verbo.

Uma relativa com núcleo pode facilmente ser dividida em duas sentenças simples, (cf. 3):

- (6) a. João escreveu o texto [que Maria apresentou *ec*].
 a'. João escreveu o texto.
 a''. Maria apresentou o texto.

Podemos observar que o constituinte compartilhado pode ser recuperado ao dividirmos a sentença que contém uma relativa com núcleo em duas sentenças simples. Através desta estratégia (cf. MARCHESAN, 2008, p.15) conseguimos recuperar o constituinte relativizado – o núcleo nominal *texto*. Em (6a), não há repetição do núcleo nominal *texto*, uma vez que a categoria vazia (*ec*) ocupa a posição onde o núcleo nominal deveria estar.

Além das relativas com núcleo, também é possível construirmos relativas sem o núcleo nominal:

4 Esse tipo de relativa é encontrado em línguas germânicas, como o inglês (i) e nas línguas escandinavas; mas muito difícil em línguas românicas, como o PB:

(i) a. The person [[who] Mary talked *to*]. (KENEDY, 2002, p. 112)
 b. *Esse é o *restaurante* [[*qual*] mais gosto *do*].

No entanto, apesar de esporádicos, de acordo com Kenedy (2002), existem alguns exemplos de relativa com preposição órfã em PB. Nessas sentenças, as preposições não regem elemento visível ou regem vestígio de elemento deslocado conforme os exemplos:

(ii) a. Nós somos *contra*!
 b. Este é o texto [_{RN} que nós discutimos *sobre*].

Para o autor, quando a preposição tiver mais carga lexical é possível a construção de sentenças com preposição órfã em PB.

- (7) a. João escreveu [o que Maria apresentou].
 b. João convidou [quem estava na lista] para a festa.
 c. João não pagou [quanto queriam pela casa].

A diferença entre as sentenças de (4) e (5) com as de (7) é que essas não contêm um núcleo nominal na estrutura superficial. Veja que, as sentenças encaixadas contidas em (8), são, em certos aspectos, a versão sem núcleo nominal de uma relativa com núcleo (conforme (8), abaixo). Assim, por não terem um núcleo nominal na estrutura superficial, denominam-se *relativas sem núcleo nominal (headless free relatives)*, ou, o termo que utilizaremos: *relativas livres (free relatives)*⁵.

- (8) a. João escreveu o texto [que Maria apresentou].
 b. João convidou as pessoas [que estavam na lista] para a festa.
 c. João não pagou a quantia [que queriam pela casa].

Em certos aspectos, porque houve a modificação do pronome relativo *que* para *o que* (em 7a), *quem* (em 7b) e *quanto* (7c). Isso ocorre, como veremos a seguir, porque o pronome relativo das relativas livres incorpora os traços semânticos do que seria o núcleo nominal de uma relativa com núcleo.

De acordo com Leonarduzzi (2000), relativas livres sempre podem ser parafraseadas por relativas com núcleo, porque, apesar de não terem um núcleo nominal na estrutura superficial, têm traços semânticos do núcleo nominal (incorporado ao pronome relativo) na estrutura subjacente. Segundo a pesquisadora, a sentença que contém uma relativa livre pode ser dividida em duas sentenças simples, assim como ocorre com uma sentença que contém uma relativa com núcleo (cf. 6, acima):

- (9) João escreveu o que Maria apresentou.
 => João escreveu algo/alguma coisa.
 => Maria apresentou algo/alguma coisa.

⁵ Veja que, apesar de não haver um *núcleo nominal* sendo *relativizado*; a relativização das relativas livres ocorre (por isso a manutenção da terminologia *relativas* livres) através do pronome relativo que, como veremos, incorpora os traços semânticos do que poderia ser um núcleo nominal.

A explicação da autora segue Huddleston (1971, p.233-235 apud LEONARDUZZI, 2000, p.134) cujo texto mostra que a presença de traços semânticos de um núcleo nominal na estrutura profunda (subjacente) de uma relativa livre é imprescindível para podermos explicar “as restrições de seleção que se aplicam aos sintagmas nominais da sentença matriz.” (tradução nossa). Caso isso não seja postulado, as diferenças de gramaticalidade das sentenças abaixo ficariam sem explicação:

(10) a. What she held in her hand was green and sticky.

“O que ela tinha na mão era verde e pegajoso.”

b. *What she told John was green and sticky.

“O que ela falou ao João era verde e pegajoso.”

(LEONARDUZZI, 2000, p.134, tradução nossa)

“Se a primeira sentença [10a] é aceitável, explica Huddleston, é porque os dois grupos nominais (NP=sintagma nominal) de *Ela tinha NP em sua mão e NP era verde e pegajoso*, podem ser idênticos.” (p. 134, tradução nossa). Ou seja, em ambas as sentenças simples, os NPs estão sujeitos têm as mesmas restrições - devem ter o mesmo traço semântico: [+objeto físico]. (10b) é agramatical porque o verbo *told* (falar) não pode ter como objeto um núcleo nominal marcado com o traço [+objeto físico]. Segundo Leonarduzzi (2000), isso é assim, porque há duas restrições pesando sobre o NP: uma da sentença matriz e outra da encaixada, “o que pode ser explicado se reconhecermos que na estrutura profunda há duas ocorrências do mesmo sintagma nominal.” (p.134, tradução nossa). Se não estipularmos esses traços do núcleo nominal na estrutura subjacente, não conseguiríamos explicar as restrições de gramaticalidade de (10).

Outro argumento que reforça a tese de que os traços do que seria o núcleo nominal de uma relativa livre estão na estrutura profunda, apresentado por Corneliscu (1986 apud LEONARDUZZI, 2000, p.134), é que o verbo da sentença matriz concorda em número com o núcleo nominal:

(11) a. [What money she has] is in the safe.

“Quanto dinheiro ela tem está no banco.”

b. [What books she has] are in the bedroom.

“Quais livros ela tem estão no quarto.”

(LEONARDUZZI, 2000, p.135, tradução nossa)

A partir dessas sentenças, a autor confirma que o sujeito da sentença matriz não pode corresponder/coincidir com a própria relativa livre. Se o sujeito da matriz fosse toda a relativa livre (*what books she has*), o verbo da matriz deveria ficar no singular, o que não é o caso de (11b). É, portanto, *livros/books*, que concorda com ao verbo da matriz.

Assim, na esteira de Leonarduzzi (2000), diremos que o pronome relativo das relativas livres têm, na estrutura profunda, traços semânticos de um núcleo nominal e que esses traços estão incorporados ao pronome relativo. Por isso, seguindo Marchesan (2012), diremos que o pronome relativo das relativas livres é sempre do tipo especificado. O pronome relativo *o que*, por exemplo, incorpora os traços de *coisa* [-humano] e [-animado]; o pronome relativo *quem* incorpora o traço de *pessoa* [+humano] e [+animado]; e o pronome relativo *quanto* incorpora os traços de [+quantia] e [-animado].

Por serem especificados, esses pronomes relativos não podem estar adjacentes a núcleos nominais que tenham os mesmos traços semânticos (LEONARDUZZI, 2000; MARCHESAN, 2008, 2012). Isso explica a agramaticalidade das sentenças em (12), abaixo, em que os pronomes relativos *o que*, *quem* e *quanto* estão adjacentes aos núcleos nominais *texto*, *pessoas* e *quantia*, que contêm os mesmos traços semânticos:

- (12) a. *João escreveu o texto [o que Maria apresentou].
 b. *João convidou as pessoas [quem estavam na lista] para a festa.
 c. *João não pagou a quantia [quanto queriam pela casa].

De acordo com os autores, a manutenção desses pronomes relativos especificados, numa relativa com núcleo, só é possível se houver uma preposição quebrando a adjacência entre o núcleo nominal e o pronome relativo:

- (13) a. João não explicou o propósito [*para o que* o texto foi escrito].
 b. João conheceu a pessoa [*com quem* Maria sai toda noite].
 c. João não pagou a quantia [*de quanto* queriam pela casa].

Além dos pronomes *o que*, *quem* e *quanto*, também são introdutores de relativas livres: *quando*, *onde* e *como*:

- (14) a. A festa só começou [quando⁶ o aniversariante chegou].
 b. Maria mora [onde o Pedro foi assassinado].
 c. João trabalha [como o chefe manda].

Esses pronomes relativos (*quando*, *onde* e *como*) conseguem introduzir relativas livres, porque incorporam os traços *tempo*, *lugar* e *modo* respectivamente, conforme apresentado em Mória (1992, p. 57) e retomado em Marchesan (2012, p. 24):

- (15) a. quando = no momento (em) que [+tempo]
 b. onde = no lugar (em) que [+ locativo]
 c. como = da forma/modo que [+ modo]

Já o *que*, o *qual* e o *cujo*, são, segundo a autora, subespecificados (não incorporam traços semânticos do que seria o núcleo nominal de uma relativa com núcleo) e, por isso, aceitam itens lexicais de qualquer tipo semântico como antecedente ([+/-animado]; [+/-humano] etc.) (cf. (16) abaixo) (MARCHESAN, 2012). Nesses casos, a sentença encaixada formada será gramatical, mas não será uma relativa livre:

- (16) a. João derrubou o livro/o cachorro/o menino que estava na cadeira.
 b. João derrubou o livro/o cachorro/o menino do qual você falou.
 c. João derrubou o livro/o cachorro/o menino cuja foto a Maria guarda.

⁶ A gramática tradicional considera sentenças com *quando* uma adverbial simples. Ao contrário, nesta dissertação, consideramos as sentenças, como em (ia), relativas livres. Um teste possível para provar tal afirmação consiste em parafrasear a sentença por uma relativa com núcleo nominal:

- (i) a. Maria desmaiou [quando Pedro chegou].
 b. Maria desmaiou no momento [em que Pedro chegou].

Em (ia) temos uma relativa livre, a qual é facilmente parafraseada por uma relativa com núcleo (ib), substituindo o pronome relativo *quando* pelo núcleo nominal *momento*, que contém os mesmos traços semânticos. Porém, conforme apontado pelo Dr. Medeiros Junior durante a defesa dessa dissertação, existem sentenças que parecem ser relativas livres encabeçadas pelo *quando*, mas não o são, conforme exemplos em (ii) apresentados por Medeiros Junior:

- (ii) a. Quando o João chegar, me avise.
 b. Quando encontrar gente necessitada, ajude.

Se o pronome *quando* puder ser substituído pela expressão *no momento em que* (iia), teremos uma relativa livre, conforme abordamos anteriormente; se for substituído pelo condicional *se* (*Se o João chegar, me avise*), o que temos não é uma relativa livre (é uma sentença condicional). Em (iib), o pronome *quando* poderá ser substituído pela expressão *sempre que* (*Sempre que encontrar gente necessitada, ajude*), o que nos revela uma natureza adverbial.

Por serem subespecificados, esses pronomes **devem ter um núcleo nominal antecedente na estrutura superficial**, pois não conseguem introduzir relativas livres (MARCHESAN, 2012), como se verifica em (17), abaixo, em que substituímos os pronomes *o que*, *quem* e *quanto* de (7) pelo *que*; e em (18), em que suprimimos os núcleos nominais das relativas com núcleo de (16):

- (17) a. *João escreveu [que Maria apresentou].
 b. * João convidou [que estava na lista] para a festa.
 c. *João não pagou [que queriam pela casa].
- (18) a. *João derrubou [que estava na cadeira].
 b. *João derrubou [do qual você falou].
 c. *João derrubou [cuja foto a Maria guarda].

Até aqui, mostramos que as relativas livres têm traços semânticos (do que seria o núcleo nominal) incorporados ao pronome relativo (na estrutura subjacente), o que impossibilita ter um núcleo nominal explícito (LEONARDUZZI, 2000; MARCHESAN, 2012). Ao contrário, as relativas com núcleo, como o próprio nome sugere, têm um núcleo nominal na estrutura superficial. A segunda característica é que as relativas livres só podem ser introduzidas por pronomes relativos especificados, ou seja, aqueles que conseguem incorporar os traços semânticos daquilo que seria um núcleo nominal de uma relativa com núcleo.

As sentenças em (19) e (20), abaixo, revelam a terceira propriedade das relativas livres: por serem especificados, os pronomes relativos sempre poderão ser parafraseados por DPs ou PPs (CAPONIGRO, 2003), conforme mostram as sentenças entre colchetes de (19a', 19b', 19c') e (20a', 20b', 20c'):

- (19) a. João procurou [quem vende trabalhos acadêmicos].
 a'. João procurou [DP a pessoa que vende trabalhos acadêmicos].
 b. A menina só come [o que a mãe cozinha].
 b'. A menina só come [DP a comida que a mãe cozinha].
 c. O João não pagou [quanto queria pela casa].
 c'. O João não pagou [DP a quantia que queria pela casa].

- (20) a. A festa só começou [quando o aniversariante chegou].
 a'. A festa só começou [PP no momento em que o aniversariante chegou].
 b. Maria mora [onde o Pedro foi assassinado].
 b'. Maria mora [PP no lugar em que Pedro foi assassinado].
 c. João trabalha [como o chefe manda].
 c'. João trabalha [PP da forma que o chefe manda].

(19) e (20) revelam que há dois grupos de relativas livres (MARCHESAN, 2008, 2012; MEDEIROS JÚNIOR, 2009): as introduzidas por *quem, o que e quanto*, que são de natureza nominal, já que podem ser parafraseadas por DPs; e as introduzidas por *quando, onde e como*, que são de natureza oblíqua, pois podem ser parafraseadas por PPs.

Ao contrário, as relativas com núcleo (do tipo restritivas) não podem ser parafraseadas por DPs (21a') ou PPs (21b')⁷:

- (21) a. João procurou a pessoa [que vende trabalhos acadêmicos].
 a'. *João procurou a pessoa [DP a pessoa que vende trabalhos acadêmicos].
 b. A festa só começou no momento [em que o aniversariante chegou].
 b'. * A festa só começou no momento [PP no momento que o aniversariante chegou].

Em resumo, as seguintes propriedades caracterizam as relativas livres: (i) elas têm traços semânticos incorporados ao pronome relativo (em sua estrutura subjacente) referentes àquilo que seria o seu núcleo nominal; (ii) essas sentenças só podem ser introduzidas por pronomes relativos que consigam apresentar os traços semânticos do que seria o seu núcleo nominal; (iii) por apresentarem os pronomes relativos especificados, só poderão ser parafraseados por DPs ou PPs.

1.1.2 Propriedades sintáticas

⁷Na qualificação desta dissertação, o Prof. Dr. Paulo Medeiros Junior lembrou que podemos encontrar facilmente relativas apositivas que podem ser parafraseadas por DPs, conforme exemplo fornecido pelo professor (ii):

(ii) O João procura alguém, [a/uma pessoa que vende/venda trabalhos acadêmicos].

Apesar disso, lembramos que todas as relativas com núcleo que estamos utilizando nesta dissertação são do tipo restritiva.

A divisão entre pronomes relativos de natureza nominal e de natureza oblíqua, mostrada na seção anterior, ajuda-nos a explicar algumas diferenças sintáticas (função sintática, compatibilidade e ilhas Wh) presentes nas propriedades das relativas livres.

1.1.2.1 Funções sintáticas

O fato de os pronomes relativos poderem ser substituídos por DPs ou PPs, faz com que eles desempenhem funções prototípicas dessas categorias (MARCHESAN, 2012). Assim, diferentemente das relativas com núcleo nominal, que são adjunto de um núcleo nominal (de acordo com Ross, 1967), as relativas livres podem desempenhar funções sintáticas distintas de acordo com a natureza do pronome relativo.

As relativas livres de natureza nominal - as introduzidas pelo *quem*, *o que* e *quanto* - podem desempenhar as funções de: sujeito (22), complemento de verbo (23) ou complemento de preposição (24):

- (22) a. [Quem estava na festa] conhecia Pedro.
 b. [O que foi servido na festa] estava estragado.
 c. [Quanto você pagou pela casa] é um absurdo.
- (23) a. Pedro convidou [quem estava na lista] para a festa.
 b. Pedro comprou [o que a Maria encomendou].
 c. Eu gastarei [quanto for necessário (para a festa)].
- (24) a. João não acreditou n[o que todos acreditavam].
 b. Pedro falou com [quem a Maria namora].
 c. Comprei esta casa por [quanto estava à venda].

Os outros pronomes relativos (adverbiais) – de natureza oblíqua (*quando*, *onde* e *como*), embutem uma preposição e, por isso, introduzem relativas livres que exercem as funções sintáticas de: adjunto adverbial (25) e “complemento oblíquo de verbos (equivalente a um sintagma preposicional)” (MARCHESAN, 2012, p.35), conforme os exemplos em (26):

- (25) a. A criança entrou no mar [quando o pai não estava olhando].
 b. João comeu ostras [onde vendiam frutos do mar].
 c. Ele trabalha [como o pai ordenou]. (FERREIRA, 2007, p.5)
- (26) a. João não gosta [quando o filme acaba]. (MARCHESAN, 2012, p. 35)
 b. Maria mora [onde Pedro nasceu]. (MARCHESAN, 2012, p. 35)
 c. O menino não se comportou [como deveria (ter se comportado)]. (MARCHESAN, 2012, p. 35)

Quando, onde e como das sentenças em (25) e (26) são facilmente parafraseados pelos PPs *no momento em que, no lugar em que e da forma que*, respectivamente; o que comprova a sua natureza de oblíquo.

No entanto, a classificação desses pronomes parece ser abalada por sentenças como as de (27) em que as encaixadas são complemento de preposição:

- (27) a. Maria conhece Paulo desde [quando ele tinha cinco anos]. (MARCHESAN, 2012, p.36)
 b. João caminhou por [onde Maria indicou]. (MARCHESAN, 2012, p. 36)
 c. Gosto de [como ela sorri]. (MÓIA, 1992, p. 144).

De acordo com Marchesan (2012), por serem complemento de preposição, as sentenças encaixadas de (27) deveriam ser consideradas DPs - e não PPs como afirmado até aqui. Ou seja, por embutirem uma preposição, causa estranhamento o fato de esses pronomes poderem ser complemento de preposição. Uma solução provisória para esse problema é apontada por Marchesan (2012, p.36):

Dado que a preposição não pode ter um PP como complemento, somos levados a concluir que as sentenças entre colchetes de [...] [27] são DPs. Ou, pelo menos, que a preposição é cega ao fato de que *quando, onde e como* são itens que embutem uma preposição.

Segundo a autora, mesmo sendo complemento de preposição, as encaixadas de (27) são consideradas relativas livres, por estarem em contexto oblíquo (a preposição atribui caso oblíquo à relativa).

Por outro lado, quando esses pronomes (*quando*, *onde* e *como*) encabeçam sentenças que exercem funções sintáticas de sujeito (28) e de complemento de verbo que subcategoriza DP (29), a autora lembra que fica mais difícil comprovar o estatuto de oblíquo desses pronomes^{8 9}:

- (28) a. ?[Quando ele partiu], foi muito triste.
 b. [Onde Maria mora] é muito frio.
 c. ?[Como ele se comportou] foi muito deselegante.
- (29) a. Adoro [quando estou de férias].
 b. ?João conhece [onde você nasceu].
 c. ?Aprecio [como te vestes].

Para esses casos, há uma solução disponível na literatura, proposta por Marchesan (2012) e corroborada em Marchesan e Miotto (2014), que afirma que as sentenças em (28) e (29) têm aceitabilidade variável. De acordo com os autores, as diferenças nos julgamentos de gramaticalidade levam em conta o caso abstrato atribuído à sentença encaixada. Os que consideram (28) e (29) agramaticais têm em mente a discrepância (incompatibilidade) existente entre os casos nominativo (de 28) e acusativo (de 29) atribuídos às sentenças encaixadas e a natureza oblíqua dos pronomes *quando*, *onde* e *como*. Nesse caso, as encaixadas são consideradas relativas livres. Já os que consideram as sentenças de (28) e (29) gramaticais, segundo os autores, recuperam intuitivamente os núcleos nominais das sentenças, reestabelecendo as propriedades nominais dos complementos dos verbos e dos sujeitos. Ou seja, transformando as sentenças em relativas com núcleo nominal implícito:

- (30) a. No momento [quando ele partiu], foi muito triste.
 b. O lugar [onde Maria mora] é muito frio.
 c. A forma [como ele se comportou] foi muito deselegante.
- (31) a. Adoro o momento [quando estou de férias].
 b. João conhece o lugar [onde você nasceu].

8 Segundo Marchesan e Miotto (2014), pessoas mais velhas tentem a rejeitar as sentenças de (28) e (29).

9 Os exemplos e os juízos de gramaticalidade das sentenças em (28) e (29) foram retirados de Marchesan e Miotto, (2014, p. 53).

c. *Aprecio a forma [como te vestes].*

Ainda segundo os autores (MARCHESAN, 2012; MARCHESAN, MIOTO, 2014), esse núcleo é implícito porque ele é facilmente recuperável, como observado em (30) e (31).

Dessa forma, Marchesan (2012) e Marchesan e Miotto (2014) afirmam que as sentenças encabeçadas por esses pronomes podem ser relativas livres ou não. Serão relativas livres quando o pronome relativo é oblíquo (quando as relativas livres que eles encabeçam funcionam como adjunto adverbial ou como complemento de preposição ou de verbos que subcategorizam oblíquos). Não serão relativas livres quando, para evitar uma incompatibilidade com o pronome adverbial, houver a recuperação do núcleo nominal implícito. Nesse caso, de acordo com os autores, teremos uma relativa com núcleo nominal implícito.

Em resumo, ao longo desta seção, mostramos as funções sintáticas das relativas: as com núcleo são sempre adjunto do núcleo nominal; e as relativas livres são divididas em dois grupos: as introduzidas pelos pronomes de natureza nominal, *quem*, *o que* e *quanto*, podem exercer a função sintática de sujeito, complemento de verbo ou de preposição; e as introduzidas pelos pronomes de natureza oblíqua *quando*, *como* e *onde* podem exercer a função sintática de adjunto adverbial, complemento oblíquo de verbos e complemento de preposição.

1.1.2.2 Requerimentos de Compatibilidade

Bresnan e Grimshaw (1978), ao estudar relativas livres do inglês, perceberam que essas sentenças apresentam o que elas denominaram de Requerimento de Compatibilidade (*Matching Effect*, posteriormente denominado *Matching Requirement*), como uma propriedade que ocorre apenas nas relativas livres. Segundo elas, nas relativas livres do inglês, o pronome relativo deve ser da mesma categoria exigida pelos verbos das sentenças matriz e encaixada:

- (32) a. He'll reach [_{NP} [_{NP} whatever height] his father did].
 b. He'll get [_{AP} [_{AP} however tall] his father did].

(BRESNAN; GRIMSHAW, 1978, p. 336)

Em (32), os pronomes relativos são compatíveis com as exigências dos núcleos das sentenças matriz e encaixada simultaneamente. Em (32a), por exemplo, tanto o verbo da sentença matriz (*to reach*) quando o verbo da encaixada (*to do*) exigem que seu complemento seja um NP, exatamente como é a categoria da expressão *whatever height*. O mesmo fato ocorre em (32b), em que os verbos *to get* e *to do* exigem um AP como complemento, que é compatível com a categoria da expressão *however tall*. Caso o sintagma não respeite essas condições, teremos sentenças mal formadas:

- (33) a. *He'll reach [_{NP} [_{AP} however tall] his father did].
 b. *He'll get [_{AP} [_{NP} whatever height] his father did].

(BRESNAN; GRIMSHAW, 1978, p. 337)

Em (33), as expressões *however tall* e *whatever height* não correspondem às exigências dos verbos da sentença matriz (*to reach* exige como complemento um NP e *to get*, um AP), ocasionando uma incompatibilidade de categorias e agramaticalizando as sentenças.

Assim, para uma relativa livre do inglês ser gramatical, ela deve ser introduzida por um pronome relativo que seja compatível com as exigências categoriais dos verbos das sentenças matriz e encaixada.

Após a publicação do texto de Bresnan e Grimshaw (1978), o Requerimento de Compatibilidade passou a ser analisado em outras línguas naturais. Assim, a partir da análise de línguas com morfologia casual rica, Izvorski (1995, p.89) reformulou o Requerimento de Compatibilidade da seguinte forma:

The Matching Effect:

a. Case Matching: [*FR wh*-CASE_i ...]-CASE_i

b. Categorical Matching: [*FR [wh]XP_i...*]-XP_i

Ou seja, nas relativas livres, a relativa livre e o pronome relativo precisam atender as exigências de categoria e de caso impostas por um núcleo da sentença matriz.

Esse e outros estudos revelaram que o Requerimento de Compatibilidade é um parâmetro da língua, ou seja, não ocorre da mesma maneira em todas as línguas (CITKO, 2000): há línguas que apresentam Requerimento de Compatibilidade Pleno, línguas com Requerimento de Compatibilidade Parcial e línguas sem Requerimento de Compatibilidade.

O PB, segundo Marchesan (2008, 2012) e Marchesan e Miotto (2014), se encaixa nas línguas com Requerimentos de Compatibilidade Parcial:

- (34) a. Maria encontrou [DP [DP o que]_i Pedro perdeu *ec*].
 b. Maria conhece [DP [DP quem]_i saiu *ec*].

Em (34a), podemos observar que ocorre Requerimento de Compatibilidade Pleno (de caso e de categoria). O verbo *encontrar*, da matriz, atribui caso acusativo à relativa livre que é introduzida pelo pronome relativo *o que*; e, na encaixada, a *ec*, que é correferente ao pronome relativo *o que*, corresponde às exigências do verbo *perder*, atribuindo a ele, também, o caso acusativo. Quanto à compatibilidade categorial, o DP *o que* está em conformidade tanto com o verbo *perder*, que exige como seu complemento um DP; quanto com o verbo *encontrar*, que apresenta a mesma exigência para o seu complemento.

Já em (34b), existe uma incompatibilidade casual. Na sentença matriz, o verbo *conhecer* atribui caso acusativo à relativa livre que é encabeçada pelo pronome relativo *quem*; e, na encaixada, *quem* recebe caso nominativo da flexão do verbo inacusativo *sair*. Mesmo assim, a sentença é gramatical, porque o PB é uma língua sem marcação de caso morfológico. Observe, no entanto, que há compatibilidade categorial: o pronome relativo *quem* corresponde às exigências dos verbos da sentença matriz e da encaixada que requerem um DP como complemento. Assim, apesar de não haver compatibilidade de caso (já que o PB é uma língua com morfologia casual pobre), diremos, na esteira de Marchesan (2008, 2012) e Marchesan e Mioto (2014), que o PB é uma língua com Requerimento de Compatibilidade Parcial, porque há relativas livres sem compatibilidade casual.

Além de não apresentar marcação de caso morfológico, Marchesan (2008, 2012) e Marchesan e Mioto (2014) mostram que no PB, o pronome relativo não pode infringir apenas as exigências categoriais do núcleo da sentença matriz, o que reforça o estatuto de *língua com Requerimento de Compatibilidade Parcial*¹⁰:

10 O Prof. Dr. Paulo Medeiros Junior, durante a defesa de qualificação desta dissertação, apresentou um posicionamento diferente a cerca do Requerimento de Compatibilidade do PB. De acordo com ele, o PB é uma língua com Requerimento de Compatibilidade Pleno, uma vez que ao termos uma preposição na encaixada, conforme em (i), ela é apagada como uma estratégia para “salvar” a sentença e manter a compatibilidade:

(i) Maria conhece [quem ela gosta ~~de~~].

Ou seja, para ele, o apagamento da preposição *de* ocorre para que o Requerimento de Compatibilidade seja atendido plenamente. Apesar dessa consideração do professor, continuaremos a afirmar que as relativas livres apresentam compatibilidade parcial, porque o Requerimento de Compatibilidade (na versão de Izvorski, 1995) não considera somente a categoria, mas também o caso. Assim, em (i), por exemplo, apesar de haver compatibilidade categorial (após o apagamento da preposição da encaixada); não há compatibilidade casual: resumidamente, o pronome relativo recebe caso acusativo do verbo *conhecer* e *oblíquo* da preposição (apagada).

Por esses motivos reafirmamos que as sentenças relativas do PB têm compatibilidade parcial.

- (35) a. Ana conhece [~~(*)em~~] quem Maria confia].
 b. Francisco destruiu [~~(*)de~~] o que Maria gostava].

O PB não apresenta o fenômeno *preposition stranding*¹¹. Dessa forma, ao se mover para a periferia esquerda da sentença, o pronome relativo leva consigo a preposição exigida pelo verbo da encaixada (o que se denomina de *pied-piping*). Ao fazer isso, em (35), o pronome relativo estaria atendendo as exigências dos verbos *confiar* e *gostar* das sentenças encaixadas de (35a) e (35b) respectivamente; e não estaria atendendo as exigências dos verbos das sentenças matrizes (*conhecer* e *destruir*) que requerem um DP como complemento. Nesses casos, as sentenças formadas seriam agramaticais. A gramaticalidade de (35a) e (35b) só ocorre quando: (i) o pronome-Wh é um DP (*quem* e *o que* respectivamente), ou seja, quando o pronome relativo atende as exigências dos verbos das sentenças matrizes que, nos casos de (35), requerem um DP com complemento; e (ii) quando as preposições das encaixadas são apagadas.

Para Medeiros Júnior (2005), esse apagamento da preposição é uma estratégia de resolução de conflito de Caso (para resolver o *mismatching casual*). Segundo ele, o que parecia ser exclusividade das línguas com morfologia casual rica, também parece existir em línguas sem morfologia casual, como o PB.

Assim, no PB, caso o pronome satisfaça somente as exigências de um núcleo da sentença encaixada, não atendendo as exigências da sentença matriz, ocorrerá incompatibilidade gerando agramaticalidade. Desse modo, sempre que um núcleo da sentença matriz exigir um DP como complemento e um núcleo da encaixada, um PP; a opção viável é o apagamento da preposição da encaixada. Essa característica das relativas livres recebeu o nome de *Efeito pied-piping* (ROSS, 1967), já que as relativas livres nunca podem ser encabeçadas por preposição. Se houver uma sentença com uma preposição antes do pronome, a preposição deve pertencer à sentença matriz e não à relativa livre:

- (36) a. Pedro gosta *de* [_{DP}[_{DP} quem Maria falou ~~em/de~~]].
 b. *Pedro gosta [_{DP} [_{PP} com quem Maria falou]].

11 Mostramos anteriormente (ver nota 4) que em PB há alguns exemplos de construções com *preposition stranding*. Para maiores informações, consultar Kenedy (2002).

O verbo *gostar* rege a preposição *de* que deve ser seguida por um DP, como o *quem*. Observe que em (36a), a preposição exigida pelo verbo *falar* da sentença encaixada é apagada, garantindo a gramaticalidade da sentença. Se a preposição da relativa livre for mantida (36b), a sentença é agramatical.

No entanto, esse apagamento da preposição da sentença encaixada nem sempre ocorre. As preposições com mais carga lexical (MARCHESAN, 2012), que encabeçam adjuntos, por exemplo, como as em (37) abaixo, são exemplos em que o apagamento não é permitido:

- (37) a. *Pedro conhece [quem Maria anda ~~em~~].
 b. *Este é o travesseiro que o meu pai não dorme ~~sem~~.

Em resumo, nesta seção, mostramos que o pronome relativo das relativas livres do PB precisa estar de acordo com as exigências de um núcleo da sentença matriz.

1.1.2.3 Ilhas Wh

Ross (1967) mostrou que algumas construções sintáticas são ilhas ou barreiras para a extração de palavras-Wh. Um adjunto é um exemplo de ilha mostrado por ele. Portanto, as relativas com núcleo são consideradas ilhas, já que são adjunto de um núcleo nominal (conforme Modelo Tradicional):

- (38) a. A Maria conhece a $[_{NP}[_{NP} \text{ pessoa}]_k [_{CP/RN}^{12} \text{ que } t_k \text{ escreveu o quê}]]?$
 b. *O que_i a Maria conhece a $[_{NP}[_{NP} \text{ pessoa}]_k [_{CP/RN} \text{ que } t_k \text{ escreveu } t_i]]?$

A extração do pronome-Wh *o que* de dentro do adjunto torna (38b) agramatical. A explicação da agramaticalidade de sentenças como (38b), em que há extração para fora da ilha, foi aprimorada com o Princípio da Subjacência (CHOMSKY, 1986). Esse princípio afirma que um constituinte não pode ultrapassar mais de uma barreira, sendo consideradas barreiras o DP e o CP em PB. A gramaticalidade em (38b) ocorre, então, porque o pronome-Wh interrogativo pulou por cima de um CP e por cima de um DP, que é *a pessoa*. Assim, a categoria que viola a Subjacência, em (38b), é a segunda barreira; ou seja, o DP – agramaticalizando a sentença.

¹² RN= Relativa com núcleo.

As relativas livres também são consideradas ilhas (ROSS, 1967). Porém, como não apresentam núcleo nominal expreso (na estrutura superficial), fica um pouco mais difícil mostrar que o Wh passa por cima das duas barreiras:

- (39) a. Maria desmaiou [quando Pedro contou o quê]?
 b. *[O que]_i Maria desmaiou [quando Pedro contou t_i]?

Em (39), temos uma relativa livre que funciona como adjunto do VP. Ser adjunto já explica a agramaticalidade de (39b), pois adjuntos são considerados ilhas Wh desde Ross (1967).

Além dos adjuntos, Ross afirma que o sujeito também funciona como ilha Wh. Assim, as relativas livres em função sintática de sujeito também serão ilhas para o movimento-Wh:

- (40) a. [Quem comprar o carro] ganhará um brinde.
 b. *O que_i [quem_k t_k comprar t_i] ganhará um brinde?

A extração do objeto direto de *comprar* de dentro da relativa livre, que é sujeito do verbo *ganhar*, torna (40b) agramatical; pois o fato de ser sujeito, de acordo com Ross (1967), impede o movimento do pronome-Wh para fora da sentença.

Ser adjunto ou sujeito já bastam para afirmar que uma relativa livre é barreira para movimento de qualquer constituinte de dentro dela. Por isso, uma explicação precisa ser dada para as relativas livres que são complemento de verbos:

- (41) a. O Pedro conhece [quem escreveu o quê]?
 b. *O que_i o Pedro conhece [quem_j t_j escreveu t_i]?

Aqui também, nenhum constituinte pode ser retirado de dentro da relativa livre. A explicação primeira é a de que as relativas são consideradas ilhas fortes (ROSS, 1967). Além disso, na esteira de Caponigro (2002), vamos dizer que uma relativa livre é um DP e, por isso, a extração de uma expressão-Wh de dentro dela, estaria pulando duas barreiras: CP e DP:

- (42) *O que_i o Pedro conhece [DP quem_j [CP t_i [t_j escreveu t_i]]]?

Importante mencionar o caso abaixo em que parece que há extração de constituintes de dentro da relativa livre, conforme já apontado em Marchesan (2012) e Prestes (2012):

(43) [Que livro]_i a Maria arquivou ___i quando Pedro encontrou ___i?

Em (43), os verbos *arquivar* e *encontrar* precisam de um argumento interno para completar a grade argumental deles. Na sentença, esses argumentos internos estão vazios e parecem ser preenchidos pela expressão *que livro*. Se fosse o caso, teríamos uma violação da condição de ilha. No entanto, em casos como de (43), a extração é aparente. O que há é um caso de *parasitic gap* (ROSS, 1967): a segunda categoria vazia (argumento de *encontrar*) é o gap parasítico (um pronome silencioso) da primeira categoria vazia (argumento de *arquivar*). Essas categorias vazias são dependentes, ou seja, a segunda categoria vazia depende da primeira para existir, estabelecendo assim a relação do *parasitic gap*. Dessa forma, o que há em (43) não é um caso de extração de constituinte de dentro da relativa livre: *que livro* foi movido da sentença matriz; na relativa livre (encaixada), há um caso de *parasitic gap*.

Em resumo, nesta seção verificamos que as sentenças relativas são consideradas ilhas fortes e que independente de sua posição (adjunto, sujeito ou complemento) a extração de constituintes não é permitida, demonstrando o quanto as relativas livres são sensíveis às restrições de ilha.

1.1.3 Resumo das propriedades das relativas livres

Até o momento apresentamos as características das relativas livres do PB, procurando demonstrar aspectos sintáticos relevantes.

Verificamos que as relativas livres podem realizar distintas funções sintáticas, dependendo do pronome que estiver encabeçando a sentença encaixada. As sentenças encabeçadas pelos pronomes *quem*, *o que* e *quanto* apresentam natureza nominal sendo um DP (sujeito, complemento de verbo e complemento de preposição). Já as sentenças encabeçadas por *quando*, *como* e *onde*, apresentam natureza oblíqua sendo PP (adjunto e complemento de preposição ou de verbo que subcategorize oblíquo).

Outro aspecto apresentado se refere ao Requerimento de Compatibilidade, sendo que, em PB, o pronome-Wh precisa atender às exigências que são impostas pelo verbo da sentença da matriz. Além disso, as relativas são consideradas ilhas fortes, ou seja, não permitem que ocorra extração de nenhum constituinte.

Em seguida, abordaremos os aspectos sintáticos das sentenças interrogativas indiretas.

1.2 AS SENTENÇAS INTERROGATIVAS

Segundo Karttunen (1975), as interrogativas indiretas (também conhecidas como interrogativas encaixadas), destacadas em (45), parecem apresentar a mesma proposição das interrogativas diretas (44):

- (44) a. O que Pedro comprou?
b. Pedro comprou o carro?
- (45) a. Maria quer saber *o que Pedro comprou*.
b. Maria quer saber *se Pedro comprou o carro*.

Por isso, nesta seção, apresentaremos as características das interrogativas indiretas e, mesmo que brevemente, as características das interrogativas diretas com pronome-Wh (44a). As interrogativas do tipo *sim/não* (*Yes/no question*), como (44b) não serão descritas neste capítulo por não serem objeto de estudo desta pesquisa.

1.2.1 Interrogativas diretas

As *interrogativas diretas*, também chamadas de *interrogativas Q matrizes* por Mioto e Kato (2005), podem ser dos tipos de (46) abaixo:

- (46) a. O que é que Pedro comprou?
b. O que que Pedro comprou?
c. O que Pedro comprou?

Em (46a), a inserção da cópula mais o complementizador *que* logo após o pronome-Wh produz uma interrogativa clivada; em (46b), há a inserção do complementizador *que* logo após o pronome-Wh, produzindo uma interrogativa com Comp duplamente preenchido; e, em (46c), há uma interrogativa simples. Em todas as interrogativas de (46), o pronome-Wh é gerado à direita (como argumento do verbo *comprar*) e é deslocado para a periferia esquerda da sentença.

Das sentenças de (46), apenas o pronome-Wh de (46c) pode, além de ser deslocado, permanecer *in situ*, como mostra (47c). Nos outros casos, (46a) e (46b), o Critério-Wh (cf. 48) proposto por Rizzi (1996) impede que o pronome-Wh fique *in situ*:

- (47) a. *É que Pedro comprou o quê?
 b. *Que Pedro comprou o quê?
 c. Pedro comprou o quê?

- (48) Critério-Wh de Rizzi (1996, p.64)
 (i) Um operador-Wh deve estar em relação Spec-núcleo com um núcleo-Wh.
 (ii) Um núcleo-Wh deve estar em relação Spec-núcleo com um operador-Wh.

Em (47a) e (47b), a presença do complementizador *que* (que está sublinhado) obriga que o Spec CP seja preenchido para que ocorra a relação Spec-núcleo do núcleo *que* com o operador-Wh.

Apesar de explicar a agramaticalidade de (47a) e (47b), o critério-Wh apresentado em (48) não consegue explicar a possibilidade de (47c). Pelo Critério-Wh, (47c) deveria ser agramatical já que o Wh permanece *in situ* e, por isso, o núcleo C – que teria um traço [+interrogativo] - não estaria em concordância Spec-núcleo (o operador-Wh *o que* não foi movido para SpecCP). Para resolver esse problema, Rizzi (1996) afirma que há línguas que apresentam um processo de concordância entre o especificador e o núcleo, chamado de *Concordância Dinâmica*. Nessa concordância, o núcleo C não tem o traço [+interrogativo]. Esse traço só é ativado se o operador-Wh for movido para Spec CP, realizando assim, a concordância especificador-núcleo e atribuindo o traço [+interrogativo] para o núcleo C.

Além de respeitarem o Critério-Wh, de acordo com o estudo apresentado por Katz e Postal (1964¹³ apud ROSS, 1967), sentenças interrogativas são incompatíveis com advérbios. Os autores apresentam essa característica como um teste no inglês em que interrogativas diretas são agramaticais quando há a inserção de um advérbio:

- (49) a. Did John (*probably) hurt himself?
 “João (*provavelmente) se machucou?”
 b. What will she (*perhaps) wear?

¹³ KATZ, J. J. ; POSTAL, P. *An Integrated Theory of Linguistic Descriptions*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1964.

“O que ela vai (*talvez) vestir?”

(ROSS, 1967, p.39, tradução nossa)

A inserção dos advérbios *probably* e *perhaps* agramaticaliza as sentenças interrogativas de (49). A mesma característica parece ocorrer em PB, como mostram as traduções feitas em (49) e as interrogativas de (46), repetidas abaixo, com a inserção dos advérbios *talvez* e *provavelmente*:

- (50) a. O que (*talvez/*provavelmente) é que Pedro comprou?
 b. O que (*talvez/*provavelmente) que Pedro comprou?
 c. O que (*talvez/*possivelmente) Pedro comprou?

Ross (1967), ao apresentar exemplos como os de (49), afirma que essa característica requer mais estudos para verificar se realmente a inserção de um advérbio na estrutura da sentença interrogativa a agramaticaliza.

1.2.2 Interrogativas indiretas (encaixadas)

Além das interrogativas diretas, temos, no PB, as *interrogativas indiretas*, que como o próprio nome sugere, são sentenças encaixadas que contêm uma pergunta indireta (sem o ponto de interrogação). Conforme atestam Mioto e Kato (2005, p.173-174), todas as estratégias de interrogativas diretas de (46) podem ser encaixadas como complemento de um verbo como *perguntar*, tornando-se, assim, uma interrogativa indireta:

- (51) a. João perguntou [o que é que Pedro comprou].
 b. João perguntou [o que que Pedro comprou].
 c. João perguntou [o que Pedro comprou].

Essa estratégia só é possível quando o verbo da matriz selecionar semanticamente (s-seleção) uma sentença encaixada que tenha traço [+interrogativo]. Em sentenças com expressão-Wh, a

única forma de marcar a encaixada com traço [+interrogativo] é preenchendo o Spec do CP¹⁴. Nesse caso, segundo os autores, “a expressão Q [que] se encontra na periferia esquerda da sentença encaixada, [...] define esta sentença como interrogativa” (MIOTO; KATO, 2005, p.174). Um verbo como *achar*, lembram os autores, que s-seleciona uma sentença declarativa [-interrogativa], não consegue formar interrogativas indiretas, porque há incompatibilidade entre os traços da sentença interrogativa e as exigências semânticas do verbo *achar*:

- (52) a. *João acha [o que é que Pedro comprou].
 b. *João acha [o que que Pedro comprou].
 c. *João acha [o que Pedro comprou].

Ao contrário das interrogativas diretas do tipo de (47c), em que o deslocamento do pronome-Wh é opcional; nas interrogativas indiretas, o deslocamento é obrigatório:

- (53) a. *João perguntou [Pedro comprou o que].
 b. João perguntou [o que Pedro comprou].

Em (53), a sentença só é gramatical quando ocorre o deslocamento do pronome-Wh (53b). Segundo Mioto e Kato (2005), as interrogativas indiretas não permitem que o pronome-Wh fique *in situ* “se o escopo da expressão se limita à sentença encaixada” (p. 176), pois o movimento da expressão-Wh permite que ela tenha escopo sobre a encaixada.

Rizzi (1996), ao estudar interrogativas da língua inglesa, propõe que, diferentemente das interrogativas diretas em que o traço [+interrogativo] precisa estar em concordância Spec-núcleo com o constituinte-Wh (cf. Critério-Wh); nas interrogativas indiretas, o pronome-Wh é selecionado pelo verbo da sentença matriz, que contém o traço [+interrogativo] e, por isso, o pronome-Wh deve estar adjacente ao predicador da matriz. Assim, o Critério-Wh, apresentado em (48), em interrogativas indiretas, somente é satisfeito quando a expressão-Wh se move para Spec CP. Isso, provavelmente está relacionado ao fato de que as interrogativas indiretas apresentam-se como CPs comuns¹⁵ (MEDEIROS JÚNIOR, 2005).

¹⁴ A outra forma de marcar o CP encaixado como [+interrogativo] é com o complementizador *se*. Nesse caso, teríamos uma sentença encaixada do tipo *Yes/no question* (que não está em foco aqui):

(i) João perguntou [se o Pedro comprou o livro].

¹⁵ Nas palavras de Medeiros Junior (2005, p. viii): “Sintaticamente, interrogativas indiretas são analisadas como CPs comuns encaixados, marcados com um traço [+Qu], e que hospedam um constituinte-Qu, em seu Spec”.

Quanto à inserção de advérbios logo após o pronome-Wh, Ross (1967) afirma que tal restrição está “longe de ser clara” e que parece que as interrogativas indiretas também se comportam de maneira semelhante às interrogativas diretas, sendo incompatíveis com advérbios:

(54) a. * I wonder whether to probably leave.

“*Eu me pergunto se, provavelmente, sairei.”

b. *Tom asked where he should possibly put the car.

* Tom perguntou onde ele deve, eventualmente, colocar o carro.”

(ROSS, 1967, p.39, tradução nossa)

(55) a. *Maria perguntou quem possivelmente passou na prova.

b. *Ana descobriu o que possivelmente João estava escondendo na gaveta.

Marchesan, em conversa pessoal, afirma que, os advérbios de dúvida (*possivelmente, provavelmente, talvez*) parecem não funcionar com interrogativas, porque o próprio pronome interrogativo já tem implícito um traço de dúvida (que recai sobre o Wh). Ao contrário, a resposta poderá ter um advérbio de dúvida:

(56) P: João perguntou [o que foi que a Maria comprou].

R: Pedro respondeu que ela, provavelmente, comprou livros.

Outro aspecto que cabe lembrar sobre as interrogativas se refere ao aspecto de ilhas. Interrogativas indiretas são consideradas ilhas fracas, pois permitem a extração de constituintes de dentro delas:

(57) a. O Pedro perguntou [quem_k t_k compôs que música].

b. Que música_i o Pedro perguntou [quem_k t_k compôs t_i]?

por serem interrogativas indiretas, as encaixadas de (57) não apresentam restrições de ilha. A expressão interrogativa-Wh *que música*, ao se mover para a periferia esquerda da sentença encaixada, não fere o Princípio de Subjacência, pois passa por apenas uma barreira, o CP.

Quanto à função sintática, a interrogativa encaixada só poderá ser complemento verbal da sentença matriz:

(58) Joaquim quer saber [o que Maria comprou].

em (58), a encaixada exerce a função sintática de complemento do verbo *saber*. Além disso, uma interrogativa indireta pode ser introduzida pelos pronomes-Wh: *o que, quem, quanto, quando, onde, como, qual e que*:

- (59) a. Francisco perguntou [o que Mariana trazia nas mãos].
 b. Ana quer saber [quem será convidado para a festa].
 c. Pedro indagou [quanto custará o conserto do carro].
 d. José perguntou [quando Ana chegará de viagem].
 e. As crianças querem saber [onde aconteceu o *show*].
 f. André indagou [como a criança chegou].
 g. Fernanda perguntou [qual (é) o nome da menina].
 h. Angélica quer saber [que dia será o congresso].

Assim, podemos observar que qualquer pronome-Wh, com exceção do *cujos*, pode introduzir interrogativas encaixadas.

1.2.3 Resumo das propriedades das interrogativas

Nessa seção pudemos observar as características das interrogativas: as diretas e as indiretas.

As interrogativas diretas, como o próprio nome indica, apresentam uma pergunta e podem ser de três formas: a inserção da cópula logo após o pronome-Wh (formando uma clivada); inserção do complementizador *que* logo após o pronome-Wh; e uma interrogativa simples. Também pudemos observar que as interrogativas diretas não permitem a inserção de advérbios (ROSS, 1967).

As interrogativas indiretas são sentenças encaixadas que contêm uma pergunta indireta. Nas interrogativas indiretas o movimento do pronome-Wh para a periferia esquerda da sentença encaixada é obrigatório. Em relação ao Critério-Wh, nas interrogativas indiretas só é satisfeito quando a expressão-Wh se move para Spec-CP. Quanto à inserção dos

advérbios, as interrogativas indiretas não admitem, semelhantemente às interrogativas diretas. Por último, vimos que as interrogativas são consideradas ilhas fracas, permitindo a extração de constituintes.

1.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Nesse capítulo pudemos observar as características dos dois tipos de sentenças encaixadas estudadas nesse trabalho: as relativas livres e as interrogativas indiretas.

Inicialmente, abordando as características das relativas livres do PB, procurando apresentar aspectos sintáticos relevantes. Estabelecemos uma comparação entre as relativas com núcleo e as relativas livres. Ambas se assemelham por serem encaixadas e por serem encabeçadas por um pronome-Wh. A principal distinção é que estas não apresentam um núcleo nominal e são introduzidas por um pronome que incorpora os traços semânticos daquilo que seria o núcleo nominal de uma relativa com núcleo; já aquelas, apresentam um núcleo nominal, que está adjacente ao pronome-Wh .

Vimos, também, que as relativas livres podem desempenhar distintas funções sintáticas. Tal fator será determinado, dependendo do pronome que estiver encabeçando a sentença encaixada. Sentenças relativas de natureza nominal serão encabeçadas pelos pronomes *quem*, *o que* e *quanto*, sendo um DP (sujeito, complemento de verbo e complemento de preposição). Quando forem encabeçadas por *quando*, *como* e *onde*, terão natureza oblíqua e, assim, serão PP (adjunto e complemento de preposição ou de verbo que subcategorize oblíquo).

O Requerimento de Compatibilidade foi outro aspecto importante referente à sintaxe das relativas livres. Segundo Marchesan (2012), no PB, o pronome-Wh precisa atender às exigências que são impostas pelo verbo da sentença da matriz. Além disso, as relativas são consideradas ilhas fortes, ou seja, não permitem que ocorra extração de nenhum constituinte.

Em seguida, definimos as características das interrogativas. Nós as dividimos em interrogativas diretas e interrogativas indiretas. As interrogativas diretas podem ser apresentadas de três formas: (i) as que possuem a inserção da cópula logo após o pronome-Wh, produzindo uma interrogativa clivada; (ii) as que apresentam a inserção do complementizador *que* logo após o pronome-Wh, gerando uma interrogativa com Comp duplamente preenchido; e (iii) que consiste em uma interrogativa simples. Cabe destacar que

em todas as interrogativas, o pronome-Wh é gerado como argumento de um verbo e é deslocado para a periferia esquerda da sentença – podendo permanecer *in situ* no último caso. Além disso, vimos, que a inserção de advérbios em interrogativas diretas as tornam agramaticais (ROSS, 1967).

As interrogativas encaixadas são sentenças encaixadas que contêm uma pergunta indireta. Nas interrogativas indiretas o movimento do pronome-Wh para a periferia esquerda da sentença encaixada é obrigatório. Sendo assim, ela apresenta escopo sobre toda a sentença encaixada. Ademais, vimos que Rizzi (1996) afirma que o Critério-Wh nas interrogativas encaixadas somente é satisfeito quando a expressão-Wh se move para Spec-CP. Em relação à inserção dos advérbios, ela se assemelha às interrogativas diretas, sendo incompatíveis às sentenças. Por fim, vimos que as interrogativas são consideradas ilhas fracas, permitindo a extração de constituintes, além de somente exercerem a função sintática de complemento verbal e podem ser introduzidas pelos pronomes: *quem, o que, quando, onde, como, quanto, qual e que*.

No próximo capítulo, estudaremos as propriedades que aproximam e/ou diferem as estruturas relativas livres das interrogativas.

CAPÍTULO II

2 RELATIVAS LIVRES *versus* INTERROGATIVAS INDIRETAS

A história dos estudos da língua mostra que há muitos anos, quando o indo-europeu ainda não havia se fragmentado, os pronomes relativos e interrogativos distinguiam-se morfológicamente. Tal fato contribuía para a distinção das sentenças encaixadas (MACAMBIRA, 1998).

Com o passar dos anos e com o surgimento do latim, houve a fusão dos pronomes-Wh, relativos e interrogativos, perdendo, desta forma, as marcas morfológicas que possibilitavam a distinção. O PB, descendente do latim, herdou essa semelhança (homofonia) entre os pronomes-Wh:

- (60) a. Joana comprou [o que Francisco vendia].
 b. Joana perguntou [o que Francisco vendia].

Observe que as sentenças encaixadas de (60) tem a mesma linearidade (são formadas pelos mesmos itens lexicais): *o que Francisco vendia*. Apesar de semelhantes, semanticamente e sintaticamente são distintas. Em (60a), há uma relativa livre; e, em (60b), uma interrogativa indireta.

Assim, a partir das características estabelecidas no capítulo I; neste capítulo, retomaremos algumas características que diferenciam essas encaixadas e apresentaremos testes (MÓIA, 1992; CAPONIGRO, 2003; MEDEIROS JÚNIOR, 2005; MARCHESAN, 2008, 2012) que auxiliam nesta distinção.

2.1 DIFERENÇAS SINTÁTICAS

A primeira diferenciação entre relativas livres e interrogativas indiretas é a (im)possibilidade de extração de um constituinte. Como mostrado anteriormente (capítulo I, seção 1.1.2.3), as relativas livres são consideradas ilhas fortes (ROSS, 1967), ou seja, de dentro delas, nenhum constituinte pode ser extraído:

- (61) a. * [Quem]_i a Maria chegou [quando Pedro beijava t_i]?
 b. * [O que]_i [quem_k t_k bebeu t_i] está no hospital?
 c. * [O que]_i Maria conhece [quem_k t_k comprou t_i]?

A extração do pronome-Wh interrogativo, *quem* e *o que*, de dentro das relativas livres de (61), as agramaticalizam. Em (61a) e (61b), o constituinte movido saiu de dentro de adjunto e de um sujeito, respectivamente. De acordo com o que foi apresentado no capítulo I, ser sujeito e adjunto é fator suficiente para bloquear a extração de constituintes, porque “os sujeitos e os adjuntos são barreiras por não serem subcategorizados, situações em que o constituinte movido vai atravessar sempre mais de uma barreira.” (MARCHESAN, 2012, p. 46). Em (61c), a relativa livre está em função sintática de objeto direto e a extração de qualquer constituinte-Wh também é bloqueada; o que mostra que as relativas livres são ilhas fortes para extração (ROSS, 1967). A explicação desse fato segue a análise sintática proposta por Caponigro (2002), que afirma que uma relativa livre é um CP complemento de um DP e, por isso, a extração de uma expressão-Wh, estaria pulando duas barreiras: CP e DP (cf. seção 1.1.2.3):

- (62) *O que_i Maria conhece [_{DP} quem_j [_{CP} t_i [t_j comprou t_i]]]?

Já as interrogativas indiretas não são barreira para a extração de uma expressão-Wh para fora do CP, pois são consideradas ilhas fracas desde Ross (1967), como visto no capítulo anterior (cf. seção 1.2.2):

- (63) [Que coisa]_i a Maria quer saber [_{CP} quando Pedro comprou t_i]?

Nas relativas, existe um DP e um CP, ou seja, duas barreiras que impossibilitam a extração de constituintes. Nas interrogativas, o Wh só passa por uma barreira, o CP, permanecendo, desta forma, gramatical, pois não fere o Princípio da Subjacência, descrito por Chomsky (1986). Assim, observamos que há uma diferença quanto à extração: permitida nas interrogativas e bloqueada nas relativas livres.

A segunda diferença sintática entre relativa livre e interrogativa indireta é o Requerimento de Compatibilidade (BRESNAN; GRIMSHAW, 1978), válido apenas para a primeira:

- (64) a. Francisco destruiu [_{DP} [_{DP} o que] Maria comprou [_{DP}__] na feira].
 b. Francisco destruiu [_{DP} [_{DP} o que] Maria gostava [_{PP} ~~de~~]].
 c. *Francisco destruiu [_{DP} [_{PP} do que] Maria gostava [_{PP}__]].
- (65) a. Francisco queria saber [_{CP} [_{DP} o que] Maria comprou [_{DP}__] na feira].
 b. Francisco queria saber [_{CP} [_{PP} do que] Maria gostava [_{PP}__]].
 c. Francisco queria saber [_{CP} [_{C°} se] Maria comprou laranjas na feira].
 d. *Francisco queria saber [_{CP} [_{C°} que] Maria comprou laranjas na feira].

A regra geral das relativas livres do PB é o pronome relativo respeitar as exigências oriundas do verbo da sentença matriz (cf. capítulo I, seção 1.1.2.2). Em (64), o verbo *destruir* exige um DP como complemento para que as sentenças sejam gramaticais. Se o pronome relativo satisfizer as exigências do verbo da sentença encaixada, como em (64c), que requer um PP, a sentença formada será agramatical por haver incompatibilidade categorial entre as exigências (c-seleção) do verbo matriz e a categoria da expressão-Wh. Já em (64b), houve o apagamento da preposição encaixada para que ocorresse a compatibilidade categorial exigida para a boa formação da sentença. Ou seja, as relativas livres inviabilizam o *pied-piping* da preposição (cf. 64c) enquanto as interrogativas encaixadas autorizam esse procedimento (cf. 65b) (MEDEIROS JÚNIOR, 2005). Veja que nas interrogativas indiretas, a expressão-Wh pode ser um DP (65a) ou um PP (65b). A única exigência é que a sentença encaixa tenha um traço [+interrogativo], garantida pelo preenchimento do Spec do CP em (65a) e (65b) e pelo complementizador *se* em (65c), mas não pelo complementizador [-interrogativo] *que* de (65d). Generalizando, as restrições de compatibilidade não pesam para a formação das interrogativas indiretas do PB.

A terceira diferença também foi apresentada por Bresnan e Grimshaw (1978). Para as autoras, relativas livres introduzidas pelo *quem*, *o que* e *quanto* apresentam a mesma distribuição dos DP (cf. capítulo I, seção 1.1.2.1):

- (66) a. [Quem estava na festa] conhecia Pedro.
 a'. [_{DP} O prefeito da cidade] conhecia Pedro.

- (67) a. Pedro conhecia [quem estava na festa].
a'. Pedro conhecia [_{DP} o prefeito da cidade].
- (68) a. Pedro comprou [o que João escreveu na lista].
a'. Pedro comprou [_{DP} o bolo].
- (69) a. Pedro comprou esta casa por [quanto estava à venda].
a'. Pedro comprou esta casa por [_{DP} uma indenização que recebeu].

Essas relativas livres, por terem uma natureza nominal (cf. capítulo I, seção 1.1.2.1), são parafraseáveis por DPs (conforme sentenças em a') e podem desempenhar as funções de: sujeito (66a), complemento de verbo (67a) e (68a) ou complemento de preposição (69c).

Ao contrário das relativas livres nominais, as interrogativas indiretas são CPs e têm a mesma distribuição dos PPs (BRESNAN; GRIMSHAW, 1978):

- (70) a. Pedro perguntou [_{CP} quem estava na festa].
b. Pedro perguntou [_{CP} o que João escreveu na lista].
c. Pedro perguntou [_{CP} quanto custava a casa].
d. Pedro perguntou [_{CP} se João escreveu a lista].
- (71) a. *Pedro perguntou [_{DP} o bolo].
b. Pedro perguntou [_{PP} pelo prefeito da cidade].

Ao modificar o verbo das sentenças matrizes de (67a) e (68a) por *perguntar*, que s-seleciona um complemento com traço [+interrogativo], percebe-se que ele somente será gramatical quando o Spec do CP estiver preenchido, como em (70a, b, c), ou quando o complementizador [+interrogativo] *se* for usado, como em (70d). As encaixadas de (70) podem ser parafraseadas por um PP, como em (71b), mas não por um DP (71a). Sentenças como (72), abaixo, não devem despistar a descrição feita até aqui,

- (72) Pedro perguntou [_{DP} o nome do autor do livro].

pois, como já consolidado na literatura, estamos frente a um caso de DP interpretado como uma pergunta (equivalente a *qual é o nome do autor do livro*). Assim, ao invés de um DP, em (72), temos uma questão escondida – *concealed question*. Segundo Marchesan (2012, p.65), em PB, “alguns verbos, como *saber, achar, dizer [e perguntar]*” podem omitir o pronome interrogativo *qual* + o verbo *ser*, gerando, assim, *concealed questions*.

É importante lembrar que essa distinção (CP/PP/DP) funciona somente com relativas livres introduzidas pelos pronomes de natureza nominal (*quem, o que e quanto*). As relativas livres introduzidas por *quando, onde e como*, que são de natureza oblíqua (cf. seção 1 do capítulo I), têm a mesma distribuição dos PPs:

- (73) a. A criança entrou no mar [quando o pai não estava olhando].
 a'. A criança entrou no mar [PP no dia da tempestade].
 b. João comeu ostras [onde vendiam frutos do mar].
 b'. João comeu as ostras [PP no restaurante do pai].
 c. Ele trabalha [como o pai ordenou]. (FERREIRA, 2007, p.5)
 c'. Ele trabalha [PP nos finais de semana].

Por terem natureza oblíqua, a diferenciação dessas relativas livres das interrogativas indiretas através da substituição – por um PP – não funciona, porque as interrogativas indiretas também podem ser substituídas por PPs, como visto em (71b).

Por fim, a quarta diferença é a função sintática. As relativas livres podem exercer as funções de sujeito, complemento de verbo ou complemento de preposição, adjunto adverbial e complemento oblíquo de verbos. Ao contrário, as interrogativas indiretas são sempre encaixadas como complemento de um verbo.

- (74) a.[Quem estava na festa] conhecia Pedro.
 b. Pedro convidou [quem estava na lista] para a festa.
 c. João não acreditou n[o que todos acreditavam].
 d. A criança entrou no mar [quando o pai não estava olhando].
 e. João não gosta [quando o filme acaba]. (MARCHESAN, 2012, p. 35)
 f. Joaquim quer saber [o que Maria comprou].

Em resumo, nesta seção, elencamos as diferenças sintáticas das relativas livres e das interrogativas indiretas. Mostramos que uma relativa livre não permite extração de um

constituente (ilha forte), diferentemente de uma interrogativa, que possibilita tal extração (ilha fraca). O Requerimento de Compatibilidade é outra propriedade que diferencia relativas livres das interrogativas; pois naquelas, o pronome relativo precisa respeitar as exigências impostas pelo verbo da sentença matriz; já nesta, o verbo matriz apenas exige que o seu complemento tenha um traço [+interrogativo]. Outra diferença é que as relativas livres introduzidas por *quem*, *o que* e *quanto* podem ser parafraseadas por um DP; e as interrogativas, por PPs. Depois, vimos que as relativas livres introduzidas pelos pronomes *quando*, *onde* e *como* têm a mesma distribuição dos PPs e, por isso, a sua distinção com as interrogativas indiretas é não pode ser feita pela substituição. Por fim, dissemos que as interrogativas indiretas são sempre complemento do verbo matriz e, as relativas livres, além de poder ser complemento de verbo, podem exercer outras funções sintáticas.

2.2 DIFERENÇAS SEMÂNTICAS

Apesar de não ser objetivo desta dissertação analisar a semântica das relativas livres e das interrogativas indiretas; apresentaremos, aqui, duas propriedades dessas sentenças elencadas em Leonarduzzi (2000) que nos parecem ser importantes para a distinção delas.

A primeira é que as relativas livres não podem estar em função apositiva (75a) e nem podem ser adjunto de nome. Se forem, serão relativas com núcleo (75b) ou interrogativas indiretas (75c):

- (75) a. *Fui, onde ocorria uma convulsão social.
 b. “Fui à Argentina, que vivia uma convulsão social.” (SQUARISI, 2003, p. 285).
 c. “The main topic of this chapter - whether there is a universal framework about early speech -... (AM 109)” (LEONARDUZZI, 2000, p.160)
 “O tema principal deste capítulo - se existe um quadro universal sobre o discurso inicial...”
 d. “I have no idea what it meant.” (LEONARDUZZI, 2000, p.160)
 “Não tenho ideia do que isso significava.”

As subordinadas de (75b) e (75c,d), de acordo com Leonarduzzi (2000), apresentam duas diferenças: somente as relativas com núcleo e a interrogativa indireta conseguem ser

apositivas e adjunto de nome. Ou seja, se a encaixada estiver em função de aposição ou adjunção, ela não será mais relativa livre ou será agramatical (75a).

A segunda propriedade apresentada pela autora é a compatibilidade semântica verificada nas relativas livres, mas não nas interrogativas indiretas:

(76) I don't know what he wants.

“Eu não sei o que ele quer.”

P1: I don't know SOMETHING.

“Eu não sei ALGO.”

P2: He wants SOMETHING

“Ele quer alguma coisa.”

(LEONARDUZZI, 2000, p.161, tradução nossa)

(77) I took what was on the table.

“Eu levei o que estava sobre a mesa.”

P1: I took SOMETHING.

“Eu levei ALGO.”

P2 = SOMETHING was on the table.

“ALGO estava sobre a mesa.”

(LEONARDUZZI, 2000, p.161, tradução nossa)

As sentenças (76) e (77) – que contém uma interrogativa indireta e uma relativa livre respectivamente – podem ser divididas em duas sentenças simples, como mostram P1 e P2. Apesar de serem sentenças encaixadas que podem ser divididas em duas sentenças simples; Leonarduzzi (2000) argumenta que as duas ocorrências de *something* (*algo*) na relativa livre (77) são **correferenciais** (**co-référentielles**), enquanto que nas interrogativas indiretas isso não é verdadeiro, como se pode observar abaixo:

(78) a. I don't know who he is.

“Eu não sei quem ele é.”

P1: I don't know SOMETHING.

“Eu não sei ALGO.”

P2: He is SOMEONE.

“Ele é ALGUÉM.”

(LEONARDUZZI, 2000, p.161, tradução nossa)

A sentença (78), afirma a autora, mostra que o objeto de *to know* (que é *something*) é diferente do predicado de *he* (que é *someone*). Isso ocorre, porque a referencialidade e a compatibilidade semântica não são necessárias nas interrogativas indiretas, apesar de poder ocorrer compatibilidade semântica, como em (76). Assim, para a autora, essas diferenças semânticas podem contribuir para a distinção entre relativas livres e interrogativas indiretas.

No entanto, apesar dessas diferenças, a distinção entre relativa livre complemento de verbo e interrogativa indireta (que sempre é complemento de verbo) nem sempre é tarefa fácil. Por isso, foram criados testes que auxiliam esta diferenciação.

2.3 TESTES PARA DIFERENCIAR RELATIVAS LIVRES de INTERROGATIVAS INDIRETAS

Muitas vezes, torna-se difícil identificar uma sentença encaixada que é complemento de verbo. Isso ocorre, porque nessa posição, podemos ter relativas livres e interrogativas indiretas. Assim, além das diferenças sintáticas e semânticas apresentadas anteriormente, alguns autores (MEDEIROS JUNIOR, 2005; MÓIA, 1992; CAPONIGRO, 2003; MARCHESAN, 2008, 2012; entre outros) propuseram testes, apresentados a seguir, que auxiliam nessa identificação.

2.3.1 Testes que identificam interrogativas indiretas

Os testes capazes de identificar interrogativas indiretas são subdivididos em três grupos: (i) os testes de substituição (seção 2.3.1.1); (ii) os testes de inserção (seção 2.3.1.2); e (iii) o teste de transformação da sentença matriz em uma pergunta (utilizando o pronome *o que*) (seção 2.3.1.3).

2.3.1.1 Testes de substituição

Os testes de substituição consistem em substituir a sentença encaixada por uma sentença claramente interrogativa. Tal substituição revela que não importa qual seja a sentença encaixada ou o pronome que a introduz, o resultado de gramaticalidade sempre será o mesmo, pois o que é levado em consideração é a s-seleção do verbo da sentença matriz que, se for interrogativa, selecionará uma encaixada com traço [+interrogativo]. Vejamos agora os três testes.

O primeiro teste consiste em substituir o pronome-Wh por uma expressão interrogativa do tipo Wh+NP (MÓIA, 1992; CAPONIGRO, 2003; MARCHESAN, 2008, 2012):

- (79) a. Maria quer saber [quem passou na prova].
 a'. Maria quer saber [*que pessoa* passou na prova].
 a". Maria quer saber [*qual (é) o nome* da pessoa que passou na prova].
 a'''. *Maria quer saber [*a pessoa que* passou na prova]¹⁶.
- b. Maria ajudou [quem passou na prova].
 b'.* Maria ajudou [*que pessoa* passou na prova].
 b''. Maria ajudou [*a pessoa que* passou na prova].

A sentença entre colchetes de (79a) é uma interrogativa indireta, pois é possível substituir o pronome-Wh por Wh + NP: *que pessoa* (79a'), *qual (é) o nome da pessoa* (79a''); diferentemente de uma relativa livre, em que o nome é seguido pelo pronome-Wh (NP+Wh), *a pessoa que* (79b'').

O segundo teste de substituição foi apresentado por Mória (1992) e consiste em substituir a sentença encaixada por uma introduzida pelo complementizador [+interrogativo] *se*, formando, assim, uma interrogativa sim/não (*Yes/No question*):

- (80) a. Maria quer saber [quem passou na prova].
 a'. Maria quer saber [*se* Pedro passou na prova].
 b. Maria ajudou [quem passou na prova].
 b'. *Maria ajudou [*se* Pedro passou na prova].

¹⁶ A leitura de (7a''') não deve ser aquela de uma *conceled question*, do tipo *Maria quer saber qual é a pessoa que passou na prova*.

Em (80a'), a sentença introduzida pelo complementizador *se* é gramatical, indicando que a encaixada de (80a) é uma interrogativa indireta. Já (80b') não passou pelo teste, revelando que a sentença encaixada em (80b) não é uma interrogativa.

Para compreender o teste, basta lembrar que verbos como *perguntar* e *saber* selecionam semanticamente um complemento [+interrogativo]. Em PB, há duas formas de marcar o CP encaixado como [+interrogativo]: preenchendo o Spec do CP, como em (81b), abaixo; ou é preenchendo o núcleo C com o complementizador *se*, que é [+interrogativo], como em (81a):

- (81) a. Maria quer saber [se o Pedro passou na prova].
 b. Maria quer saber [quando (que) o Pedro passou na prova].
 c. *Maria quer saber [que o Pedro passou na prova].
 d. *Maria quer saber [o Pedro passou na prova].

A falta de um sintagma que marque a encaixada como [+interrogativa], agramaticaliza as sentenças. É o caso de (81c), cujo complementizador [-interrogativo] *que* não consegue, sozinho, marcar a sentença encaixa como [+interrogativa]; e de (81d) em que o CP e o C estão vazios.

Móia (1992) também apresenta o terceiro teste, que consiste na substituição da encaixada por uma sentença encabeçada pelo pronome interrogativo *qual* seguido do verbo *ser*:

- (82) a. Maria quer saber [quem passou na prova].
 a'. Maria quer saber [*quais foram as pessoas* que passaram na prova].
 b. Maria ajudou [quem passou na prova].
 b'. * Maria ajudou [*quais foram as pessoas* que passaram na prova].

Ao aplicar o teste, caso a sentença formada seja gramatical, conforme (82a'), teremos uma interrogativa indireta em (82a). Do contrário, como em (82b'), a encaixada não será uma interrogativa (82b).

2.3.1.2 Testes de inserção

O primeiro teste de inserção que diferencia uma relativa livre de uma interrogativa indireta consiste em inserir (*é*) *que* logo após o pronome-Wh. Essa propriedade foi revelada, segundo Leonarduzzi (2000), por Baker (1968, p.19-20; 1970, p.199) e por Pagnoux (1976, p.360) e foi transformada em teste, de acordo com Medeiros Júnior (2005a, p.17), por Alvarenga (1981) e adaptado por Baker (1989):

- (83) a. Maria quer saber [quem passou na prova].
 a'. Maria quer saber [quem (*é*) *que* passou na prova].
 b. Maria ajudou [quem passou na prova].
 b'.* Maria ajudou [quem (*é*) *que* passou na prova].

Se a sentença for bem formada, como em (83a'), diremos que (83a) contém uma interrogativa indireta; do contrário, o que teremos não é interrogativa (83b).

A inserção do (*é*) *que* focaliza um constituinte. Assim, em (84a), abaixo, temos uma sentença clivada, conforme visto na seção 1.2, capítulo I (LEONARDUZZI, 2000; MODESTO, 2000; KATO, RIBEIRO, 2007; MIOTO, NEGRÃO, 2007). Em interrogativas, o pronome-Wh sozinho pode ser focalizado (84a); ao contrário das relativas livres em que toda a encaixada deve ser focalizada (84b) e (84c):

- (84) a. *Quem é que* passou na prova?
 b. **Quem é que* passou na prova Maria ajudou.
 c. *Quem* passou na prova *é que* Maria ajudou.

A agramaticalidade de (84b) justifica-se porque o pronome-Wh de uma relativa (livre) não pode ser o focalizado. A única possibilidade é focalizar a relativa toda (84c). Ao contrário, o pronome-Wh de uma interrogativa pode ser, sozinho, o foco da sentença. Isso explica a possibilidade de (84a'), em que o pronome-Wh interrogativo foi focalizado.

Baker (1968, p.19-20 apud LEONARDUZZI, 2000, p. 174) apresenta duas situações em que a inserção do (*é*) *que* (*it was that* em inglês) é impossível: nas interrogativas indiretas introduzidas pelo *whether* (*se*), como em (85a) e (86a); e pelo *how* ou outro advérbio-Wh de grau, como em (85b) e (86b):

- (85) a. *John didn't know **whether** it was that the moon shot had succeeded or not.
 (de même que: *It was either that the moon shot had succeeded or not.)

“*John não sabia se é que o tiro na lua (=a tentativa) havia dado certo ou não.”
(o mesmo que: *Era um ou outro que o tiro na lua tinha dado certo ou não).

b. *John didn't know **how outdated** it was that the highway map was.
(de mêmee que : *It was quite outdated that the highway map was.)

“*John não sabia **quanto/quão desatualizado** é que o mapa da rodovia estava.”
(o mesmo que: *Era quanto desatualizado que o mapa da rodovia estava.)

(LEONARDUZZI, 2000, p.174, grifo e tradução nossa)

- (86) a. Maria perguntou se *(é que) João fez a lista do supermercado.
b. Maria quer saber quanto seguro *(é que) é o seu emprego.

Essas construções são impossíveis, porque a clivagem só pode “incidir sobre um dos constituintes da sentença [um Wh, por exemplo] e não sobre a relação sujeito/predicado como um todo.” (LEONARDUZZI, 2000, p.174, tradução nossa), conforme já explicado anteriormente. Leonarduzzi afirma ainda que pode haver casos de inserção do *é que* (*it that was*) com o *whether*, mas só quando a clivada não se aplica a subordinada como um todo, como em (87), abaixo:

- (87) She could not tell whether it was the beat of the swell or his fateful tread that seemed to fall cruelly upon her heart. (Con 263).

“Ela não podia dizer se era o ritmo ou o passo acelerado que parecia cair cruelmente em seu coração.”

(LEONARDUZZI, 2000, p.174, tradução nossa)

Em sentenças como (87), a clivagem recai sobre o sujeito da encaixada (*the beat of the swell or his fateful treat*) e não sobre o sujeito/predicado como um todo.

Outro teste de inserção, o segundo, foi proposto por Ross (1967). O autor propõe que a inserção do advérbio *else* (*mais*) logo após o pronome-Wh possibilita a identificação de uma interrogativa indireta, como mostram os exemplos do autor (p.39 e 40):

- (88) a. I wonder what *else* he said.
“Eu me pergunto o que mais ele disse.”
b. Tom asked where *else* I stopped.

“Tom perguntou onde mais eu parei.”

c. *I ate what *else* she cooked.

“*Eu como o que mais ela cozinha.”

d. * I live where *else* he lives.

“*Eu vivo onde mais ele vive.”

(ROSS, 1967, p.39-40, tradução nossa)

Em (88a) e (88b) a gramaticalidade das sentenças ocorre porque a inserção do *else* é permitida nas interrogativas indiretas; o que não é possível nas relativas livres, como mostram as sentenças (88c) e (88d), que são agramaticais.

Da mesma forma que no inglês, a inserção do advérbio *mais* também parece funcionar nas interrogativas indiretas do PB (89) e não nas relativas livres (90):

- (89) a. André perguntou quem *mais* faltou.
b. Maria quer saber quem *mais* passou na prova.

- (90) a. *Maria conhece quem *mais* passou na prova.
b. *Joana comprou o que *mais* Francisco vendia.

A inserção do advérbio *mais* logo após o pronome-Wh só funciona se a encaixada for uma interrogativa, como em (89). Nas relativas livres (90), a inserção do *mais* agramaticaliza as sentenças.

2.3.1.3 Teste de transformação

Outro teste que, segundo Caponigro (2003, p.14), foi proposto por Jespersen (1909) e descrito em Baker (1968, p.10); consiste em transformar a sentença matriz em uma pergunta-Wh. Ao aplicar esse teste, se a sentença encaixada for interrogativa, o pronome-Wh utilizado será o *o que*; se a sentença for relativa livre, o pronome-Wh permanecerá o mesmo da sentença encaixada que está sendo analisada:

- (91) a. Maria quer saber [quem passou na prova].
a'. *Quem Maria quer saber?
a". O que Maria quer saber?

b. Maria ajudou [quem passou na prova].

b'. Quem Maria ajudou?

b". *O que Maria ajudou?

Em (91a'), ao repetirmos o pronome-Wh da encaixada *quem* para formular a pergunta, a sentença agramaticalizou-se. Utilizando o pronome *o que* (91a'') a sentença fica perfeita. Sendo assim, mais uma vez, comprovamos que a encaixada de (91a) é uma interrogativa. Já em (91b'), o mesmo pronome-Wh de (91b), *quem*, foi utilizado para formular a pergunta, comprovando que a encaixada de (91b) é uma relativa livre.

Cabe destacar que esse teste, como já apontado em Marchesan (2012), não pode ser aplicado para diferenciar relativas livre de interrogativas indiretas quando elas forem introduzidas pelo pronome *o que*, já que esse é o pronome utilizado no teste.

(92) a. Maria quer saber [o que Pedro fez para o jantar].

a'. O que Maria quer saber?

b. Maria comeu [o que Pedro fez para o jantar].

b'. O que Maria comeu?

Em resumo, os testes descritos até aqui identificam sentenças que contêm uma interrogativa indireta: testes de substituição (por uma expressão interrogativa do tipo Wh+NP; pelo complementizador *se* e pelo pronome *qual* seguido do verbo *ser*); testes de inserção (do *(é) que* e do advérbio *mais* logo após o pronome-Wh); e o teste de transformação da sentença matriz em uma pergunta, usando o pronome *o que*. A seguir, descreveremos os testes que identificam relativas livres.

2.3.2 Testes que identificam relativas livres

Nesta seção, apresentaremos testes disponíveis na literatura que identificam relativas livres: (i) deslocamento por movimento da passiva; (ii) transformação da encaixada em uma relativa com núcleo para posterior topicalização e cliticização; e (iii) inserção do *quer que*.

2.3.2.1 Deslocamento por movimento da passiva

Esse teste consiste em deslocar a estrutura encaixada para a posição pré-verbal por movimento da passiva (MÓIA, 1992):

- (93) a. Maria quer saber [quem passou na prova].
 a'. *[Quem passou na prova] foi querido saber por Maria.
 b. Maria ajudou [quem passou na prova].
 b'. [Quem passou na prova] foi ajudado por Maria.

Esse teste funciona quando a sentença analisada contém uma relativa livre em função sintática de objeto direto, como em (93b), em que, por movimento da passiva, ocorre o deslocamento da encaixada para a posição pré-verbal. Desde a Gramática Tradicional, sabe-se que, na conversão para a voz passiva, o objeto direto é transformado em sujeito da passiva e o sujeito em agente da passiva:

- (94) a. Chomsky_(Suj. da ativa) criou a GG_(OD).
 b. A GG_(Suj. da passiva) foi criada por Chomsky_(agente da passiva).

Assim, pela natureza desse teste, ele só pode ser aplicado em sentenças encaixadas que estejam em função sintática de objeto direto e sujeito; mas não funciona para identificar relativas livres que sejam complemento de preposição e complemento oblíquo de verbos:

- (95) a. Pedro falou com [quem a Maria namora].
 a'. *Quem a Maria namora foi falado com Pedro.
 b. Pedro mora [onde Paulo nasceu].
 b'. *Onde Paulo nasceu foi morado por Pedro.

Ao aplicar o teste de deslocamento da passiva, as sentenças de (95) são agramaticais, pois as relativas livres desempenham funções sintáticas de complemento de preposição (95a) e complemento oblíquo de verbo (95b). Por isso, esse teste só será efetivo quando a encaixada estiver em função sintática de objeto direto.

2.3.2.2 Topicalização com cliticização

Outro teste apresentado por Mória (1992) consiste em, primeiro, transformar o pronome-Wh em um DP, como os constituintes sublinhados nas sentenças em (96a') e (96b') abaixo; e, depois, topicalizar a sentença encaixada, inserindo um clítico para retomá-la:

- (96) a. Maria quer saber [quem passou na prova].
 a'. [DP A pessoa que passou na prova].
 a". *[DP A pessoa que passou na prova], Maria quer sabê-la.
- b. Maria ajudou [quem passou na prova].
 b'. [DP A pessoa que passou na prova].
 b". [DP A pessoa que passou na prova], Maria a ajudou.

Se tivermos uma sentença bem formada, como (96b"), saberemos que a sentença encaixada que está sendo analisada é uma relativa livre.

Assim como o teste anterior (2.3.2.1), esse também funciona apenas com relativas livres que sejam DPs (ou seja, as introduzidas por *quem*, *o que* e *quanto*) e que sejam objeto direto:

- (97) a. Maria mora [onde Pedro nasceu]. (MARCHESAN, 2012, p.35)
 a'. [PP No lugar em que Pedro nasceu].
 b". *[PP No lugar em que Pedro nasceu], Maria mora-a.
- b. O menino não se comportou [como deveria (ter se comportado)]. (MARCHESAN, 2012, p. 35)
 b'. [PP Da maneira que deveria (ter se comportado)].
 b". *[PP Da maneira que deveria (ter se comportado)], o menino não comportou-o.

Em função de complemento oblíquo de verbo (97), as sentenças não passam no teste. Nesses casos, as sentenças encabeçadas pelos pronomes *onde* e *como* podem ser parafraseadas por PPs e, por isso, não conseguem ser cliticizados.

2.3.2.3 Inserção do *quer que* logo após o pronome-Wh

Medeiros Júnior (2005, p.94-95) propõe esse teste para identificar relativas livres do PB. O teste consiste em inserir o *quer que* logo após o pronome-Wh, realizando as alterações necessárias no modo do verbo.

- (98) a. Maria quer saber [quem passou na prova].
 a'. *Maria quer saber [quem *quer que* passe/passasse na prova].
- b. Maria conhece [quem passou na prova].
 b'. Maria conhece [quem *quer que* passe/passasse na prova].

De acordo com o autor (MEDEIROS JÚNIOR, 2005 a/b), se a sentença do teste for bem formada, como em (98b'), teremos uma relativa livre na encaixada de (98b); caso contrário, como em (98a'), teremos uma interrogativa indireta.

Como lembra o autor, esse teste foi adaptado de um teste proposto por Bresnan e Grimshaw (1978) para o inglês, uma vez que o pronome relativo-Wh permite, na língua inglesa, a afixação do sufixo *-ever* (99a), mas não da palavra *ever* (99b).

- (99) a. I kissed *whoever* he kissed.
 “Eu beijei quem *quer que* ele beijou.”
- b. * I kissed *who* he *ever* kissed.
 “*Eu beijei quem ele *quer que* beijou.”

(BRESNAN;GRIMSHAW, 1978, p.235, tradução nossa)

Bresnan e Grimshaw (1978, p. 334) afirmam, ainda, que o *(-)ever* pode ser utilizado tanto em interrogativas como em relativas. O que difere é que nas relativas livres, o sufixo deve estar sempre junto ao pronome relativo-Wh, formando uma palavra, como *whoever* de (99a) acima. Nas interrogativas (100), ele funciona como um “quantificador temporal” ou um “intensificador retórico” e nunca está junto ao pronome interrogativo-Wh:

- (100) a. Who did he *ever* kiss?
 “Quem ele beijou?”
- b. What is *ever* the matter with him now?

“Qual é o problema com ele agora?”

(BRESNAN; GRIMSHAW 1978, p. 234, tradução nossa)

A inserção do *quer quer* logo após o pronome-Wh parece não funcionar em alguns casos de relativas livres complemento oblíquo de verbos (introduzidas pelos pronomes oblíquos *quando, onde e como*), como podemos observar abaixo:

- (101) a. João não gosta [quando Maria canta].
 a'. ??João não gosta [quando *quer que* Maria cante].
 b. Maria mora [onde Pedro trabalha].
 b'. Maria mora [onde *quer que* Pedro trabalhe].
 c. João se comporta [como Maria pede].
 c'. João se comporta como *quer que* Maria peça.
- (102) a. João não gosta [quando o filme acaba]. (MARCHESAN, 2012, p.35)
 a'. *João não gosta [quando *quer que* o filme acabe].
 b. Maria mora [onde Pedro nasceu]. (MARCHESAN, 2012, p. 35)
 b'. Maria mora [onde *quer que* Pedro tenha nascido].
 c. O menino não se comportou [como deveria (ter se comportado)]. (MARCHESAN, 2012, p. 35)
 c'. *O menino não se comportou [como *quer que* deveria (ter se comportado)].

As sentenças acima (101) e (102) revelam que a inserção do *quer que* não garante a identificação da sentença relativa em todos os casos. O teste só será efetivo quando tivermos uma sentença sendo encabeçada por pronomes que possam ser parafraseados por DPs.

2.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos as características sintáticas e semânticas que possibilitam diferenciar relativas livres do que estamos chamando de interrogativas indiretas. Quanto às diferenças sintáticas, pudemos observar a possibilidade de extração: por ser uma ilha forte, a relativa livre não permite a extração de nenhum constituinte de dentro delas; já interrogativas, por terem apenas uma barreira (CP), possibilitam a extração de constituintes. Outro aspecto

sintático relevante na diferenciação destas sentenças encaixadas se refere ao Requerimento de Compatibilidade, presente nas relativas livres e ausente nas interrogativas indiretas.

Ademais, vimos que as relativas livres introduzidas por *quem*, *o que* e *quanto* podem ser substituídas por um DP, diferentemente das interrogativas, que permitem a substituição por um DP ou por um PP. Porém, sentenças introduzidas por *quando*, *onde* e *como*, mesmo apresentando verbos com traços interrogativos permitem ter como complemento um PP, gerando uma dificuldade na distinção destas sentenças interrogativas das relativas encabeçadas pelos mesmos pronomes oblíquos.

Além das características sintáticas, apresentamos também algumas características semânticas. As relativas livres não podem estar em função apositiva e nem podem ser complemento de nome. Caso apresentem essa função, elas serão relativas com núcleo ou interrogativas indiretas.

Outro aspecto se refere à compatibilidade semântica verificada nas relativas livres, mas não nas interrogativas indiretas. Ambas as sentenças, por serem encaixadas, podem ser divididas em duas sentenças simples, porém, Leonarduzzi (2000) argumenta que as relativas livres são correferenciais, já as interrogativas indiretas isso não é possível, ou seja, tal compatibilidade não é necessária nas interrogativas indiretas.

Outro aspecto importante abordado neste capítulo se refere aos diversos testes disponíveis na literatura que possibilitam a diferenciação/distinção entre relativas livres e interrogativas indiretas próprias. Na seção 2.3.1, apresentamos e aplicamos os testes com os verbos *querer*, *saber* e *conhecer*. Através da aplicação desses testes, percebe-se que eles possibilitam a diferenciação entre relativas livres e interrogativas indiretas, mesmo apresentando algumas particularidades referentes ao tipo de pronome que encabeça a encaixada ou a função sintática que a mesma exerce. Mesmo assim, podemos afirmar que os testes propostos funcionam para distinguir relativas livres de interrogativas indiretas.

No próximo capítulo, aplicaremos esses mesmos testes em verbos considerados ambíguos por Móia (1992), Prestes (2012) e Caponigro (2003).

CAPÍTULO III

3 UMA ANÁLISE QUANTO À AMBIGUIDADE VERBAL

As diferenças sintáticas e os testes descritos no capítulo anterior funcionam para distinguir relativas livres de interrogativas indiretas. No entanto, estudos de Caponigro (2003), Mória (1992) e Prestes (2012) mostraram que há alguns verbos que parece que podem selecionar ambos os complementos, relativo ou interrogativo:

(103) Ana viu [o que o João escreveu na lista].

(104) a. Ana viu [DP o bolo].

b. Ana viu [CP se João escreveu a lista].

O verbo *ver* de (103) é considerado um verbo que pode selecionar uma relativa livre, já que pode ser substituído por um DP (104a); ou uma interrogativa indireta, pois pode ser substituído por um CP (104b).

Assim, os objetivos deste capítulo são: primeiro, elencar os verbos considerados ambíguos, com base nos estudos de Caponigro (2003), Mória (1992) e Prestes (2012) e segundo, aplicar os testes apresentados no capítulo II, com a finalidade de confirmar se são realmente verbos ambíguos para, no próximo capítulo (IV), apresentar uma solução para esses casos que segue os estudos desenvolvidos por Leonarduzzi (2000), Matos e Brito (2013a,b) e Nye (2013) e outros autores citados por eles.

3.1 VERBOS CONSIDERADOS AMBÍGUOS (CAPONIGRO, 2003; MÓIA, 1992; PRESTES, 2012)

Mória (1992) e Prestes (2012) consideram ambíguos os verbos *ver*, *ignorar*, *esquecer-se*, *lembrar-se*, *saber*, *revelar*, *descobrir*, *perceber* e *notar*. Caponigro (2003) afirma que os verbos de sensação, como *taste* (provar) e *smell* (cheirar), também parecem se comportar de forma semelhante:

(105) a. Taste [FR what Adam cooked]!

“Prove o que Adão cozinhou!”

a'. Taste [_{y/n-INT} whether Adam put enough salt in the soup]!

“Prove se Adão colocou sal suficiente na sopa!”

(CAPONIGRO, 2003, p.14, tradução nossa)

Em PB, conforme se pode ver nas sentenças em (106-107), abaixo, com exceção de *ver* e *ouvir*; parece que os demais verbos de sensação só são ambíguos no inglês:

- (106) a. Prove [_{FR} o que Adam cozinhou].
 b. Cheire [_{FR} o que há no frasco].
 c. Fernanda ouviu [_{FR} quem chamou o seu nome].
 d. Fernanda viu [_{FR} quem fez a prova de sintaxe].
- (107) a. Prove [_{y/n-INT} se Adam colocou sal na sopa].
 a'. Prove para ver [_{y/n-INT} se Adam colocou sal na sopa].
 b. Cheire [_{y/n-INT} se o arroz está queimado].
 b'. Cheire para ver [_{y/n-INT} se o arroz está queimado].
 c. Fernanda ouviu [_{y/n-INT} se o seu nome foi chamado].
 d. Fernanda viu [_{y/n-INT} se a estudante fez a prova de sintaxe].

Os verbos de sensação *provar* e *cheirar* parece que conseguem selecionar interrogativas indiretas (cf. 107a,b). No entanto, nesses casos, quem está selecionando a encaixada é o verbo *ver* que está implícito, como se pode notar nas sentenças em (107a' e 107b'), e não os verbos *provar* e *chorar*.

Em resumo, os verbos que serão analisados neste capítulo são: *ver*, *ignorar*, *esquecer-se*, *lembrar-se*, *saber*, *revelar*, *descobrir*, *perceber*, *notar* e *ouvir*. Esses verbos são os que podem selecionar relativas livres ou interrogativas indiretas (SUÑER, 1991; MATOS; BRITO, 2006; PRESTES, 2012; LIMA, 2007). De acordo com os autores, esses verbos selecionam sentenças que apresentam natureza mais declarativa e são considerados verbos/predicados fracamente e/ou fortemente assertivos, pois têm um valor de verdade com interpretação factiva.

3.2 SONDANDO OS TESTES APRESENTADOS NO CAPÍTULO II

Conforme apresentado no capítulo anterior (II), há vários testes disponíveis na literatura que tentam identificar se a sentença encaixada é relativa livre ou interrogativa.

Em resumo, os testes que identificam interrogativas indiretas podem ser divididos em três grupos. O primeiro grupo é formado por testes de substituição (em (108), abaixo) da sentença encaixada por outra que seja claramente interrogativa. Esses testes verificam se o verbo da sentença matriz seleciona sentença encaixada interrogativa:

(108) Substituição da sentença encaixada por:

- a. expressão claramente interrogativa, do tipo Wh+NP¹⁷;
- b. sentença introduzida pelo complementizador *se*¹⁸;
- c. sentença introduzida pelo pronome *qual* seguido do verbo *ser* de identidade¹⁹.

O segundo grupo é formado por testes de inserção:

(109) Inserção do:

- a. *é que* logo após o pronome-Wh²⁰;
- b. advérbio *mais* logo após o pronome-Wh²¹

Caso a sentença seja bem formada, teremos uma interrogativa indireta; caso a sentença seja agramatical, o que temos não é uma interrogativa indireta.

E, o terceiro “grupo” é formado por um só teste:

(110) transformação da sentença matriz em uma pergunta (usando o *o que*)²²;

Além desses três grupos de testes, foram apresentados três testes que confirmam que a sentença encaixada é uma relativa livre:

¹⁷ Teste apresentado em Mória (1992), Caponigro (2003) e Marchesan (2008, 2012).

¹⁸ Teste proposto por Mória (1992).

¹⁹ Teste proposto por Mória (1992).

²⁰ Teste proposto por Alvarenga (1981) e adaptado por Becker (1989 apud MEDEIROS JUNIOR, 2005a, p. 17).

²¹ Teste proposto por Ross (1967);

²² Teste criado por Jespersen (1909) e posteriormente descrito por Beker (1968, p.10 apud CAPONIGRO, 2003, p. 14).

- (111) a. deslocamento por movimento da passiva²³;
 b. topicalização com cliticização²⁴;
 c. inserção do *quer que* logo após a expressão-Wh²⁵

Nas próximas seções, aplicaremos os testes (108), (109), (110) e (111) para verificar como os verbos *ver*, *ignorar*, *esquecer-se*, *lembrar-se*, *saber*, *revelar*, *descobrir*, *perceber* e *notar*, elencados por Mória (1992) e Prestes (2012); mais o verbo *ouvir*, de Caponigro (2003), se comportam.

A análise da gramaticalidade das sentenças terá como respaldo a intuição do linguista da autora dessa dissertação, uma vez que, de acordo com Raposo (1978, p. 12), o linguista, cujo trabalho não objetivar o estudo da sócio-linguística, pode optar por três formas de análise, sendo uma delas: “descrever o seu próprio idiolecto, isto é, as *suas* próprias intuições sobre a aceitabilidade ou não aceitabilidade das frases como gramaticais (os chamados ‘juízos de gramaticalidade’)”.

3.2.1 Testes de substituição

Nos testes de substituição (108), não importa qual seja a sentença encaixada ou o pronome que a introduz, pois eles consistem na substituição da encaixada por uma sentença claramente interrogativa. Assim, aplicando os testes de substituição nas sentenças encaixadas selecionadas pelos verbos ditos ambíguos *ver*, *ignorar*, *esquecer-se*, *lembrar-se*, *saber*, *revelar*, *descobrir*, *perceber*, *notar* e *ouvir* chegamos aos seguintes julgamentos de gramaticalidade:

- (112) a. Maria viu [*que João* passou na prova]. (WH+NP)
 b. Maria viu [*se João* passou na prova]. (*se*)
 c. Maria viu [*qual foi* a pessoa que passou na prova]. (qual+ser)
- (113) a. *Maria ignorou [*que Ana* passou na prova]. (WH+NP)

²³ Teste proposto por Mória (1992).

²⁴ Teste proposto por Mória (1992).

²⁵ Teste proposto por Medeiros Junior (2005).

- b. *Maria ignorou [*se Pedro* passou na prova]. (se)
 c. Maria ignorou [*qual foi a pessoa que* passou na prova]. (qual+ser)
- (114) a. *Maria esqueceu-se de [*que Ana* passou na prova]. (WH+NP)
 b. *Maria esqueceu-se de [*se Pedro* passou na prova]. (se)
 c. *Maria esqueceu-se de [*qual foi a pessoa que* passou na prova]. (qual+ser)
- (115) a. *Maria lembrou-se de [*que Ana* passou na prova]. (WH+NP)
 b. *Maria lembrou-se de [*se Pedro* passou na prova]. (se)
 c. Maria lembrou-se de [*qual foi a pessoa que* passou na prova]. (qual+ser)
- (116) a. Maria sabe [*que Ana* passou na prova]. (WH+NP)
 b. Maria sabe [*se Pedro* passou na prova]. (se)
 c. Maria sabe [*qual foi a pessoa que* passou na prova]. (qual+ser)
- (117) a. Maria revelou [*que Ana* passou na prova]. (WH+NP)
 b. Maria revelou [*se Pedro* passou na prova]. (se)
 c. Maria revelou [*qual foi a pessoa que* passou na prova]. (qual+ser)
- (118) a. Maria descobriu [*que Ana* passou na prova]. (WH+NP)
 b. Maria descobriu [*se Pedro* passou na prova]. (se)
 c. Maria descobriu [*qual foi a pessoa que* passou na prova]. (qual+ser)
- (119) a. Maria ainda não percebeu [*que aluno está colando* na prova]. (WH+NP)
 b. Maria ainda não percebeu [*se Pedro está colando* na prova]. (se)
 c. Maria ainda não percebeu [*qual é o aluno que cola* na prova]. (qual+ser)
- (120) a. Maria ainda não notou [*que Pedro está colando* na prova]. (WH+NP)
 b. Maria ainda não notou [*se Pedro* passou na prova]. (se)
 c. Maria ainda não notou [*qual é a pessoa que está colando* na prova]. (qual+ser)
- (121) a. Maria ouviu [*que a Ana* passou na prova]. (WH+NP)
 b. Maria ouviu [*se Pedro* passou na prova]. (se)
 c. Maria ouviu [*qual foi a pessoa que* passou na prova]. (qual+ser)

A aplicação destes testes revela que as sentenças com os verbos *ignorar*, *esquecer-se* e *lembrar-se* foram avaliados agramaticais nos testes de substituição da encaixada por um Wh+NP (108a) e de substituição da encaixada por outra introduzida pelo *se* (108b).

Em resumo, a partir dos testes de substituição, podemos dizer que os verbos *ver*, *saber*, *revelar*, *descobrir*, *perceber*, *notar* e *ouvir* são verbos que selecionam interrogativas indiretas.

3.2.2 Outros testes com encaixadas introduzidas pelo pronome *quem*

Os testes descritos nesta seção visam distinguir se a sentença encaixada introduzida pelo pronome *quem* é uma interrogativa ou uma relativa livre. Assim, serão analisadas as seguintes sentenças:

- (122) a. Maria viu [quem passou na prova].
 b. Maria ignorou [quem passou na prova].
 c. Maria esqueceu-se de [quem passou na prova].
 d. Maria lembrou-se de [quem passou na prova].
 e. Maria sabe [quem passou na prova].
 f. Maria revelou [quem passou na prova].
 g. Maria descobriu [quem passou na prova].
 h. Maria ainda não percebeu [quem está colando na prova].
 i. Maria ainda não notou [quem está colando na prova].
 j. Maria ouviu [quem queria desabafar].

Aplicando os testes de inserção do *é que* e do advérbio *mais* (cf. 109), e o teste de formação de pergunta com o pronome *o que* (110), que identificam uma interrogativa encaixada; nas sentenças encaixadas introduzidas pelo *quem* e selecionadas por verbos ditos *ambíguos* (*ver*, *ignorar*, *esquecer-se*, *lembrar-se*, *saber*, *revelar*, *descobrir*, *perceber*, *notar* e *ouvir*), temos os seguintes juízos de gramaticalidade:

- (123) a. Maria viu [quem *é que* passou na prova].
 b. Maria viu [quem *mais* passou na prova] (ela só não quer contar).

- c. Quem Maria viu? c'. *O que Maria viu?
- (124) a. *Maria ignorou [quem *é que* passou na prova].
 b. *Maria ignorou [quem *mais* passou na prova].
 c. Quem Maria ignorou? c'. *O que Maria ignorou?
- (125) a. *Maria esqueceu-se de [quem *é que* passou na prova].
 b. Maria esqueceu-se de [quem *mais* passou na prova].
 c. De quem Maria se esqueceu? c'. *Do que Maria se esqueceu?
- (126) a. *Maria lembrou-se de [quem *é que* passou na prova].
 b. Maria lembrou-se de [quem *mais* passou na prova].
 c. De quem Maria lembrou-se? c'. *Do que Maria lembrou-se?
- (127) a. Maria sabe [quem *é que* passou na prova] (ela só não quer contar).
 b. Maria sabe [quem *mais* passou na prova].
 c. *Quem Maria sabe? c'. O que Maria sabe?
- (128) a. Maria revelou [quem *é que* passou na prova].
 b. Maria revelou [quem *mais* passou na prova].
 c. *Quem Maria revelou? c'. O que Maria revelou?
- (129) a. Maria descobriu [quem *é que* passou na prova].
 b. Maria descobriu [quem *mais* passou na prova].
 c. Quem Maria descobriu? c'. O que Maria descobriu?
- (130) a. Maria ainda não percebeu [quem *é que* está colando na prova].
 b. Maria ainda não percebeu [quem *mais* está colando na prova].
 c. *Quem Maria ainda não percebeu? c'. O que Maria ainda não percebeu?
- (131) a. Maria ainda não notou [quem *é que* está colando na prova].
 b. Maria ainda não notou [quem *mais* está colando na prova].
 c. *Quem Maria ainda não notou? c'. O que Maria ainda não notou?

- (137) a. *Quem passou na prova foi sabido por Maria.
 b. *A pessoa que passou na prova, Maria sabia-a.
 c. *Maria sabe [quem *quer que* passe na prova].
- (138) a. Quem passou na prova foi revelado por Maria.
 b. A pessoa que passou na prova, Maria revelou-a.
 c. Maria revela [quem *quer que* passe na prova].
- (139) a. Quem passou na prova foi descoberto por Maria.
 b. A pessoa que passou na prova, Maria descobriu-a.
 c. Maria descobre [quem *quer que* passe na prova].
- (140) a. *Quem passou na prova foi percebido por Maria.
 b. *A pessoa que passou na prova, Maria percebeu-a.
 c. *Maria percebe [quem *quer que* passe na prova].
- (141) a. *Quem passou na prova foi notado por Maria.
 b. *A pessoa que passou na prova, Maria notou-a.
 c. *Maria nota [quem *quer que* passe na prova].
- (142) a. Quem passou na prova foi ouvido por Maria.
 b. A pessoa que passou na prova, Maria ouviu-a.
 c. Maria ouve [quem *quer que* passe na prova].

Os testes apresentados acima sugerem que as encaixadas selecionadas pelos verbos *ver*, *ignorar*, *esquecer-se*, *lembrar-se*, *revelar*, *descobrir* e *ouvir* selecionam relativas livres e os verbos *saber*, *perceber* e *notar* não selecionam relativas livres.

Na tabela 1, abaixo, há um resumo dos testes apresentados na seção 3.2.2:

Tabela 1: testes (108), (109), (110) e (111) com encaixadas introduzidas pelo pronome *quem*

	Inserção: <i>é que</i> (109a)	Inserção: mais (109b)	Formação pergunta (110)	Passiva (111a)	Tópico+clítico (111b)	Inserção do <i>quer que</i> (111c)
Ver	IE	IE	*IE	RL	RL	RL
Ignorar	*IE	*IE	*IE	RL	RL	RL

Esquecer-se	*IE	IE	*IE	RL	RL	RL
Lembrar-se	*IE	IE	*IE	RL	RL	RL
Saber	IE	IE	IE	*RL	*RL	*RL
Revelar	IE	IE	IE	RL	RL	RL
Descobrir	IE	IE	IE	RL	RL	RL
Perceber	IE	IE	IE	*RL	*RL	*RL
Notar	IE	IE	IE	*RL	*RL	*RL
Ouvir	*IE	*IE	*IE	RL	RL	RL

Fonte: Baú (2016)

Pela Tabela 1, conseguimos verificar que os verbos *saber*, *perceber* e *notar* são os únicos que parecem selecionar interrogativas indiretas quando a encaixada for introduzida pelo pronome *quem*. Os outros verbos passam em alguns testes e não passam em outros, confirmando a sua ambiguidade.

Para garantir que ocorra uma real análise dos verbos, verificaremos agora os testes realizados com o pronome-Wh *o que*.

3.2.3 Outros testes com encaixadas introduzidas pelo pronome *o que*

Analisaremos, nesta seção, os mesmos testes apresentados em 3.2.2. A diferença é que as sentenças encaixadas são introduzidas pelo pronome *o que*. Analisaremos as seguintes sentenças:

- (143) a. Maria viu [o que João comprou].
 b. Maria ignorou [o que João fez].
 c. Maria esqueceu-se d[o que João comprou].
 d. Maria lembrou-se d[o que João comprou].
 e. Maria sabe [o que João comprou].
 f. Maria revelou (para Pedro) [o que João queria saber].
 g. Maria descobriu [o que João comprou].
 h. Maria percebeu [o que João queria].
 i. Maria notou [o que João comprou].
 j. Maria ouviu [o que João comprou].

Os testes serão retomados na mesma sequência da seção anterior. Vamos a eles:

O primeiro grupo é formado pelos testes de inserção do *é que* e do *mais*²⁶. Esses testes identificam uma interrogativa encaixada:

- (144) a. Maria viu [o que *é que* João comprou].
 b. Maria viu [o que *mais* João comprou].
- (145) a. Maria ignorou [o que *é que* João fez].
 b. Maria ignorou [o que *mais* João fez].
- (146) a.* Maria esqueceu-se d[o que *é que* João comprou].
 b.* Maria esqueceu-se d[o que *mais* João comprou].
- (147) a. *Maria lembrou-se d[o que *é que* João comprou].
 b. *Maria lembrou-se d[o que *mais* João comprou].
- (148) a. Maria sabe [o que *é que* João comprou].
 b. Maria sabe [o que *mais* João comprou].
- (149) a. Maria revelou [o que *é que* João queria saber].
 b. Maria revelou [o que *mais* João queria saber].
- (150) a. Maria descobriu [o que *é que* João comprou].
 b. Maria descobriu [o que *mais* João comprou].
- (151) a. Maria percebeu [o que *é que* João queria].
 b. Maria percebeu [o que *mais* João queria].
- (152) a. Maria notou [o que *é que* João comprou].
 b. Maria notou [o que *mais* João comprou].

²⁶ O teste de formação de pergunta não foi aplicado, porque ele é inconsistente; já que neste teste, se a sentença encaixada for interrogativa, o pronome-Wh utilizado será o *o que* e, se a sentença for uma relativa livre, o pronome-Wh permanecerá o mesmo da sentença original. Como o pronome-Wh que estamos analisando é *o que*, não temos como fazer uma comparação entre as duas formas do teste.

- (153) a. *Maria ouviu [o que é que João comprou].
 b.* Maria ouviu [o que mais João comprou].

Ao avaliar as sentenças acima, identificamos que as sentenças de (146), (147) e (153), selecionadas pelos verbos *esquecer-se*, *lembrar-se* e *ouvir*, respectivamente, são agramaticais, indicando que não são interrogativas indiretas. Tal fato corrobora parte dos testes realizados na seção anterior, em que a encaixada introduzida pelo pronome *quem* gerou sentenças agramaticais quando selecionada por esses mesmos verbos.

Vejamos, abaixo, como essas mesmas sentenças são julgadas nos testes que identificam relativas livres. Os testes utilizados para essa identificação são os apresentados em (111): deslocamento por movimento da passiva; topicalização com cliticização; e inserção do *quer que*:

- (154) a. O que João comprou foi visto por Maria.
 b. O presente que João comprou, Maria viu-o.
 c. Maria vê [o que *quer que* João compre].
- (155) a. O que João fez foi ignorado por Maria.
 b. O presente que João fez, Maria ignorou-o.
 c. Maria ignora [o que *quer que* João faça].
- (156) a. O que João comprou foi esquecido por Maria.
 b. O presente que João comprou, Maria esqueceu-o.
 c. Maria esquece-se d[o que *quer que* João compre].
- (157) a. O que João comprou foi lembrado por Maria.
 b. O presente que João comprou, Maria lembrou-o.
 c. Maria lembra-se d[o que *quer que* João compre].
- (158) a. *O que João comprou foi sabido por Maria.
 b. *O presente que João comprou, Maria sabia-o.
 c. *Maria sabe [o que *quer que* João compre].
- (159) a. O que João queria saber foi revelado por Maria.

- b. O presente que João queria saber, Maria revelou-o.
 c. Maria revela [o que *quer que* João queira saber].
- (160) a. O que João comprou foi descoberto por Maria.
 b. O presente que João comprou, Maria descobriu-o.
 c. Maria descobre [o que *quer que* João compre].
- (161) a. *O que João queria foi percebido por Maria.
 b. *O presente que João queria, Maria percebeu-o.
 c.* Maria percebe [o que *quer que* João queira].
- (162) a. *O que João comprou foi notado por Maria.
 b. *O presente que João comprou, Maria notou-o.
 c. *Maria nota [o que *quer que* João compre].
- (163) a. *O que João comprou foi ouvido por Maria.
 b.* O presente que João comprou, Maria ouviu-o.
 c. *Maria ouve [o que *quer que* João compre].

Os julgamentos de gramaticalidade das sentenças mostram que as sentenças que contêm os verbos *saber* (158), *perceber* (161), *notar* (162) e *ouvir* (163), por não passarem nos testes, não podem ser consideradas relativas livres. Os resultados desses testes são semelhantes aos apresentados na seção 3.2.2 com o pronome *quem* encabeçando a encaixada. Vejam um resumo dos testes na Tabela 2, abaixo:

Tabela 2: testes (109) e (111) com encaixadas introduzidas pelo pronome *o que*

	Inserção: <i>é que</i> (109a)	Inserção: mais (109b)	Passiva (111a)	Tópico+clítico (111b)	Inserção do <i>quer que</i> (111c)
Ver	IE	IE	RL	RL	RL
Ignorar	IE	IE	RL	RL	RL
Esquecer-se	*IE	*IE	RL	RL	RL
Lembrar-se	*IE	*IE	RL	RL	RL
Saber	IE	IE	*RL	*RL	*RL
Revelar	IE	IE	RL	RL	RL
Descobrir	IE	IE	RL	RL	RL
Perceber	IE	IE	*RL	*RL	*RL
Notar	IE	IE	*RL	*RL	*RL
Ouvir	*IE	*IE	*RL	*RL	*RL

Fonte: Baú (2016)

A fim de assegurar a análise deste trabalho, passaremos a verificar os mesmo testes realizados com o pronome-Wh *quanto*.

3.2.4 Outros testes com encaixadas introduzidas pelo pronome *quanto*

Passaremos a analisar, nesta seção, sentenças encaixadas encabeçadas pelo pronome *quanto*:

- (164) a. Maria viu [quanto João roubou (do cofre)].
 b. Maria ignorou [quanto João roubou (do cofre)].
 c. Maria esqueceu-se de [quanto João roubou (do cofre)].
 d. Maria lembrou-se de [quanto João roubou (do cofre)].
 e. Maria sabe [quanto João roubou (do cofre)].
 f. Maria revelou [quanto João roubou (do cofre)].
 g. Maria descobriu [quanto João roubou (do cofre)].
 h. Maria percebeu [quanto João roubou (do cofre)].
 i. Maria notou [quanto João roubou (do cofre)].
 j. Maria ouviu [quanto queria de música].

Os testes de inserção do *é que* (109a) e do advérbio *mais* (109b), e o teste de formação de pergunta (110) com o pronome *o que* foram aplicados e receberam o seguinte julgamento de gramaticalidade:

- (165) a. Maria viu [quanto *é que* João roubou (do cofre)].
 b. *Maria viu [quanto *mais* João roubou (do cofre)].
 c. *Quanto Maria viu? c'. O que Maria viu?
- (166) a. Maria ignorou [quanto *é que* João roubou (do cofre)].
 b. *Maria ignorou [quanto *mais* João roubou (do cofre)].
 c. *Quanto Maria ignorou? c'. O que Maria ignorou?
- (167) a. Maria esqueceu-se de [quanto *é que* João roubou (do cofre)].

- b. *Maria esqueceu-se de [quanto *mais* João roubou (do cofre)].
 c. *De quanto Maria esqueceu? c'. Do que Maria esqueceu?
- (168) a. Maria lembrou-se de [quanto *é que* João roubou (do cofre)].
 b. *Maria lembrou-se de [quanto *mais* João roubou (do cofre)].
 c. *De quanto Maria lembrou-se? c'. Do que Maria lembrou-se?
- (169) a. Maria sabe [quanto *é que* João roubou (do cofre)].
 b. *Maria sabe [quanto *mais* João roubou (do cofre)].
 c. *Quanto Maria sabe? c'. O que Maria sabe?
- (170) a. Maria revelou [quanto *é que* João roubou (do cofre)].
 b. *Maria revelou [quanto *mais* João roubou (do cofre)].
 c. *Quanto Maria revelou? c'. O que Maria revelou?
- (171) a. Maria descobriu [quanto *é que* João roubou (do cofre)].
 b. *Maria descobriu [quanto *mais* João roubou (do cofre)].
 c. *Quanto Maria descobriu? c'. O que Maria descobriu?
- (172) a. Maria percebeu [quanto *é que* João roubou (do cofre)].
 b. *Maria percebeu [quanto *mais* João roubou (do cofre)].
 c. *Quanto Maria percebeu? c'. O que Maria percebeu?
- (173) a. Maria notou [quanto *é que* João roubou (do cofre)].
 b. *Maria notou [quanto *mais* João roubou (do cofre)].
 c. *Quanto Maria notou? c'. O que Maria notou?
- (174) a. *Maria ouviu [quanto *é que* queria de música].
 b. *Maria ouviu [quanto *mais* queria de música].
 c. *Quanto Maria ouviu? c'. O que Maria ouviu?

O teste com a inserção da expressão *mais* logo após o pronome-Wh foi considerado agramatical. Isso nos revela que o pronome *quanto* não aceita a inserção do *mais*. Os demais verbos receberam juízos de gramaticalidade distintos.

Passaremos a verificar, neste momento, os testes que identificam relativas livres. Os testes consistem na topicalização; transformação da encaixada em uma relativa com núcleo para posterior topicalização e cliticização; e inserção do *quer que*.

- (175) a. Quanto João roubou (do cofre) foi visto por Maria.
 b. A quantia que João roubou (do cofre), Maria viu-a.
 c. *Maria vê [quanto quer que João roube (do cofre)].
- (176) a. Quanto João roubou (do cofre) foi ignorado por Maria.
 b. A quantia que João roubou (do cofre), Maria ignorou-a.
 c. *Maria ignora [quanto quer que João roube (do cofre)].
- (177) a. Quanto João roubou (do cofre) foi esquecido por Maria.
 b. A quantia que João roubou (do cofre), Maria esqueceu-a.
 c. *Maria esquece-se de [quanto quer que João roube (do cofre)].
- (178) a. Quanto João roubou (do cofre) foi lembrado por Maria.
 b. A quantia que João roubou (do cofre), Maria lembrou-a.
 c. *Maria lembra-se de [quanto quer que João roube (do cofre)].
- (179) a. *Quanto João roubou (do cofre) foi sabido por Maria.
 b. *A quantia que João roubou (do cofre), Maria sabia-a.
 c. *Maria sabe [quanto quer que João roube (do cofre)].
- (180) a. Quanto João roubou (do cofre) foi revelado por Maria.
 b. A quantia que João roubou (do cofre), Maria revelou-a.
 c. *Maria revela [quanto quer que João roube (do cofre)].
- (181) a. Quanto João roubou (do cofre) foi descoberto por Maria.
 b. A quantia que João roubou (do cofre), Maria descobriu-a.
 c. *Maria descobre [quanto quer que João roube (do cofre)].
- (182) a. *Quanto João roubou (do cofre) foi percebido por Maria.
 b. *A quantia que João roubou (do cofre), Maria percebeu-a.

- c. *Maria percebe [quanto quer que João roube (do cofre)].
- (183) a. *Quanto João roubou (do cofre) foi notado por Maria.
 b. *A quantia que João roubou (do cofre), Maria notou-a.
 c. *Maria nota [quanto quer que João roube (do cofre)].
- (184) a. *Quanto queria de música foi ouvido por Maria.
 b. *A quantia que queria de música, Maria ouviu-a.
 c. *Maria ouve [quanto quer que queira de música].

Os testes apresentados acima nos revelam que, da mesma forma que os testes apresentados anteriormente com os pronomes *quem* e *o que*, os verbos *saber* (179), *perceber* (182), *notar* (183) e *ouvir* (184) não selecionam como encaixada uma relativa livre. O pronome *quanto* também parece ser incompatível com o teste de inserção do *quer que*, uma vez que todas as sentenças foram julgadas agramaticais, como podemos verificar na Tabela 3 abaixo:

Tabela 3: testes (109), (110) e (111) com encaixadas introduzidas pelo pronome *quanto*

	Inserção: <i>é que</i> (109a)	Inserção: mais (109b)	Formação pergunta (110)	Passiva (111a)	Tópico+clítico (111b)	Inserção do <i>quer que</i> (111c)
Ver	IE	*IE	*IE	RL	RL	*RL
Ignorar	IE	*IE	IE	RL	RL	*RL
Esquecer-se	IE	*IE	*IE	RL	RL	*RL
Lembrar-se	IE	*IE	IE	RL	RL	*RL
Saber	IE	*IE	IE	*RL	*RL	*RL
Revelar	IE	*IE	IE	RL	RL	*RL
Descobrir	IE	*IE	IE	RL	RL	*RL
Perceber	IE	*IE	IE	*RL	*RL	*RL
Notar	IE	*IE	IE	RL	RL	*RL
Ouvir	IE	*IE	IE	*RL	*RL	*RL

Fonte: Baú (2016)

Passaremos a analisar sentenças encabeçadas pelo pronome *quando*, a fim de verificar seu comportamento em sentenças encaixadas selecionadas pelos verbos ambíguos.

3.2.5 Outros testes com encaixadas introduzidas pelo pronome *quando*

Nesta seção, serão analisadas as seguintes sentenças:

- (185) a. Maria viu [quando o aniversariante chegou].
 b. Maria ignorou [quando o aniversariante chegou].
 c. Maria esqueceu-se de [quando o aniversariante chegou].
 d. Maria lembrou-se de [quando o aniversariante chegou].
 e. Maria sabe [quando o aniversariante chegou].
 f. Maria revelou [quando o aniversariante chegou].
 g. Maria descobriu [quando o aniversariante chegou].
 h. Maria percebeu [quando o aniversariante chegou].
 i. Maria notou [quando o aniversariante chegou].
 j. Maria ouviu [quando o aniversariante chegou].

Da mesma maneira que nas seções anteriores, retomaremos, em um primeiro momento os testes que identificam uma interrogativa indireta e, em seguida, apresentaremos os testes que identificam uma relativa livre.

- (186) a. Maria viu quando é que o aniversariante chegou.
 b.* Maria viu quando mais o aniversariante chegou.
 c. *Quando Maria viu? c'. O que Maria viu?
- (187) a. *Maria ignorou quando é que o aniversariante chegou.
 b. *Maria ignorou quando mais o aniversariante chegou.
 c. *Quando Maria ignorou? c'. O que Maria ignorou?
- (188) a. Maria esqueceu-se de quando é que o aniversariante chegou.
 b. *Maria esqueceu-se de quando mais o aniversariante chegou.
 c. *Quando Maria esqueceu? c'. O que Maria esqueceu?
- (189) a. Maria lembrou-se de quando é que o aniversariante chegou.
 b. *Maria lembrou-se de quando mais o aniversariante chegou.
 c. *De quando Maria lembrou-se? c'. Do que Maria lembrou-se?
- (190) a. Maria sabe quando é que o aniversariante chegou.
 b. *Maria sabe quando mais o aniversariante chegou.
 c. *Quando Maria sabe? c'. O que Maria sabe?

- (191) a. *Maria revelou quando é que o aniversariante chegou.
 b. *Maria revelou quando mais o aniversariante chegou.
 c. *Quando Maria revelou? c'. O que Maria revelou?
- (192) a. Maria descobriu quando é que o aniversariante chegou.
 b. *Maria descobriu quando mais o aniversariante chegou.
 c. *Quando Maria descobriu? c'. O que Maria descobriu?
- (193) a. *Maria percebeu quando é que o aniversariante chegou.
 b. *Maria percebeu quando mais o aniversariante chegou.
 c. *Quando Maria percebeu? c'. O que Maria percebeu?
- (194) a. *Maria notou quando é que o aniversariante chegou.
 b. *Maria notou quando mais o aniversariante chegou.
 c. *Quando Maria notou? c'. O que Maria notou?
- (195) a. *Maria ouviu quando é que o aniversariante chegou.
 b. *Maria ouviu quando mais o aniversariante chegou.
 c. *Quando Maria ouviu? c'. O que Maria ouviu?

O teste que consiste na inserção do *mais* logo após a expressão-Wh foi considerado agramatical, nos possibilitando o entendimento de que todas as sentenças encaixadas, assim como as da seção anterior (introduzidas pelo pronome *quanto*), não permitem a inserção do *mais*. O fato de nenhuma sentença receber tal julgamento nos permite observar que, possivelmente, existam propriedades que tornam os pronomes *quanto* e *quando* incompatíveis ao teste aplicado.

Já o teste de inserção do *é que* recebeu julgamentos de agramaticalidade nas sentenças que contêm os verbos *ignorar* (187), *revelar* (191), *perceber* (193), *notar* (194) e *ouvir* (195), revelando que as sentenças não são interrogativas indiretas. No entanto, esses mesmos verbos foram julgados gramaticais no teste que consiste na substituição da expressão interrogativa pelo pronome *o que*, revelando que todas as sentenças seriam interrogativas indiretas.

Dito de outra forma, os testes aplicados nesta seção demonstraram que o pronome-Wh *quando* é ambíguo, pois não apresenta padrão nos julgamentos de gramaticalidade.

Vejam os como as mesmas sentenças (185) se comportam nos testes que identificam relativas livres²⁷:

- (196) Quando o aniversariante chegou foi visto por Maria.
- (197) Quando o aniversariante chegou foi ignorado por Maria.
- (198) Quando o aniversariante chegou foi esquecido por Maria.
- (199) Quando o aniversariante chegou foi lembrado por Maria.
- (200) *Quando o aniversariante chegou foi sabido por Maria.
- (201) * Quando o aniversariante chegou foi revelado por Maria.
- (202) *Quando o aniversariante chegou foi descoberto por Maria.
- (203) *Quando o aniversariante chegou foi percebido por Maria.
- (204) Quando o aniversariante chegou foi notado por Maria.
- (205) *Quando o aniversariante chegou foi ouvido por Maria.

O teste realizado com o intuito de verificar se as sentenças encaixadas de (185) são relativas livres recebeu julgamento de agramaticalidade nas sentenças que contêm os verbos *saber* (200), *revelar* (201), *descobrir* (202), *perceber* (203) e *ouvir* (205), demonstrando que esses verbos apresentam um traço [+interrogativo] sugerindo não se tratem de relativas livres. No entanto, essas mesmas sentenças também não passaram em alguns testes que identificam interrogativas indiretas, sugerindo que não são interrogativas indiretas, conforme esquematizado na tabela 4:

²⁷ Nos pronomes de natureza oblíqua *quando*, *onde* e *como* não aplicaremos os testes de transformação da encaixada em uma relativa com núcleo para posterior topicalização e cliticização; e de inserção do *quer quer* logo após o pronome-Wh, uma vez que, conforme abordado na capítulo II, seções 2.3.2.2 e 2.3.2.3, tais testes só serão efetivos quando tivermos uma sentença sendo encabeçada por pronomes que possam ser parafraseados por DPs (*quem*, *o que* e *quanto*).

Tabela 4: testes (109), (110) e (111) com encaixadas introduzidas pelo pronome *quando*

	Inserção: <i>é que</i>	Inserção: <i>mais</i>	Formação pergunta	Passiva
	(109a)	(109b)	(110)	(111a)
Ver	IE	*IE	RL	RL
Ignorar	*IE	*IE	RL	RL
Esquecer-se	IE	*IE	RL	RL
Lembrar-se	IE	*IE	RL	RL
Saber	IE	*IE	RL	*RL
Revelar	*IE	*IE	RL	*RL
Descobrir	IE	*IE	RL	*RL
Perceber	*IE	*IE	RL	*RL
Notar	*IE	*IE	RL	RL
Ouvir	*IE	*IE	RL	*RL

Fonte: Baú (2016)

Na sequência, analisaremos as sentenças encabeçadas pelo pronome *onde* com o objetivo de assegurar a análise deste trabalho.

3.2.6 Outros testes com encaixadas introduzidas pelo pronome *onde*

Passaremos a analisar, a partir de agora, as sentenças encabeçadas pelo pronome *onde*. Os testes serão apresentados da mesma forma que nas seções anteriores. Para isso, serão analisadas as seguintes sentenças:

- (206) a. Maria viu [onde João trabalha].
 b. Maria ignorou [onde João trabalha].
 c. Maria esqueceu-se de [onde João trabalha].
 d. Maria lembrou-se de [onde João trabalha].
 e. Maria sabe [onde João trabalha].
 f. Maria revelou [onde João trabalha].
 g. Maria descobriu [onde João trabalha].
 h. Maria percebeu [onde João trabalha].
 i. Maria notou [onde João trabalha].
 j. Maria ouviu [onde João trabalha].

Os testes de inserção do *é que* e do advérbio *mais*, e o teste de formação de pergunta com o pronome *o que* foram aplicados e receberam o seguinte julgamento de gramaticalidade:

- (207) a. Maria viu onde é que João trabalha.
 b. Maria viu onde mais João trabalha.
 c. *Onde Maria viu? c'. O que Maria viu?
- (208) a. Maria ignorou onde é que João trabalha.
 b. Maria ignorou onde mais João trabalha.
 c. *Onde Maria ignorou? c'. O que Maria ignorou?
- (209) a. Maria esqueceu-se de onde é que João trabalha.
 b. Maria esqueceu-se de onde mais João trabalha.
 c. *Onde Maria esqueceu? c'. O que Maria esqueceu?
- (210) a. Maria lembrou-se de onde é que João trabalha.
 b. Maria lembrou-se de onde mais João trabalha.
 c. *De onde Maria lembrou-se? c'. Do que Maria lembrou-se?
- (211) a. Maria sabe onde é que João trabalha.
 b. Maria sabe onde mais João trabalha.
 c. *Onde Maria sabe? c'. O que Maria sabe?
- (212) a. Maria revelou onde é que João trabalha.
 b. Maria revelou onde mais João trabalha.
 c. *Onde Maria revelou? c'. O que Maria revelou?
- (213) a. Maria descobriu onde é que João trabalha.
 b. Maria descobriu onde mais João trabalha.
 c. *Onde Maria descobriu? c'. O que Maria descobriu?
- (214) a. *Maria percebeu onde é que João trabalha.
 b. *Maria percebeu onde mais João trabalha.
 c. *Onde Maria percebeu? c'. O que Maria percebeu?
- (215) a. *Maria notou onde é que João trabalha.

- b. *Maria notou onde mais João trabalha.
 c. *Onde Maria notou? c'. O que Maria notou?

- (216) a. *Maria ouviu onde é que João trabalha.
 b. *Maria ouviu onde mais João trabalha.
 c. *Onde Maria ouviu? c'. O que Maria ouviu?

De acordo com o julgamento de gramaticalidade, no teste de inserção do *é que* e do advérbio *mais*, as sentenças que contêm os verbos *perceber* (214), *notar* (215) e *ouvir* (216) não são interrogativas indiretas. Tal fato corrobora os testes realizados com as sentenças encaixadas encabeçadas pelo pronome *quando*. Porém, todas essas sentenças passaram no teste de formação de pergunta com o *o que*; o que sugere que são interrogativas indiretas.

Passaremos a verificar o teste da topicalização, que identifica uma relativa livre:

- (217) Onde João trabalha foi visto por Maria.
 (218) Onde João trabalha foi ignorado por Maria.
 (219) Onde João trabalha foi esquecido por Maria.
 (220) Onde João trabalha foi lembrado por Maria.
 (221) *Onde João trabalha foi sabido por Maria.
 (222) *Onde João trabalha foi revelado por Maria.
 (223) Onde João trabalha foi descoberto por Maria.
 (224) *Onde João trabalha foi percebido por Maria.
 (225) *Onde João trabalha foi notado por Maria.
 (226) *Onde João trabalha foi ouvido por Maria.

Os testes apresentados acima nos revelam que os verbos *saber* (221), *revelar* (222), *perceber* (224), *notar* (225) e *ouvir* (226) parecem apresentar traços [+interrogativos] e, desta forma, não possuem como encaixada uma relativa livre, pois foram consideradas agramaticais no teste, conforme Tabela 5, abaixo:

Tabela 5: testes (109), (110) e (111) com encaixadas introduzidas pelo pronome *onde*

	Inserção: <i>é que</i> (109a)	Inserção: mais (109b)	Formação pergunta (110)	Passiva (111a)
Ver	IE	IE	IE	RL
Ignorar	IE	IE	IE	RL
Esquecer-se	IE	IE	IE	RL
Lembrar-se	IE	IE	IE	RL
Saber	IE	IE	IE	*RL
Revelar	IE	IE	IE	*RL
Descobrir	IE	IE	IE	RL
Perceber	*IE	*IE	IE	*RL
Notar	*IE	*IE	IE	*RL
Ouvir	*IE	*IE	IE	*RL

Fonte: Baú (2016)

3.2.7 Outros testes com encaixadas introduzidas pelo pronome *como*

Os testes apresentados nesta seção objetivam identificar o estatuto das encaixadas introduzidas pelo pronome *como*, abaixo:

- (227) a. Maria viu [como João trabalha].
 b. Maria ignorou [como João trabalha].
 c. Maria esqueceu-se de [como João trabalha].
 d. Maria lembrou-se de [como João trabalha].
 e. Maria sabe [como João trabalha].
 f. Maria revelou [como João trabalha].
 g. Maria descobriu [como João trabalha].
 h. Maria percebeu [como João trabalha].
 i. Maria notou [como João trabalha].
 j. Maria ouviu [como João trabalha].

Ao aplicarmos os testes de inserção do *é que* e do advérbio *mais*, e o teste de formação de pergunta com o pronome *o que* nas sentenças, obtivemos os seguintes juízos de gramaticalidade:

- (228) a. Maria viu como é que João trabalha.
 b. *Maria viu como mais João trabalha.
 c. *Como Maria viu? c'. O que Maria viu?
- (229) a. Maria ignorou como é que João trabalha.
 b. *Maria ignorou como mais João trabalha.
 c. *Como Maria ignorou? c'. O que Maria ignorou?
- (230) a. Maria esqueceu-se de como é que João trabalha.
 b. *Maria esqueceu-se de como mais João trabalha.
 c. *Como Maria esqueceu? c'. O que Maria esqueceu?
- (231) a. Maria lembrou-se de como é que João trabalha.
 b. *Maria lembrou-se de como mais João trabalha.
 c. *Como Maria lembrou-se? c'. Do que Maria lembrou-se?
- (232) a. Maria sabe como é que João trabalha.
 b. *Maria sabe como mais João trabalha.
 c. *Como Maria sabe? c'. O que Maria sabe?
- (233) a. *Maria revelou como é que João trabalha.
 b. *Maria revelou como mais João trabalha.
 c. *Como Maria revelou? c'. O que Maria revelou?
- (234) a. Maria descobriu como é que João trabalha.
 b. *Maria descobriu como mais João trabalha.
 c. *Como Maria descobriu? c'. O que Maria descobriu?

- (235) a. Maria percebeu como é que João trabalha.
 b. *Maria percebeu como mais João trabalha.
 c. *Como Maria percebeu? c'. O que Maria percebeu?
- (236) a. Maria notou como é que João trabalha.
 b. *Maria notou como mais João trabalha.
 c. *Como Maria notou? c'. O que Maria notou?
- (237) a. *Maria ouviu como é que João trabalha.
 b. *Maria ouviu como mais João trabalha.
 c. *Como Maria ouviu? c'. O que Maria ouviu?

De acordo com o julgamento de gramaticalidade, o teste em que ocorre a inserção do *mais* logo após o pronome-Wh não recebeu nenhuma aprovação, demonstrando, mais uma vez, que não é um bom teste. O teste que consiste na inserção do *é que* foram julgados agramaticais apenas nas sentenças (233) e (237), com os verbos *revelar* e *ouvir*.

Vejam, abaixo, como as mesmas sentenças se comportam frente ao teste de topicalização que indicam ser a encaixada é uma relativa livre:

- (238) Como João trabalha foi visto por Maria.
- (239) Como João trabalha foi ignorado por Maria.
- (240) Como João trabalha foi esquecido por Maria.
- (241) Como João trabalha foi lembrado por Maria.
- (242) *Como João trabalha foi sabido por Maria.
- (243) *Como João trabalha foi revelado por Maria.
- (244) *Como João trabalha foi descoberto por Maria.
- (245) *Como João trabalha foi percebido por Maria.

(246) *Como João trabalha foi notado por Maria.

(247) *Como João trabalha foi ouvido por Maria.

O teste apresentado possibilita a verificação de que os verbos *saber* (242), *revelar* (243), *descobrir* (244), *perceber* (245), *notar* (246) e *ouvir* (247), de acordo com o julgamento dos falantes, não são relativas livres. Os demais verbos (*ver*, *ignorar*, *esquecer-se* e *lembrar-se*) passaram no teste identificando, assim, serem sentenças relativas livres. Portanto, dado que passaram num ou noutro teste; revelam a sua natureza ambígua, conforme visualizamos na tabela 6:

Tabela 6: testes (109), (110) e (111) com encaixadas introduzidas pelo pronome *como*

	Inserção: <i>é que</i>	Inserção: mais	Formação pergunta	Passiva
Ver	IE	*IE	IE	RL
Ignorar	IE	*IE	IE	RL
Esquecer-se	IE	*IE	IE	RL
Lembrar-se	IE	*IE	IE	RL
Saber	IE	*IE	IE	*RL
Revelar	*IE	*IE	IE	*RL
Descobrir	IE	*IE	IE	*RL
Perceber	IE	*IE	IE	*RL
Notar	IE	*IE	IE	*RL
Ouvir	*IE	*IE	IE	*RL

Fonte: Baú (2016)

3.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Esse capítulo teve por objetivo verificar se os verbos considerados ambíguos por Mória (1992) e Prestes (2012) *ver*, *ignorar*, *esquecer-se*, *lembrar-se*, *saber*, *revelar*, *descobrir*, *perceber* e *notar* e os verbos de sensação apontados por Caponigro (2003) *ver* (já citado) e *ouvir* são de fato ambíguos. Para tanto, observamos como eles se portavam ao passarem pelos mesmos testes do capítulo II, que identificam/selecionam relativas livres e interrogativas indiretas.

Além disso, foram apresentados os testes em que as encaixadas são encabeçadas pelos pronomes *quem*, *o que*, *quanto*, *quando*, *onde* e *como*. Com o intuito de facilitar a análise dos resultados, esquematizamos a tabela abaixo com os julgamentos de gramaticalidade:

Tabela 7: Resumo dos resultados obtidos com os pronomes *quem*, *o que*, *quanto*, *quando*, *onde* e *como*.

Verbos / Pronomes	QUEM	O QUE	QUANTO	QUANDO	ONDE	COMO
Ver	IE/RL	IE/RL	IE/RL	IE/RL	IE/RL	IE/RL
Ignorar	RL	IE/RL	IE/RL	RL	IE/RL	IE/RL
Esquecer-se	RL	RL	IE/RL	IE/RL	IE/RL	IE/RL
Lembrar-se	RL	RL	IE/RL	IE/RL	IE/RL	IE/RL
Saber	IE	IE	IE	IE	IE	IE
Revelar	IE/RL	IE/RL	IE/RL	*IE/*RL	IE	IE
Descobrir	IE/RL	IE/RL	IE/RL	IE	IE/RL	IE/RL
Perceber	IE	IE	IE	*IE/*RL	*IE/*RL	IE
Notar	IE	IE	IE	RL	*IE/*RL	IE
Ouvir	RL	*IE/*RL	*IE/*RL	*IE/*RL	*IE/*RL	*IE/*RL

Fonte: Baú (2016)

A partir da aplicação dos testes, pudemos concluir que os verbos parecem apresentar algumas propriedades distintivas, ou seja, a ambiguidade apontada por Caponigro (2003), Mória (1992) e Prestes (2012), parece existir, porém não em todos os verbos.

Os verbos como *ver*, *descobrir* e *ouvir* (os que estão na tabela em azul) possuem ambiguidade, pois, ou eles não passam nos testes que identificam uma relativa livre de uma interrogativa indireta, ou eles passam em todos os testes. A única exceção ocorre quando a sentença é encabeçada pelo pronome *quem*, o qual, de acordo com o julgamento dos avaliadores das sentenças, selecionaria uma relativa livre.

Já os verbos como *saber*, *revelar*, *perceber* e *notar* (em roxo) parecem apresentar uma natureza [+interrogativa], pois não passam (na maioria dos testes) na avaliações que buscam selecionar relativas livres, demonstrando que se tratariam de sentenças interrogativas indiretas. Mas tal fator não nos possibilita afirmar que os mesmos tratam-se de verbos cuja natureza seja interrogativa, já que não passam em todos os testes (com exceção do verbos *saber*).

O mesmo pode ser atribuído para os outros verbos que receberam o julgamento de agramaticalidade nos testes que identificam interrogativas encaixadas, demonstrando uma natureza [-interrogativa]. São os verbos *ignorar*, *esquecer-se* e *lembrar-se* (identificados na tabela pela cor amarela) que, de acordo com o julgamento de gramaticalidade, não selecionam interrogativas indiretas como seu complemento, revelando se tratar de relativas livres. Mesmo parecendo selecionar uma relativa livre, ainda não conseguimos afirmar com precisão se tal fator é verdadeiro, uma vez que não há uniformidade nos resultados.

Pudemos observar ainda que, dependendo do pronome que encabeça a sentença encaixada, ocorrem diferenças nos resultados dos testes. Atribuímos essas alterações às propriedades dos pronomes, ou seja, pronomes cuja natureza seja nominal como *quem*, *o que* e *quanto*, apresentam similaridade nos resultados; da mesma forma que os pronomes de

natureza oblíqua *quando, onde e como*, diferenciando-se estes dos resultados daqueles. Além disso, possa existir algo relacionado como a entonação aplicada pelo falante ao empregar a leitura das sentenças.

Com o intuito de averiguar uma possível distinção entre essas sentenças encaixadas, passaremos a verificar no próximo capítulo como tal aspecto é visto e tratado por outros autores.

CAPÍTULO IV

4 RELATIVAS LIVRES *versus* INTERROGATIVAS INDIRETAS: EM BUSCA DE UMA DISTINÇÃO

Neste capítulo, buscaremos identificar uma possível solução para o problema da diferenciação das relativas livres e das interrogativas indiretas introduzidas pelos verbos apresentados no capítulo III. Para isso, inicialmente, apresentaremos as propostas de alguns autores que analisaram esse impasse, como Bresnan & Grimsham (1978), Mória (1992), Caponigro (2003), Marchesan (2012) e Prestes (2012). Em seguida, apontaremos o que nos parece ser a solução mais viável para essa distinção: considerar as encaixadas apresentadas no capítulo III como *interrogativas indiretas impróprias* (nos termos de Matos e Brito, 2013) ou *resolutivas* (nos termos de Nye, 2013).

4.1 PROPOSTAS DE SOLUÇÃO APRESENTADAS NA LITERATURA

Nesta seção, apresentaremos o que alguns autores abordam quanto à diferenciação de interrogativas indiretas e relativas livres.

4.1.1 Bresnan & Grimsham (1978)

O trabalho desenvolvido por Bresnan e Grimshaw (1978) procura apresentar diferenças sintáticas e semânticas entre relativas livres e interrogativas indiretas. Para as autoras, o processo de formação de uma relativa não ocorre através do movimento, diferentemente das sentenças interrogativas.

As relativas são selecionadas pelo verbo matriz que exige um complemento que concorde com ele. Já as interrogativas indiretas, em alguns casos, apresentam uma concordância que não acontece com o verbo, mas sim com o sujeito.

(248) a. The books she has *are* marked up with her notes.²⁸

²⁸ Os exemplos em (248) são de Bresnan e Grimshaw (1978, p. 338-339, grifo e tradução nossa).

“Os livros que ela tem são marcados com suas notas.”

b. What books she has *isn't* certain.

“Quais livros que ela tem não é certo.”

A sentença encaixada de (248a) apresenta uma relativa livre, cuja concordância deve ocorrer com o verbo da sentença matriz (*are* irá concordar com *the books*); em (248b), a sentença encaixada é uma interrogativa, por isso, a concordância é com o seu sujeito (*isn't* concorda com *she*).

As autoras apresentam também a distinção morfológica – a possibilidade de inserção do sufixo *ever* logo após o pronome-Wh das relativas, diferenciando-as das interrogativas (p. 335, tradução nossa).

(249) a. * I kissed who he ever kissed.

“* Eu beijei quem ele já beijou.”

b. I kissed whoever he kissed.

“Eu beijei quem quer que ele beijou.”

Esse teste é usado por Medeiros Júnior (2005), apresentado na seção 2.2.2, do capítulo II (inserção do *quer que* logo após o pronome-Wh) e, como visto, não funciona para distinguir as sentenças encaixadas selecionadas por verbos ambíguos.

4.1.2 Mória (1992)

Para auxiliar na diferenciação entre relativas livres e interrogativas indiretas do português europeu (PE), Mória (1992) apresenta diversos testes – a maioria deles apresentados na seção 2.2 do capítulo II. No entanto, ao aplicarmos os testes com os dados do PB, verificamos que, assim como nos dados de Mória, nenhum dos testes consegue dar conta dos verbos ambíguos. Como solução, Mória afirma que existe um problema na distinção. Ele apenas apresenta o problema, não busca uma solução para resolver o impasse dos verbos ambíguos.

4.1.3 Caponigro (2003)

Caponigro (2003), na sua dissertação, investiga a distribuição dos pronomes-Wh, comparando relativas livres e interrogativas indiretas de 28 línguas, afirmando que as sentenças apresentam propriedades semânticas distintas e, para auxiliar nesta diferenciação, ele propõe a utilização de alguns testes.

Nesses testes, Caponigro afirma que existe uma ambiguidade relacionada ao verbo *saber*, pois ele pode selecionar como sentença encaixada tanto uma relativa livre quanto uma interrogativa indireta:

- (250) a. I don't know [_{wh-INT/FR} what Adam cooked].
 “Eu não sei o que Adão cozinhou.”
- b. I don't know [_{y/n-INT} whether Adam cooked risotto].
 “Eu não sei se Adão cozinhou risoto.”
- c. I don't know [_{DP} the food Adam cooked].
 “Eu não sei que alimento Adão cozinhou.”

(CAPONIGRO, 2003, p.13, tradução nossa)

A encaixada de (250b) é, claramente, uma interrogativa; a de (250c), uma relativa; e, a de (250a) é ambígua entre ser interrogativa ou relativa.

Caponigro também discorre sobre os verbos de sensação, como *gostar* e *cheirar*, que também apresentam ambiguidade quanto à seleção da sentença encaixada, pois possuem uma “concealed question” (*questão escondida*), que revela uma interrogação implícita. Para exemplificar, usaremos os exemplos citados pelo autor na p.15 (tradução nossa):

- (251) a. Taste [_{FR} what Adam cooked]!
 “Prove o que Adão cozinhou!”
 [_{y/n-INT} whether Adam put enough salt in the soup]!
 “se Adão colocou sal suficiente na sopa!”
- b. Tell me [_{wh-INT} how old you are]!
 “Diga-me qual a sua idade!”
 [_{DP} your age]!
 “sua idade!”

Os testes apresentados pelo autor no decorrer de seu trabalho, se assemelham aos apresentados anteriormente no capítulo II, porém ele afirma que não excluem a ambiguidade que os verbos podem apresentar. Caponigro afirma que, pelo fato de os testes verificarem aspectos distintos nas sentenças, isoladamente não conseguem averiguar todas as propriedades que podem ocasionar a ambiguidade. Para ele, ao aplicá-los em conjunto, permitiria a distinção entre as relativas livres e as interrogativas indiretas. No entanto, nesta dissertação, capítulo III, aplicamos todos os testes (em conjunto) e a distinção entre relativa livres e interrogativas encaixadas não foi solucionada, como sugeriu o autor.

4.1.4 Marchesan (2012)

Em sua tese, Marchesan (2012) retoma os verbos ambíguos *ignorar*, *ver*, *esquecer-se*, *lembrar-se*, *saber*, *revelar*, *descobrir* e *perceber* apresentados por Prestes (2012). A autora, afirma que há uma semelhança entre os pronomes-Wh que introduzem relativas livres, relativas com núcleo e interrogativas indiretas. Ela afirma que distinguir uma relativa com núcleo é algo relativamente simples, já que há um núcleo nominal adjacente ao pronome-Wh; já distinguir uma relativa livre ou uma interrogativa indireta nem sempre é algo simples.

Para isso, Marchesan utiliza-se de alguns testes disponíveis na literatura que proporcionam a diferenciação destas estruturas encaixadas. A autora seleciona os seguintes verbos: *conhecer*, *perguntar* e *ver*. Entretanto, o resultado quanto à ambiguidade de alguns verbos já apontados anteriormente permanece, pois passam por todos os testes.

Como solução provisória, Marchesan (2012) afirma que os verbos apresentados por Prestes (2012) e Mória (1992), bem como os verbos de sensação abordados por Caponigro (2003), realmente são ambíguos, já que não podem ser desfeitos pelos testes. Desta forma, tal distinção só poderá ser realizada, segundo ela, através do contexto (“distinção contextual”).

4.1.5 Prestes (2012)

O estudo desenvolvido por Prestes (2012), em sua dissertação, é realizado a partir das observações sobre a ambiguidade na distinção entre relativas livres e interrogativas indiretas tratadas por Mória (1992).

A autora, assim como Marchesan (2012), também aplica os testes que estão disponíveis na literatura para diferenciar as sentenças encaixadas em questão. Porém, observa que os testes não são suficientes para essa distinção e assim, busca outras propriedades que possam ser capazes de realizar essa tarefa.

Ao investigar as propriedades das interrogativas indiretas, a autora afirma que “quando precisamos explicitar com mais detalhes quais seriam as propriedades das IIs [interrogativas indiretas], acabamos em listas sem nenhuma generalização” (p.44). Dessa forma, testes são realizados com os verbos que apresentam ambiguidade, submetendo-os a quatro falantes de PB para que esses avaliem sua gramaticalidade. Os falantes afirmaram que tiveram dificuldade em realizar os julgamentos.

Prestes afirma que mesmo os testes não tendo um rigor metodológico, não permitindo chegar a conclusões confiáveis, serviram para confirmar que há “uma zona de instabilidade” para identificar interrogativas indiretas, não permitindo também afirmar que se trata de relativa livre.

Os verbos relacionados como ambíguos (*ignorar, ver, esquecer-se, lembrar-se, saber, revelar, descobrir e perceber*) são classificados pela autora como factivos²⁹. O trabalho de Lima (2007) é apontado por Prestes, atribuindo aos factivos à impossibilidade de extração, fator esse que poderia estar interferindo nas sentenças com os verbos citados como ambíguos.

Lima afirma que os factivos epistêmicos aceitam como complemento uma interrogativa indireta, pois esses verbos dão a ideia de conhecimento e percepção. Já os não-factivos não aceitam uma interrogativa indireta, a não ser com “verbos de suposição, como *imaginar, supor*, alguns verbos performativos como responder, declarar, dizer (no sentido de revelar, responder)” (LIMA, 2007, p.35).

²⁹ Verbos factivos são aqueles em que a oração encaixada expressa um fato como verdadeiro:

(i) Pedro lamentou que a Maria foi demitida. (PRESTES, 2012, p.49)

A sentença acima nos permite afirmar como verdadeiro o fato de a Maria ter sido demitida.

Lima afirma ainda que quando temos predicados não-factivos que selecionam interrogativa encaixada, temos verbos que admitem “uma análise epistêmica de seu significado [...] e do ponto de vista semântica, complemento de um predicado epistêmico subentendido” (p.35).

Desta forma, Prestes conclui o texto afirmando que a factividade deve ser observada com atenção ao classificar/distinguir sentenças-Wh encaixadas.

4.2 À GUIZA DE UMA SOLUÇÃO

No capítulo I, descrevemos as características das relativas livres “verdadeiras” e das interrogativas indiretas “verdadeiras”. No capítulo III, vimos que há verbos, chamados de ambíguos (CAPONIGRO, 2003; MÓIA, 1992; PRESTES, 2012), pois conseguem selecionar encaixadas que têm propriedades de interrogativas e propriedades de relativas livres.

Na esteira de Ohlander (1986), Suñer (1991, 1993), Matos e Brito (2012) e Nye (2013), diremos que as sentenças encaixadas selecionadas pelos verbos *ver*, *ignorar*, *esquecer-se*, *lembrar-se*, *saber*, *revelar*, *descobrir*, *perceber*, *notar* e *ouvir* passam em quase todos os testes descritos, porque, na verdade, não são relativas livres, nem interrogativas indiretas. São *interrogativas indiretas impróprias* (nos termos de MATOS; BRITO, 2012) ou *resolutivas* (nos termos de NYE, 2013)³⁰.

4.2.1 Resolutivas *versus* Interrogativas indiretas

As *interrogativas indiretas* - chamadas, de acordo com o levantamento feito por Nye (2013, p.55) de *open interrogatives* por Ohlander³¹ (1986 *apud* NYE, 2013); *true indirect question* por Suñer (1991 e 1993); *propor indirect questions* por Matos e Brito (2012a,b) e *interrogatives* por Nye (2013) – conforme descrito no capítulo I, são sentenças encaixadas que contêm um traço [+interrogativo] (ou seja, têm natureza interrogativa).

³⁰ A nomenclatura estabelecida para esses tipos de sentenças é alterado de acordo com cada autor. Desta forma, com o objetivo de não gerar dúvidas, seguiremos com a nomenclatura de resolutivas. Adotando a terminologia apresentada por Nye (2013).

³¹ Ohlander, Sölve (1986). ‘*Question-orientation versus answer-orientation in English interrogative clauses*’. In Dieter Kastovsky & Aleksander Szwedek (eds.). *Linguistics across Historical and Geographical Boundaries: in Honour of Jacek Fisiak on the occasion of his 50th birthday*, Vol. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 963-982.

Já as resolutivas - que, de acordo com Nye (2013, p. 55), são chamadas de *closed interrogatives* por Ohlander (1986 *apud* NYE, 2013), *semi-questions* por Suñer (1991, 1993), *improper indirect questions* por Matos e Brito (2012a,b) e *resolutives* por Nye (2013) – têm, segundo Suñer (1991), natureza declarativa, sendo selecionadas por verbos que exigem que o seu complemento tenha traços [-interrogativo] (252b). De acordo com a autora, essa característica se deve, principalmente, à força ilocucionária que essas sentenças têm.

- (252) a. Maria perguntou/indagou quem irá para a festa.
 b. Maria sabe quem irá para a festa.

Em (252a), o verbo *perguntar/indagar* seleciona uma interrogativa indireta que, por sua natureza interrogativa, pressupõe uma resposta que informará quais são as pessoas que possivelmente estarão na festa. (252b), por sua vez, contém uma resolutivas que, por sua natureza declarativa, não necessita de uma resposta, já que apresenta uma declaração a respeito de uma informação.

Dito de outra forma, semanticamente, conforme Matos e Brito (2013, p.4), as interrogativas indiretas (próprias) não são proposições. Isto é, não têm valor de verdade (não podem ser Verdadeiras ou Falsas). Por exemplo, a sentença encaixada de (252a) não pode ser verdadeira ou falsa, porque o sujeito da sentença matriz está justamente fazendo uma pergunta sobre que pessoas irão à festa. O sujeito da sentença não sabe quem irá ou não à festa. Já as resolutivas, como (252b), são proposições. Ou seja, tem valor de verdade: em (252b) é afirmado/declarado que Maria sabe a resposta para a pergunta: *quem são as pessoas que irão à festa?*

Matos e Brito (2013), ao analisarem os dados do PE, afirmam que diferentemente das interrogativas indiretas, que são selecionadas por predicados de natureza interrogativa; as resolutivas são sentenças declarativas selecionadas por predicados fracamente assertivos (classe III: *acreditar, supor, imaginar* etc) e fortemente assertivos (classe I: *dizer, declamar, afirmar, deduzir* etc.), conforme sentenças abaixo:

- (253) a. Ele sabia/descobriu/reparou/viu/advinhou/previu/revelou/explicou que estava a chover.³²

³² Os exemplos de (253) são do PE, retirados de Matos e Brito (2013, p.11).

b. *Ele sabia/descobriu/reparou/viu/advinhou/previu/revelou/explicou que estava a chover, mas não estava.

De acordo com as autoras, “What all these predicates seem to have in common is the fact that they typically presuppose the truth of the embedded proposition and, hence, present a factive interpretation, as illustrated by the contrasts in acceptability”³³ (p.11).

Além dos verbos das classes I e III, Suñer (1999) elenca os (i) Predicados de aquisição, manutenção ou perda de conhecimento, como *saber*, *descobrir*, *reparar*, *ver*, *lembrar* e *esquecer*; (ii) Predicados de conjectura, como *adivinhar*, *prever*; e (iii) Predicados de comunicação como *revelar*; como introdutores de resolutivas. Fazem parte dessa classe os verbos factivos epistêmicos (*saber*, *descobrir*, *perceber*, *notar*, *lembrar+que*, *esquecer+que* e *ignorar*), citados por Lima (2007, p.81).

De acordo com o autor (LIMA, 2007), esses verbos exprimem conhecimento ou percepção, fazendo com que seja possível selecionar uma resolutivas:

(254) Sei/descobri/notei/esqueci qual é a solução do problema.³⁴

Lima (2007) lembra que há algumas exceções de verbos não-factivos que podem selecionar uma resolutivas. Mas isso só ocorre quando os verbos assumem um valor epistêmico, apresentando um sentido de conhecimento/percepção. É o caso de verbos como *responder* ou *dizer* quando apresentam o sentido de *revelar algo*:

(255) Respondo/digo (revelo) como consertaremos o telhado da escola.

Observe que em (255), o valor dos verbos *responder* e *dizer* não está no *ato de falar*, mas sim de *revelar um conhecimento, uma solução para o problema*.

Nye (2013) afirma que existe uma grande dificuldade na distinção entre interrogativas indiretas e resolutivas; apesar de tal distinção ocorrer pela seleção do predicado. Segundo ela, predicados selecionados por verbos como *perguntar* são compatíveis com interrogações (no sentido real da palavra); predicados selecionados por verbos como *esquecer* não são.

³³ “O que esses predicados parecem ter em comum é o fato de que eles normalmente pressupõem a verdade da proposição incorporado e, portanto, apresentar uma interpretação factiva, como ilustrado pelos contrastes em aceitabilidade.” Tradução nossa.

³⁴ Exemplo retirado de Lima (2007, p. 36).

Diferenciar as sentenças interrogativas, de acordo com Nye (2013), é algo refutado por muitos linguistas. Porém, Ohlandere (1986 *apud* NYE, 2013) Turnbull-Sailor ³⁵(2007 *apud* NYE, 2013); apresentam uma série de propriedades que diferenciam esses dois tipos de sentenças encaixadas.

A **primeira propriedade** distintiva é apresentada por Ohlander (1986 *apud* NYE, 2013) cujo texto afirma que interrogativas indiretas podem ser "convertidas" em interrogações diretas. Nessa conversão, se as sentenças analisadas forem interrogativas indiretas próprias (verdadeiras), formarão sentenças gramaticais; se forem resolutivas, formarão sentenças agramaticais:

(256) a. John asked her who had done it.

“John perguntou-lhe quem tinha feito aquilo.”

b. John asked her: ‘Who did it?’

“John perguntou-lhe: ‘Quem fez isso?’ ”

(OHLANDER, 1986, p.964 *apud* NYE, 2013, p.59, tradução nossa)

(257) a. John told her who had done it.

“John disse a ela quem tinha feito aquilo”

b. * John told her: ‘Who did it?’

“* John disse a ela: ‘Quem fez isso?’ ”

(OHLANDER, 1986, p.964 *apud* NYE, 2013, p.59, tradução nossa)

Nas sentenças acima, podemos perceber que interrogativas indiretas próprias aceitam a separação prosódica (256); já as resolutivas não aceitam (257). De acordo com Nye (2013), isso parece sugerir um comportamento [+interrogativo] apenas para as interrogativas indiretas. Sentenças em PB parecem se comportar da mesma forma:

(258) a. João perguntou quem comprou o carro.

b. João perguntou: “Quem comprou o carro?”

(259) a. João anunciou/lembrou-se (de) quem comprou o carro.

b. *João anunciou/lembrou-se: “Quem comprou o carro?”

³⁵ Turnbull-Sailor, Craig (2007). *Syntactic Patterns of Embedded Wh-Clauses*. Master’s thesis, University of Kansas.

Da mesma forma que no inglês; no PB, uma interrogativa indireta pode ser “transformada” em interrogativa direta, diferentemente das resolutivas que, por não terem traço [+interrogativo], não permitem a separação prosódica.

A **segunda distinção** é apresentada por McCloskey³⁶ (2006 apud NYE, 2013). Segundo ele, quando o verbo da sentença matriz apresenta traço [+interrogativo], o adjunto adverbial pode ser deslocado para a esquerda da sentença; ao contrário do que ocorre com as resolutivas em que esse deslocamento é impossível:

(260) a. ? He asked me **when I got home** [if I would cook dinner].

“? Ele me perguntou quando eu cheguei em casa [se eu iria cozinhar o jantar]³⁷.”

b. * It was amazing **while they were out** [who had got in to their house].

“* Foi incrível enquanto eles estavam fora [quem tinha estado em sua casa].”

(McCLOSKEY, 2006 apud NYE, 2013, p.61, tradução nossa).

Podemos perceber uma diferença sintática evidente entre os dois tipos de encaixadas: uma interrogativa própria permite um adjunto que precede expressão-Wh para ser interpretado com o conteúdo da cláusula que a introduz:

(261) a. **When you get home**, [what do you want to do]?

“Quando chegar em casa, [o que você quer fazer]?”

(McCLOSKEY, 2006 apud NYE, 2013, p.61, tradução nossa)

Outra característica apresentada por Turnbull-Sailor (2007 apud NYE, 2013), a **terceira**, que distingue interrogativas indiretas próprias de resolutivas é o fato de que as primeiras permitem o fronteamto da sentença encaixada, diferentemente das segundas. Tal aspecto é abordado por Turnbull-Sailor (2007 apud NYE, 2013):

(262) a. They all wondered what could be done.³⁸

“Todos eles se perguntou o que poderia ser feito.”

³⁶ McCloskey, James (2006). ‘Questions and questioning in a local English’. In Raffaella Zanuttini, Héctor Campos, Elena Herburger & Paul H. Portner (eds.) *Crosslinguistic Research in Syntax and Semantics: Negation, Tense and Clausal Architecture*. Georgetown: Georgetown University Press, 87–126.

³⁷ Tradução nossa.

³⁸ Exemplos retirados de Nye (2013, p.62, tradução nossa).

a'. What could be done, they all wondered.

“O que poderia ser feito, todos se perguntaram.”

b. They all discovered what could be done.

“Todos eles descobriram o que poderia ser feito.”

b'. * What could be done, they all discovered.

“* O que poderia ser feito, todos eles descobriram.”

(McCLOSKEY, 2006 apud NYE, 2013, p.61, tradução nossa)

De acordo com Turnbull-Sailor (2007 apud NYE, 2013, p.63), essa verificação não é eficaz em todos os casos, uma vez que ela só será possível em algumas variedades do inglês, como o próprio autor apresenta, nas sentenças a seguir, em que essa distinção não é aceita:

(263) a. The neighbors wondered what the robbers took.

“Os vizinhos perguntaram o que os ladrões levaram.”

b. *What the robbers took, the neighbors wondered.

“* O que os ladrões levaram, os vizinhos perguntaram.”

c. What did the robbers take, the neighbors wondered.

“O que os assaltantes levam, os vizinhos perguntaram.”

(264) a. The neighbors discovered what the robbers took.

“Os vizinhos descobriram que os ladrões levaram.”

b. *What the robbers took, the neighbors discovered

“* O que os ladrões levaram, os vizinhos descobriram.”

c. * What did the robbers take, the neighbors discovered.

“* O que os assaltantes levaram, os vizinhos descobriram.”

Na distinção apresentada aqui, de acordo com a autora, não se sabe exatamente o que está em jogo, uma vez que o teste nem sempre funciona impossibilitando a verificação/distinção das sentenças.

Outra distinção (a **quarta**) entre interrogativas indiretas próprias e resolutivas é chamada por Nye (2013) de ‘*Substitutivity*’ (traduzido por nós como *substitutividade*). O teste consiste no fato de que interrogativas indiretas permitem a substituição por uma pergunta específica (265a). Por outro lado, as resolutivas não permitem essa ideia (265b) (NYE, 2013.p.68, tradução nossa):

(265) a. John asked who left. → John asked a question.

“John perguntou quem partiu. → John fez uma pergunta.”

b. John forgot who left. → * John forgot a question

“John esqueceu quem partiu. → * John esqueceu uma pergunta.”

O fato de *John* ter feito uma pergunta (*asked*) caracteriza a interrogação. Por outro lado, *esquecer-se de algo* (*forgot*) não exerce a mesma função, identificando o fato de não haver questionamento. Desta forma, podemos classificar (265a) como uma interrogativa indireta própria e (265b) como uma resolutiva.

Esse teste parece facilitar a distinção entre as duas interrogativas, porém, de acordo com Turnbull-Marinheiro (2007 apud NYE, 2013), sua aplicabilidade é limitada, uma vez que não consegue estabelecer uma distinção precisa.

(266) a. I asked what his name is. → I asked his name.

“Eu perguntei o nome dele. → Eu perguntei seu nome.”

b. I forgot what his name is. → I forgot his name.




“Eu esqueci o nome dele. → Eu esqueci seu nome.”

(NYE, 2013, p.68, tradução nossa)

(266a) contém uma sentença que pode ser classificada claramente como interrogativa indireta. De acordo com o teste, em (266b), a sentença deveria ser classificada como resolutivas, já que o verbo esquecer (*forgot*) não expressa uma interrogação, porém dá a ideia de que há uma dúvida que necessita de uma resposta, demonstrando tratar-se de uma interrogativa indireta.

A essas propriedades encontradas na literatura, acrescentamos outra, a **quinta**: o acarretamento³⁹. Acarretamento são fenômenos semânticos que funcionam no posto do enunciado, aquilo que está no sentido literal do enunciado, ou seja, a verdade presente em A está inserida na verdade de B. Interrogativas indiretas (próprias) não permitem acarretamento, como mostra (267a). Ao contrário, resolutivas permitem acarretamento (267b), assim como as relativas livres (267c):

³⁹ Agradecemos a Prof^a Dr^a Morgana Fabiola Cambrussi pela observação dessa propriedade durante a arguição deste trabalho.

- (267) a. Maria perguntou [IE quem passou na prova].
 a'. Alguém passou na prova. 
- b. Maria sabe/descobriu/revelou [IE resolutiva quem passou na prova].
 b'. Maria ajudou alguém. 
- c. Maria ajudou [RL quem passou na prova].
 c'. Alguém passou na prova. 

Por não ser uma proposição (não ter valor de verdade), não há como afirmar, a partir de (267a) que alguém passou na prova. Ou seja, não há uma relação de acarretamento. (267a) não acarreta (267a'), porque pode ser que *ninguém passou na prova*. Já as sentenças que contêm uma resolutivas, como (267b), por serem proposições, tem acarretamento. O fato posto na sentença (267b), está inserido em (267b'), possibilitando uma relação de sinonímia já que se *Maria sabe/descobriu/revelou quem passou na prova* acarreta que *alguém passou na prova* (267b'). Tal fato demonstra a relação de sinonímia e faz com que os verbos considerados ambíguos neste trabalho se assemelham às relativas livres devido ao traço [-interrogativa] e sua natureza declarativa.

Em resumo, podemos constatar até aqui que uma interrogativa indireta própria é complemento de verbos que determinam que ela tenha traço [+interrogativo] como, por exemplo, o verbo *perguntar*. Sintaticamente, só pode ser complemento verbal da sentença matriz e são consideradas ilhas fracas, pois permitem a extração de constituintes. Além disso, o deslocamento do pronome-Wh é obrigatório para que o CP encaixado seja marcado com o traço [+interrogativo] e, assim, seja compatível com as exigências semânticas do verbo matriz (s-seleção).

As resolutivas, por sua vez, selecionam predicados que apresentam valor de verdade e têm interpretação factiva (MATOS; BRITO, 2013); e predicados podem ser complemento de predicados/verbos factivos epistêmicos, pois tais verbos expressarem conhecimento ou percepção (LIMA, 2007).

Os dois tipos de interrogativas encaixadas apresentam distinções embora, muitas vezes, ignoradas por alguns linguistas, mas que realmente estabelecem uma clara diferenciação entre as sentenças, o que nos permite afirmar que são um novo tipo de sentenças, muito mais semelhante às relativas (já que possuem uma natureza declarativa) do que às interrogativas.

Assim, certos de que estamos tratando de sentenças distintas, e, apesar de não concordarmos muito com a terminologia, chamaremos as sentenças encaixadas selecionadas pelos verbos *ver, ignorar, esquecer-se, lembrar-se, saber, revelar, descobrir, perceber, notar* e *ouvir* de resolutivas, porque é a terminologia mais utilizada na literatura que trata desse assunto (cf. MATOS, BRITO, 2013).

4.2.2 Resolutivas *versus* Relativas livres

As relativas livres apresentam algumas semelhanças com as resolutivas. Ambas são sentenças subordinadas e podem ser separadas da sentença matriz (LEONARDUZZI, 2000):

(268) a. I don't know what he wants.

“Eu não sei o que ele quer.”

a'. I don't know SOMETHING

“Eu não sei ALGUMA COISA.”

a''. He wants SOMETHING.

“Ele quer ALGUMA COISA.”

b. I took what was on the table.

“Eu levei o que estava sobre a mesa.”

b'. I took SOMETHING.

“Eu levei ALGO .”

b''. SOMETHING was on the table.

“ALGO estava sobre a mesa.”

(LEONARDUZZI, 2000, p.161. tradução nossa)

De acordo com a autora, mesmo sendo subordinadas, existe uma diferença entre as construções de (268). Nas relativas livres (268a), as duas ocorrências de *SOMETHING* são **correferenciais**; enquanto que nas resolutivas pode haver correferencialidade, como em (268b) acima, ou não, como se percebe no o seguinte exemplo (269):

(269) a. I don't know who he is.

“Eu não sei quem ele é.”

a'. I don't know SOMETHING

“Eu não sei ALGO.”

a''. He is SOMEONE

“Ele é alguém.”

(LEONARDUZZI, 2000, p.161. tradução nossa)

A sentença (269a) surge da união de (269a') e de (269a''). Sentenças resolutivas, como a encaixada em (269a), mostram que o objeto de *to know* (saber) é diferente do predicado de *He* (ele). Isso se deve ao fato de que a referencialidade e a compatibilidade semântica não são necessárias nas interrogativas.

Outro aspecto relevante apresentado por Leonarduzzi (2000) para diferenciar relativas livres de resolutivas é lembrar que as interrogativas indiretas apresentam um comentário sobre algo ou, mais precisamente, sobre o valor de uma palavra-Wh. A sentença matriz indica se o valor do Wh é conhecido ou não, assim:

(270) a. I don't know what do you think.

“Eu não sei o que você pensa.”

(LEONARDUZZI, 2000, p. 162, tradução nossa)

De acordo com a autora, a paráfrase de uma sentença que contém uma interrogativa indireta pode ser feita ao explicitarmos o sentido de comentário sobre o valor do Wh, desta forma:

(271) I don't know where he is.

“Eu não sei onde ele está.”

(LEONARDUZZI, 2000, p. 162, tradução nossa)

pode ser parafraseado por “Eu não conheço o valor de WHERE em “He is WHERE””. Já nas relativas livres, a paráfrase explicita o núcleo nominal subjacente e não o valor do Wh. Assim, uma sentença como:

(272) Eu vou onde ele está.

pode ser parafraseada por “Eu vou ao lugar ONDE em “Ele está ONDE””, ou seja, a paráfrase explícita o valor do núcleo nominal subjacente.

Leonarduzzi (2000) e Matos e Brito (2013) apresentam outra distinção entre as encaixadas em estudo: relativas livres não permitem o “empilhamento” de vários pronomes-Wh (7) e interrogativas indiretas:

- (273) a*Eu encontrei a rapariga que deu o quê a quem. (MATOS; BRITO, 2013, p. 21, grifos nossos)
- b. * I’ll take what you put where. (LEONARDUZZI, 2000, p.165, tradução nossa)
 “*Vou levar o que você colocar onde”
- c. Eu descobri/sei que rapariga deu o quê a quem. (MATOS; BRITO, 2013, p. 21, grifos nossos)
- d. Who wants to do what? (LEONARDUZZI, 2000, p.165, tradução nossa)
 “Quem quer fazer o quê?”

De acordo com as autoras, essa diferença sintática se explica pelo fato de que relativas livres e resolutivas possuem estruturas diferentes. Ambas as sentenças estão encaixadas em uma sentença matriz; mas a relação delas com a matriz não é a mesma: uma relativa livre tem a função de ligar/unir duas sentenças (incluindo o SN correferencial) *Eu encontrei a rapariga que deu o que para Paulo* que pode ser analisada como a união de P1 = « Eu encontrei alguma coisa » e P2 = « A rapariga deu alguma coisa para Paulo». Aqui, não há uma relação de inclusão; mas uma relação de *correferencialidade* entre os dois ALGUMA COISA. Isso impossibilita a presença de dois WH na subordinada: o sintagma nominal da sentença matriz (P1) não pode ser correferenciado com dois WHs da encaixada (P2) (**Eu encontrei a rapariga que deu o quê a quem*).

Já uma resolutivas como *Eu descobri/sei que rapariga deu o quê a quem* é analisada como a união de duas proposições: P1 = « Eu descobri/sei alguma coisa » e P2 = « A rapariga deu alguma coisa a alguém ». Há, aqui, uma relação *de inclusão* entre ALGUMA COISA e todo o P2. Essa relação de inclusão é que possibilita que a sentença tenha dois WH na subordinada: P1 = « *Eu descobri/sei que rapariga deu o quê a quem* ». Observe o exemplo abaixo para ficar mais clara essa relação de inclusão:

- (274) a. I don’t know who came.
 “Eu não sei quem veio.”

b. I don't know SOMETHING.

“Eu não sei ALGO.”

c. SOMEONE (= WHO) came.

“ALGUÉM chegou.”

(LEONARDUZZI, 2000, p.165, tradução nossa)

para formar a sentença de (274a) é necessária a união de duas proposições: (274b) *I don't know SOMETHING* e (274c) *SOMEONE (= WHO) came*. Há, aqui, uma relação *de inclusão* entre ALGUMA COISA (SOMETHING) e toda a sentença de (274c) – que é *quem veio* – que eu não sei. Essa relação de inclusão é que possibilita que a sentença tenha dois Wh na subordinada.

Nesta seção, apresentamos propriedades que diferenciam as sentenças relativas livres das resolutivas. Uma característica apresentada foi a referencialidade e a compatibilidade semântica que não são necessárias nas resolutivas, mas são necessárias em relativas livres.

Outro aspecto abordado foi a paráfrase: resolutivas explicitam o sentido de comentário sobre o valor do Wh; já as relativas livres explicitam o núcleo nominal subjacente e não o valor do Wh. Por fim, apresentamos a possibilidade de inserir vários pronomes-Wh nas resolutivas, mas não nas relativas livres.

4.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, buscamos apresentar um comparativo entre os dois tipos de sentenças encaixadas estudadas: as relativas livres e as resolutivas. Inicialmente mostramos algumas propostas que buscam distinguir relativas livres de interrogativas. Para isso, selecionamos os trabalhos de Bresnan e Grimsham (1978); Mória (1992); Caponigro (2003); Marchesan (2012) e Prestes (2012).

Em seguida, retomamos alguns aspectos referentes às interrogativas indiretas que foram apresentadas no capítulo I e estabelecemos uma divisão: interrogativas indiretas próprias e resolutivas. Tal distinção foi abordada, uma vez que, os verbos considerados ambíguos por Mória (1992), Prestes (2012) e Caponigro (2003), os quais motivaram esse trabalho, ao que constatamos não se tratam de verbos que apresentam uma regularidade interrogativa. Constatamos que os mesmos pertencem a uma classe, denominada por Nyeo (2013) de *resolutivas*.

Assim, iniciamos uma busca ao tentar definir propriedades desta classe verbal e, desta forma, estabelecer um comparativo entre as interrogativas próprias e resolutivas. Ambas as interrogativas apresentam características específicas, o que, muitas vezes, não são claras para muitos, mas possuem natureza distinta.

As interrogativas indiretas (próprias e resolutivas) são pesquisadas por Nye (2013), Matos e Brito (2013) e Suñer (1991 e 1999), estudos esses que apresentam propriedades que diferenciam essas encaixadas. As interrogativas indiretas próprias são complemento de verbos que apresentem traço [+interrogativo], além de serem consideradas ilhas fracas (permitindo a extração de seus constituintes). O deslocamento do pronome-Wh é outro fator abordado, uma vez que obrigatório para que o CP encaixado seja marcado com o traço [+interrogativo] seja compatível com as exigências do verbo matriz.

Já as resolutivas, de acordo com Matos e Brito (2013) selecionam predicados que apresentam valor de verdade e têm interpretação factiva e seus predicados podem ser complemento factivos epistêmicos.

O último capítulo deste trabalho nos permite afirmar que os verbos apontados como ambíguos são, na verdade, verbos que selecionam resolutivas.

A última seção nos possibilitou a verificação de que, conforme já apontado por alguns autores (MATOS; BRITO, 2013; LEONARDUZZI, 2000; NYE, 2013) as relativas livres e as resolutivas apresentam uma diferenciação em sua estrutura, não podendo ser o mesmo tipo de estrutura sentencial. Os testes descritos na literatura não são capazes de distinguir estes tipos de encaixadas, já que, como vimos anteriormente, os verbos que são considerados ambíguos são, na verdade uma classe verbal com traço [-interrogativo] revelando uma natureza declarativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação descrevemos e analisamos as relativas livres e as interrogativas indiretas do PB, sob o escopo da Gramática Gerativa. Além dessas sentenças encaixadas, observamos também os verbos *ver*, *ignorar*, *esquecer-se*, *lembrar-se*, *saber*, *revelar*, *descobrir*, *perceber*, *notar* e *ouvir* considerados por Caponigro (2003), Mória (1992) e Prestes (2012) como ambíguos, uma vez que selecionam tanto relativas livres quanto interrogativas indiretas.

Desta forma, iniciamos o capítulo I apresentando propriedades das relativas livres e das interrogativas indiretas. Em um primeiro momento, nos detivemos em abordar as relativas livres apresentando suas características e comparando-as às relativas com núcleo. Observamos que as relativas livres podem desempenhar distintas funções sintáticas, dependendo do pronome que estiver encabeçando a sentença encaixada podendo ser de natureza nominal (*quem*, *o que* e *quanto*) sendo um DP (sujeito, complemento de verbo e complemento de preposição) ou de natureza oblíqua (encabeçadas por *quando*, *como* e *onde*) sendo um PP (adjunto e complemento de preposição ou de verbo que subcategorize oblíquo). Outro aspecto importante se trata do Requerimento de Compatibilidade. No PB, o pronome-Wh precisa atender às exigências que são impostas pelo verbo da sentença da matriz. Ademais, as relativas são consideradas ilhas forte pois não permitem que ocorra extração de nenhum constituinte. Nesse mesmo capítulo, abordamos as características das interrogativas indiretas que são sentenças encaixadas que contêm uma pergunta indireta (sem o ponto de interrogação). Nessas encaixadas, o movimento do pronome-Wh para a periferia esquerda da sentença é obrigatório. Rizzi (1996) afirma que o Critério-Wh nas interrogativas indiretas somente é satisfeito quando a expressão-Wh se move para Spec-CP. Além disso, as interrogativas indiretas não aceitam a inserção dos advérbios; são consideradas ilhas fracas, permitindo a extração de constituintes, além exercerem apenas a função sintática de complemento verbal e podem ser introduzidas pelos pronomes: *quem*, *o que*, *quando*, *onde*, *como*, *quanto*, *qual* e *que*.

As características sintáticas e semânticas que aproximam e/ou diferem as estruturas relativas livres das interrogativas indiretas, foram amplamente abordadas no capítulo II. Em relação às diferenças sintáticas, observamos a possibilidade de extração: a relativa livre não permite a extração de nenhum constituinte de dentro delas; já interrogativas, possibilitam a

extração de constituintes. Além disso, o Requerimento de Compatibilidade é presente nas relativas livres, mas ausente nas interrogativas indiretas. As relativas livres introduzidas por *quem*, *o que* e *quanto* podem ser substituídas por um DP, já as interrogativas permitem a substituição por um DP ou por um PP. Porém, sentenças introduzidas por *quando*, *onde* e *como*, mesmo apresentando verbos com traços interrogativos permitem ter como complemento um PP. Em relação às propriedades semânticas, as relativas livres não podem estar em função apositiva e nem podem ser complemento de nome. No que se refere à compatibilidade semântica, ela pode ser verificada nas relativas livres, mas não nas interrogativas indiretas. Ambas as sentenças podem ser divididas em duas sentenças simples, mas somente as relativas livres são correferenciais. Outro aspecto importante abordado neste capítulo se refere aos diversos testes disponíveis na literatura que possibilitam a diferenciação/distinção entre relativas livres e interrogativas indiretas.

O capítulo III teve por objetivo a verificação dos verbos considerados ambíguos por Caponigro (2003), Mória (1992) e Prestes (2012) *ver*, *ignorar*, *esquecer-se*, *lembrar-se*, *saber*, *revelar*, *descobrir*, *perceber*, *notar* e *ouvir*. Com o intuito de observarmos seu comportamento, utilizamos os mesmos testes do capítulo II, os quais foram avaliados (quanto à sua gramaticalidade). A partir dos resultados obtidos com a aplicação dos testes, pudemos concluir que os verbos pontados por Caponigro (2003), Mória (1992) e Prestes (2012), apresentam realmente uma ambiguidade.

No último capítulo (IV) objetivamos estabelecer um comparativo entre os dois tipos de sentenças encaixadas estudadas: as relativas livres e as interrogativas indiretas. Em um primeiro momento, buscamos abordar algumas propostas que busquem distinguir relativas livres de interrogativas. Para isso, selecionamos os trabalhos de Bresnan & Grimsham (1978); Mória (1992); Caponigro (2003); Marchesan (2012) e Prestes (2012). Propriedades relevantes referentes às interrogativas indiretas foram retomadas e, baseado-nos nos estudos de Matos e Brito (2013), Suñer (1991 e 1993), e Nye (2013) estabelecemos uma divisão na interrogativas indiretas: próprias e resolutivas. Essa diferenciação se mostrou importantíssima para nosso trabalho, uma vez que, os verbos considerados ambíguos por Mória (1992), Prestes (2012) e Caponigro (2003), ao que verificamos não se tratam de verbos que apresentam uma regularidade interrogativa. Constatamos que os mesmos pertencem a uma classe, denominada por Nye (2013) de *resolutivas*. Inicia-se, assim, uma busca por propriedades que caracterizem essa classe verbal e explique tamanha dificuldade em sua identificação.

Matos e Brito (2013), ainda no capítulo IV, afirmam que as resolutivas possuem valor de verdade e interpretação factiva, apresentando uma natureza declarativa sendo selecionadas

por predicados fracamente assertivos. Nye (2013), Matos e Brito (2013) e Suñer (1991 e 1999), apresentamos propriedades que diferenciam essas interrogativas próprias das resolutivas.

Desta forma, ao que nos consta, os verbos *ver*, *ignorar*, *esquecer-se*, *lembrar-se*, *saber*, *revelar*, *descobrir*, *perceber*, *notar* e *ouvir* apresentados por Caponigro (2003), Mória (1992) e Prestes (2012) como ambíguos por passarem nos testes que selecionam relativas livres e interrogativas indiretas não o são, já que se tratam de uma distinta classe verbal. Observamos que os verbos que selecionam resolutivas (podemos, nesse momento, denominá-las assim) apresentam características que se diferenciam das interrogativas indiretas próprias, revelando uma natureza declarativa. De acordo com os estudos apresentados, a distinção entre os dois tipos de interrogativas se dá pela seleção do predicado: predicados selecionados por interrogativas indiretas próprias são compatíveis com interrogações verdadeiras; predicados selecionados por resolutivas não são revelando uma semelhança com a natureza sentencial das relativas.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, D. *Sobre Interrogativa Indireta no Português*. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte, MG, 1981.

BRAME, M. *A new analysis of the relative clause: evidence for an interpretive theory*. MIT, Cambridge, Mass, 1968.

BRESNAN, J. & GRIMSHAW, J. *The syntax of free relatives in English*. Linguistic Inquiry, Massachusetts, v. 3, n. 9, p. 331-391, verão 1978.

CAPONIGRO, I. *Free Relatives as DPs with a Silent D and a CP Complement*. In: SAMIAN, V. (ed.). Proceedings of the Western Conferences on Linguistics, 2000 (WECOL 2000), Fresno, California: California State University, 2002.

_____. *The Semantic contributions of Wh-words and Type Shifts: Evidence from Free Relatives Crosslinguistically*. Proceedings of Semantics and Linguistic Theory (SALT) XIV. Itaca, NY: CLS Publications, Cornell University, 2003.

CHOMSKY, N. On wh-movement. In: CULICOVER, P.; WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (Ed.). *Formal Syntax*. New York: Academic Press, 1977. p.71-132.

_____. *Barriers*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1986.

CITKO, B. *Parallel merge and the syntax of free relatives*. 2000. 198f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Nova Iorque, Nova Iorque, 2000.

DE VRIES, M. *The syntax of relativization*. Netherlands Graduate School of Linguistics: LOT, 2002. 477 p.

FERREIRA, S. A. *Sobre a função e a forma de alguns subtipos especiais de orações relativas sem antecedente expreso do português*. 2007. 162f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Departamento de Linguística Geral e Românica, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007.

GROU, A. *Strange relatives at the interface of two millennia*. Glot International, v. 6, n. 6, p. 145-167, jun. 2002.

GROU, A. & LANDMAN, F. *Strange relatives of the third kind*. *Natural Languages Semantics*, Netherlands, n. 6, p. 125-170, 1998.

KARTTUNEN, L. *Syntax and semantics of questions*, 1975. Disponível em: <http://web.stanford.edu/~laurik/publications/archive/questions.pdf>>Acesso em: 25 set. 2015

| KATO, M. A. ; RIBEIRO, I. *A evolução das estruturas clivadas no português brasileiro*. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma. (Orgs.). Para a

História do Português Brasileiro, v. 6: A experiência dos grupos de estudo. Salvador: EDUFBA, 2007, v. Tomo I, p. 165-182.

KAYNE, R. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1994.

KENEDY, E. N. *Aspectos estruturais da relativização em português: uma análise baseada no modelo Raising*. 2002. 146f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

LEONARDUZZI, Laetitia Leonarduzzi. *La subordonnée interrogative en anglais contemporain*. 2000. 632f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) - Département des Sciences du Langage. Université de Provence, Marseille, 2000. Disponível em: <<https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00597613/document>>. Acesso em: 19 maio 2015.

LIMA, S. *Aspectos da complementação de predicados factivos e assertivos em PB*. f. 136. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2007.

MACAMBIRA, J. R. *Português Estrutural*. 4ª edição. Editora Pioneira. São Paulo. 1998.

MARCHESAN, Ani Carla. *As relativas livres em português brasileiro e os Requerimentos de Compatibilidade*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis

_____. *As relativas no Português Brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2012.

MARCHESAN, A. C.; MIOTO, C. *Relativas Livres*. In: BISPO, E. B.; OLIVEIRA, M. R. Orações relativas no português brasileiro. (2014)

MATOS, G.; BRITO, A. M. ‘The alternation between improper indirect questions and DPs containing a restrictive relative’. In María Victoria Camacho-Taboada, Ángel Jiménez-Fernández, Javier Martín-González & Mariano Reyes-Tejedor (eds.) *Information Structure and Agreement*. Linguistik Aktuell (Linguistics Today) 197. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p.01-26.

MEDEIROS JÚNIOR, P. *Sobre sintagmas-Qu e relativas livres no português*. 2005. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

MEDEIROS JUNIOR, P. *Sobre Orações Relativas Livres em Posição de Adjunto: Considerações Sintático-semânticas Acerca das Construções com Quando e Onde*. Revista de Estudos da Linguagem, v. 17, p. 47-67, 2009.

MIOTO, C.; NEGRÃO, E. *As sentenças clivadas não contêm uma relativa*. In.: CASTILHO, A.; TORRES MORAIS, M. A.; LOPES, R. V.; CYRINO, S. (Orgs.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. São Paulo, FAPESP. Campinas: Pontes, 2007. p. 159-183.

MIOTO, C. & KATO, M. A. *A multi-evidence study of European and Brazilian Wh-questions*. In: *Linguistic evidence: theoretical, quantitative and computational perspectives*, S. Kepser & M. Reis. (eds). Hague: Mouton. 2005.

MODESTO, M. *As construções clivadas no português do Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2000.

MÓIA, T. *A sintaxe das orações relativas sem antecedente expreso do português*. 1992. 163f. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.

NEGRÃO, E. V. “Tem uma história que eu quero contar que começa assim: peculiaridades de uma construção existencial”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 1992. p. 81-90.

NYE, R. *How complement clauses distribute: complementiser how and the case against clause Type*. Ghent, Belgium: University of Ghent dissertation, 2013.

PRESTES, C. M. G. *Fatores determinantes na classificação da orações subordinadas como relativas livres*. 2012. 1047f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

RAPOSO, E. *Introdução à gramática gerativa: Sintaxe do Português*. Lisboa, Moraes Editores. 1978.

RIZZI, L. *Residual Verb Second and the Wh Criterion*. Technical Reports in Formal and Computational Linguistics 2, University of Geneva, 1991.

_____. *The Fine Structure of the Left Periphery*’ MS, 1995.

_____. Residual verb second and the Wh criterion. in: BELLETTI, A; RIZZI, L. (Ed.). *Parameters and functional heads : essays in comparative syntax*. New York; oxford: oxford University Press, 1996. p. 64-90.

ROSS, J. Rt. *Constraints on variables in syntax*. 1967. 500f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, 1967.

SUÑER, M. ‘Indirect questions and the structure of CP: Some consequences’. In Héctor Campos & Fernando Martínez-Gil (eds.) *Current studies in Spanish linguistics*, 1991. p. 283-312.

SUÑER, M. La subordinación sustantiva: La interrogación indirecta. In: Ignacio Bosque e Violeta Demonte. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madri: Real Academia Española e Colección Nebrija y Belo, 1999, vol. 2, p.2149-2195.

TARALLO, F. L. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado, Universidade da Pensilvania. (1983).

VALER, S. *As sentenças relativas com núcleo nominal nos dados de fala (projeto Varsul) de Florianópolis*. 204 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Florianópolis: Florianópolis, 2008.

VAN RIEMSDIJK; H. *Free Relatives*. In M. Everaert and H. van Riemsdijk (eds.) *The Blackwell Companion to Syntax Vol. II*, pp 338-382. Oxford: Blackwell, 2000.